

LIGADOS
pela
ESCURIDÃO

um monster romance de
KEL COSTA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

LIGADOS
pela
ESCURIDÃO

um monster romance de
KEL COSTA

Copyright © 2023 Kel Costa

Capa

Ellen Ferreira

Diagramação

Kel Costa

Revisão

Raquel Moreno

Texto em conformidade com as normas do novo acordo ortográfico da língua portuguesa (Decreto Legislativo Nº 54 de 1995).

1ª edição - 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia e gravação, sem a expressa permissão da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SINOPSE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

EPÍLOGO

CONVERSINHA

AGRADECIMENTOS

SOBRE MIM



SINOPSIS

MONSTER ROMANCE
ELA ESTÁ NO “ENEMIES”, ELE ESTÁ NO “LOVERS”
HOT COM ASAS, CAUDA E GARRAS FELINAS
ELE A PROTEGE... SEQUESTRANDO ELA

Ela queria manter distância de seres como ele.
Ele é o único que não mede esforços por ela.

A única certeza que Cassandra possui em sua vida atual como cidadã de Lumiaris, a cidade natal dos elfos, que descobriu não estarem extintos, é de não querer se envolver com ninguém, seja de sua espécie ou não. Sua cota de decepção amorosa foi extrapolada e a última coisa da qual precisa é sentir o coração bobo acelerar por homens altos e bonitos, principalmente se algum deles tiver mais de um metro e noventa de altura, possuir asas enormes e alaranjadas, assim como cabelos longos que são da cor do fogo.

No entanto, o destino tem seus próprios planos quando coloca Cassandra em perigo e Praga revela seu lado extremamente protetor, dando início a uma convivência forçada que resulta em uma conexão irresistível entre os dois.

Alguns segredos de Lumiaris poderão transformar todo o presente e o futuro de Cassandra, mesmo que ela não esteja pronta para enfrentar as consequências.

MASSANDRA



CAPÍTULO 1

O jogo de cores criava o mais lindo espetáculo toda vez que eu apagava as luzes da loja no final do dia e, como todas as noites, parava para apreciar o visual antes de fechar a porta e ir embora. Estava trabalhando de forma oficial há pouco mais de quatro meses, após muita procura, e eu não podia ter desejado ocupação melhor do que essa. Passava meus dias dentro do Ateliê Restaurador de Memórias Luminosas, cercada por todas aquelas cores brilhantes e por uma energia única.

Como os elfos possuíam uma impressionante longevidade, eles tinham o hábito de guardar cristais especiais com memórias que não gostariam de esquecer ou corromper. Mas com o tempo, até mesmo essas pedras cintilantes precisavam passar por uma restauração para se manterem perfeitas, por isso o trabalho no ateliê nunca parava.

Minha função era receber os clientes e seus cristais, era uma atendente comum, mas me sentia muito bem com aquela responsabilidade. Infelizmente, mestiças como Kalliope e eu não conseguíamos transferir suas memórias como os elfos faziam, então não sabia como era a sensação de usar um cristal, mas pela forma como seus donos cuidavam deles, tinha certeza de serem extremamente importantes e preciosos.

Eu tinha acabado de trancar a fechadura quando me lembrei de ter deixado minha bolsa sobre o balcão, então entrei de novo na loja para pegá-la. O sino da porta tocou atrás de mim, trazendo com ele uma brisa suave que fez os sinos coloridos pendurados no teto balançarem levemente, criando um espetáculo de cores dançantes pelo ambiente. Ao me virar, me deparei com uma elfa de estatura mediana, cabelos da cor lilás que caíam em ondas até a cintura e olhos cor de esmeralda que pareciam guardar séculos de histórias.

O certo seria avisar que estávamos fechados e pedir que ela voltasse no dia seguinte, mas com um rápido olhar na direção da mulher, eu soube que era muito velha e jamais teria coragem de recusar o atendimento de alguém tão antiga. Havia algo diferente nos elfos que não era encontrado no olhar dos mestiços. Uma energia e um poder como nenhum outro, que me fazia sentir como se não fosse absolutamente nada diante de qualquer um deles.

— Olá! — cumprimentei, buscando transmitir a calma e a serenidade que o ambiente da loja inspirava. — Como posso ajudar?

Ela se aproximou do balcão, seus dedos esguios segurando com delicadeza um cristal azul-pálido, que, mesmo à primeira vista, parecia ter perdido parte de seu brilho.

— Este é um dos meus cristais mais antigos — começou a senhora, sua voz suave como o murmúrio de um riacho. — Guarda a memória de meu primeiro amor, mas, como pode ver, parece que está desbotando.

Primeiro amor. Há quantos anos isso deve ter acontecido? Ela certamente não era desse século.

Assenti, estendendo a mão para receber o cristal e, mesmo sem poder sentir a memória contida nele, a energia que emanava da pedra era fraca.

— Vamos fazer o possível para restaurá-lo — prometi com um sorriso e entreguei o formulário que a cliente deveria preencher com seus dados.

Minha função a partir daquele momento era simplesmente retirar uma pequena bolsa aveludada da gaveta, colocar o cristal dentro dela e acomodá-lo num dos espaços vazios da estante, onde ele ficaria até chegar sua vez de ser restaurado por um dos Encantadores. Ainda assim, eu me sentia honrada por

fazer parte desse processo e saber que me achavam confiável o bastante para isso.

Esperiei que a mulher fosse embora para voltar a apagar todo ateliê, e estava tão absorta em meus pensamentos que quase não notei a presença *dele*.

Praga.

Seu porte imponente preenchia a entrada da loja, e mesmo à distância, podia sentir o calor de seu olhar. A pessoa mais insistente que eu conhecera em toda a minha vida.

— O que você quer? — perguntei sem me dar ao trabalho de cumprimentá-lo.

— Absolutamente nada — respondeu ele, com um sorriso de canto que mostrava o quanto se divertia com a situação. — Estava apenas passando por perto e vim conferir como você está.

Revirei os olhos sem esconder a reação, porque eu sabia que era uma desculpa muito esfarrapada. Praga e Morte, por mais que fossem seres bem-vindos ali em Lumiaris, não ficavam simplesmente transitando como se estivessem passeando. A criatura de cabelos ruivos estava claramente tomando conta da minha vida, como fazia desde que nos conhecemos. E o pior, era que alguém como ele nunca passava despercebido, o que significava que quando estava perto de mim, eu também ganhava certa evidência.

Convenhamos, quem seria o elfo em sã consciência que gostaria de fazer amizade com a garota que convive com Morte e Praga? Eu seria a eterna excluída da sociedade porque ninguém ousaria se aproximar muito.

— Como pode ver, estou ocupada — respondi, caminhando na direção dele e esperando que saísse da loja para que eu pudesse fechá-la.

Seu corpo era enorme, mas seus passos podiam ser tão silenciosos quanto de um gato. Observei-o recuar de braços cruzados até parar na calçada e manter os olhos sobre mim.

— Sempre tão séria, Cassandra. Você deveria relaxar um pouco.

— E você deveria parar de me seguir — retruquei, sentindo a irritação crescer.

Suspirei, sabendo que não adiantaria discutir. Praga era teimoso e por ser imortal, tinha todo o tempo do mundo, ao contrário de mim. Parecia que quanto mais eu recuava ou o afastava, mais ele se alimentava com o que achava ser uma brincadeira e se energizava com meu temperamento.

— Você não tem mais o que fazer? — provoquei, encarando-o enquanto trancava a porta da loja. O brilho das luzes mágicas da cidade refletia em seus olhos, dando-lhes um tom ainda mais intenso.

O filho da mãe era bonito como ninguém mais conseguia ser, e isso só aumentava a minha raiva, porque diversas vezes meus olhos me traíam e eu o observava por mais tempo do que deveria.

— Estou tirando uma folga — respondeu ao estalar a língua e dar de ombros. — Parece que Guerra e Fome estão trabalhando o suficiente e a humanidade está se matando por conta própria. — Então, ele arregalou os olhos de forma muito dramática quando comecei a caminhar pela calçada. — Além do mais, sabemos que eu gosto da sua companhia.

— Mesmo quando claramente não sou receptiva?

Praga riu, uma risada profunda e contagiante.

— Principalmente nesses momentos. Você fica ainda mais interessante quando está irritada.

— Você é impossível. — Apertei a alça da bolsa em meu ombro e mantive o olhar fixo na paisagem à minha frente, só para não dar o gostinho de olhar o filho da mãe e deixar que notasse minhas bochechas coradas.

— E você, irresistível — rebateu.

Não caia na dele, Cassandra, murmurei mentalmente.

— Preciso ir pra casa, Praga. E sugiro que faça o mesmo.

Pelo canto do olho, percebi que fez uma reverência exagerada.

— Como desejar, senhorita, mas saiba que estarei por perto — o conquistador barato piscou — caso mude de ideia.

— Não conte com isso — respondi, ignorando mais uma das intermináveis cantadas.

Ele sumiu como quem evaporava com o vento e voltei a ficar sozinha. A sensação de sua presença ainda permanecia, como uma sombra que se recusava a desaparecer, porque a verdade era que Praga nunca tinha desgrudado de mim desde que nos conhecemos.

Tudo por causa de Kalliope. Se ela não tivesse se envolvido com Morte, se apaixonado por ele e decidido viver daquela maneira inusitada, eu nunca teria cruzado o caminho do deus de asas alaranjadas. E tudo bem, eu sabia que aqueles quatro seres poderosos não era exatamente divindades, mas pareciam ser e eu nunca consegui achar nenhum outro termo que se adequasse melhor a eles.

Praga tinha uma espécie de obsessão por mim e não importava quantas vezes eu deixasse claro que queria distância dele. Vivi de perto tudo o que minha melhor amiga viveu e a certeza que habitava meu coração era a

de que eu não pretendia repetir os erros de Kalliope. Ela sempre me dizia para dar uma chance a Praga, tentar conhecê-lo melhor. Mas eu não podia. Sabia o preço que precisava se pagar ao se envolver com seres como ele, e não estava disposta a isso.

Passei a mão pelos cabelos, tentando afastar os pensamentos sobre o dono das asas bonitas e me concentrar no caminho de casa. Andar pelas ruas de Lumiaris era como desfilarmos num paraíso de sons e cores deslumbrantes. Mesmo depois de alguns anos vivendo aqui, ainda era possível me perder pelo mundo de vidros e cristais, onde a natureza parecia entoar sua própria melodia.

Logo alcancei a Alameda das Auroras, a rua que era iluminada por luzes que imitavam o nascer do sol e banhavam o caminho em tons de rosa e laranja. Era através dela que se podia acessar a área residencial onde eu vivia, uma comunidade enorme de grandes troncos que recebiam as belas construções.

Aquela residência estava vazia e foi cedida a mim e a Kalliope quando chegamos na cidade, mas desde que minha amiga se mudou de vez para morar com Morte, eu permaneci sozinha. Era composta de cômodos pequenos, porém aconchegantes, e possuía uma paisagem incrível, pois ficava numa região bem elevada dentro da comunidade. As paredes eram todas em vidro e qualquer elfo podia tocar sua mão no material para alterar a transparência dele, irradiando mais ou menos luminosidade para o interior da casa. Como eu era mestiça e não havia essa corrente de energia em meu toque, o vidro mantinha sempre o seu aspecto padrão, totalmente fosco.

De qualquer forma, eu amava o meu cantinho. Havia conseguido deixá-lo do meu jeito e me sentia muito confortável ali. Por mais que Morte, Kalliope e Praga

tivessem insistido para que eu morasse com um deles, me mantive firme na minha escolha de ter um lugar só meu, longe e a salvo da confusão que era a vida daquelas criaturas divinas.

Era muito bom me sentir útil e parte de algo maior. Cada dia morando em Lumiaris era uma nova aventura, uma página em branco, pronta para ser preenchida com novas experiências e aprendizados. Queria fazer amizades, conhecer as tradições e suas histórias, e nada disso seria possível se ficasse isolada do outro lado da barreira.

Depois de tirar meus sapatos, troquei de roupa, fiz um coque nos meus cabelos que estavam ainda mais longos e preparei um chá de ervas calmantes para me fazer companhia enquanto me aconchegava no sofá e pegava o livro que estava lendo há alguns dias. Não era uma história de ficção e, sim, sobre a Lenda da Sombra Primordial, uma história perdida que falava sobre a origem de Lumiaris e dos deuses. Quanto mais eu lia, mais percebia a sorte que tinha por ter chegado até ali e poder viver entre aqueles seres mágicos e tão poderosos.

DRAGA



CAPÍTULO 2

A manhã estava nascendo e tingindo o céu de Taraen com tons de laranja e rosa, enquanto meus pensamentos estavam em Cassandra, aquela criatura de nariz em pé que, de alguma forma, havia capturado minha atenção de uma maneira que ninguém mais conseguiu durante toda a minha existência. De acordo com Morte, eu me sentia assim justamente porque ela se fazia de difícil, considerando que estava muito acostumado a ter quem quisesse a qualquer momento.

Guerra e Fome andavam tão ocupados e criativos, que ultimamente eu mal precisava me dar ao trabalho de espalhar minhas mazelas pelo mundo, pois aqueles dois sozinhos já vinham causando sua própria destruição à medida que as décadas se passavam.

Isso significava que eu nunca havia me sentido tão entediado quanto neste último século, e felizmente, agora podia me ocupar com algo diferente que fazia valer a pena a minha atenção. Por isso, quase todas as noites eu ia observar Cassandra fechar a loja onde trabalhava só para poder trocar algumas palavras com ela e ver a garota se irritar com minha presença.

Naquele dia em particular, decidi mudar um pouco a minha abordagem. Em vez de esperá-la fechar a loja, fiz uma visita inesperada logo na primeira hora da manhã. Ao contrário de Morte, que era temido e só gostava de fazer aparições cinematográficas, eu tinha o costume de transitar pelo continente e me deixar ser visto pelos elfos e demais seres que coexistiam ali. Portanto, vesti roupas básicas e comuns, e fui visitar a semi que me causava insônia.

A loja estava movimentada com a presença de alguns clientes, era fascinante ver como os elfos valorizavam suas lembranças, algo que, para seres como eu, se tornava apenas mais um detalhe em nossa eterna

existência. Cassandra estava atrás do balcão, conversando toda sorridente com uma mulher de cabelos prateados e, assim que me viu, seus olhos se estreitaram em pura irritação.

Não era a minha intenção atrapalhar seu trabalho e como ela estava atendendo, aproveitei a oportunidade para explorar o local e dar uma olhada pelas prateleiras de exposição. As memórias contidas naquela loja não eram minhas, mas o que os elfos não sabiam era que podíamos sentir as emoções presentes em cada cristal. Por isso, eu evitava ir até ali, pois sempre me via abarrotado com todos aqueles sentimentos, uns tristes, outros felizes, alguns carregados de raiva e até mesmo com desejos sexuais.

Depois de alguns minutos de espera, quando finalmente Cassandra ficou livre, ela veio até mim com uma expressão impaciente.

— O que você quer, Praga? — perguntou, cruzando os braços.

Tão baixinha, que eu precisava me controlar para não esticar a mão e afagar os cabelos escuros. Ficava irresistível quando erguia o queixo e jogava a cabeça para trás a fim de me encarar, franzindo a testa e formando um bico frustrado com os lábios bonitos e rosados.

— É desse jeito que você atende um possível cliente? — questionei.

— Mesmo que suas asas estejam escondidas, acho difícil conseguir se disfarçar e enganar qualquer pessoa deste lugar. — Kassie levou as mãos à cintura. — Agora está se fazendo de sonso?

— Lógico que não. — Sorri quando vi sua sobrancelha arquear. — Só vim admirar os cristais.

Ela revirou os olhos.

— Você não se cansa, né?

— De olhar para a sua beleza? — Toquei seu queixo com a ponta do meu dedo e a peguei de surpresa. — Não me canso.

Eu nem falava isso para causar algum efeito, porque era a mais pura verdade. Cassandra possuía olhos claros que, dependendo da luz, podiam ir do azul a um tom mais esverdeado. Sua pele branca contrastava com os cabelos lisos e tão escuros como a noite, e os fios eram tão longos que passavam por sua cintura e se acomodavam na curva deliciosa de seus quadris.

— Você é a pessoa mais insistente que eu conheço — murmurou, estalando a língua e se virando para sorrir na direção de uma cliente que acabara de entrar na loja. Em seguida, virou o rosto e me olhou por cima do ombro. — Devia usar melhor o seu tempo, já que além de tirar minha paz em casa, ainda vem me azucrinar o juízo no trabalho.

— Em casa?

Kassandra não parece ter dado importância para o meu questionamento, pois logo se afastou para fazer um atendimento e me deixou com aquela curiosidade. Eu nunca tinha ido à casa dela, apesar de saber exatamente onde ficava. Costumava me contentar somente em observá-la fazer o caminho do trabalho até lá em segurança, e depois ia seguir minha vida. Realmente não entendi o sentido daquela frase e, por isso, gostaria que me explicasse melhor.

Usei toda a minha paciência secular para esperar que Cassandra atendesse a elfa de cabelos dourados e, quase meia hora depois, ela voltou a se aproximar de mim com um olhar desafiador.

— Sério mesmo que vai só ficar aqui ocupando espaço?

— O que você quis dizer com "em casa"? — perguntei, sem rodeios.

— Como assim? — Notei seus olhos piscarem rapidamente parecendo tentar se situar com a pergunta. — Ah! Isso? É que, às vezes, sinto sua presença por perto, como se estivesse me observando. E não me diga que estou errada, porque eu *sei* que não estou.

Não consegui conter meu sorriso quando me inclinei para a frente e me aproximei de seu pequeno rosto.

— Você sempre foi tão observadora assim?

— Não é questão de ser observadora. — Cassandra levou as mãos à cintura fina e desviou o olhar. — É que você tem uma energia... diferente. E eu consigo sentir quando está por perto.

— Então você admite que sente minha presença?

Ela revirou os olhos.

— Só estou dizendo que sei quando você está por perto. E, sinceramente, não gosto disso. Me sinto vigiada.

Assenti, respirando fundo e ajeitando a minha postura, tentando conter meu sorriso que queria aumentar porque sabia que estava prestes a irritar a pequena criatura.

— Sei exatamente por que você se sente assim — declarei e notei sua atenção sobre mim. — É porque está apaixonada. Afinal de contas, este é o único motivo pra sentir tanto a minha presença, quando eu na verdade, não tenho o costume de ficar rondando e a observando em casa.

Os olhos bonitos se estreitaram naquela linha fina que a deixava ainda mais atraente e eu quase podia ver o sangue tomar conta do rosto delicado e a deixar vermelhinha de raiva. Era desse tipo de combustível que eu me alimentava, e aquele dia não podia ter começado

melhor. Cassandra ainda teve a ideia de espalmar as duas mãos minúsculas em meu peito, me causando sensações deliciosas, enquanto me empurrava para trás com toda a força que achava que tinha.

— Some da minha frente antes que eu mate você! — ameaçou, enquanto eu gargalhava e deixava meus pés deslizarem no chão para que a gata selvagem pensasse que estava tendo êxito.

— Eu permito que me mate — murmurei, causando ainda mais irritação na baixinha que me expulsava da loja. — Me mate de amor.

Quando pisei no degrau de entrada do estabelecimento, voltei ao meu normal e parei de me movimentar. Segurei as mãos delicadas antes que Cassandra pudesse se afastar e deslizei meus dedos pelos pulsos finos.

— Falando sério agora, eu apenas a sigo pela rua, não fico rondando sua casa.

Ela suspirou, parecendo cansada.

— Eu já te disse que não preciso de um guarda-costas — murmurou. — Sou perfeitamente capaz de viver sozinha.

— Eu sei que é — concordei. — Mas isso não significa que eu não possa me preocupar com você. Taraen não é como Litopanae, onde nasceu e viveu boa parte da sua vida. Este continente possui seres que nem você, nem Kalliope, jamais conheceram ou souberam da existência.

— Eu sei sim sobre eles, pois tenho lido bastante nos últimos meses. — Cassandra balançou a cabeça e puxou as mãos, recuando alguns passos e cruzando os braços. — De qualquer forma, isso não importa. Me responda então por que está matando minhas plantinhas?

— Eu... o quê?

Senti vontade de rir porque dessa vez realmente não fazia ideia a que a garota se referia, mas consegui me controlar para não atrapalhar a conversa. Cassandra pareceu ponderar por um momento, antes de suspirar.

— Minhas plantas estão doentes, Praga, e eu sei que você... — ela foi interrompida pelo som da campainha da loja, indicando a chegada de outro cliente.

— Acha que minha função é atacar plantas caseiras?
— Sorri sem me importar. — Você é muito fofa!

Sua expressão se tornou azeda rapidamente e ela se virou para atender o cliente, mas antes de se afastar, sussurrou:

— Nós conversamos depois.

Mais outras duas pessoas entraram na loja e percebi que Cassandra precisaria de um tempo para dar conta de todo mundo. Portanto, fui embora com um sorriso no rosto ao perceber que a semi não possuía nenhuma ideia do que eu fazia durante toda a minha existência.

MASSANDRA



CAPÍTULO 3

O céu de Lumiaris estava tingido de tons de roxo e dourado, anunciando o início da noite, e as luzes mágicas da cidade começavam a brilhar, refletindo nos cristais e criando um espetáculo de cores. Acho que nunca me cansaria da beleza daquele lugar, mesmo que o tempo passasse cada vez mais.

Sorri para cumprimentar alguns elfos que encontrei pelo caminho depois que saí da loja, afastando a sensação de insegurança que sempre me assombrava quando eu deixava os pensamentos correrem soltos pela minha mente. Kalliope dizia que eu precisava me acostumar se quisesse viver entre eles, e que não fariam nada contra mim porque sabiam que eu possuía a proteção de Morte e Praga. Mesmo assim, de vez em quando eu ainda sentia um ou outro olhar julgador e essa sensação nunca era legal.

Estava tão perdida em pensamentos que quase não percebi quando ele apareceu ao meu lado. Seu sorriso irônico e olhar penetrante me pegaram de surpresa e quase me fizeram tropeçar em meus próprios pés.

— Eu a deixo nervosa? — perguntou com uma voz rouca, porém, com um leve tom de divertimento.

— Não achei que fosse vê-lo novamente hoje.

Continuei meu caminho, mas era irritante observar que por mais rápido que eu andasse, meus passos nunca o deixariam para trás se considerasse o tamanho das minhas pernas em comparação com as dele. E apesar de Praga estar vestido com roupas comuns, com os cabelos presos num rabo de cavalo e as asas escondidas, era impossível esquecer que aquele homem não era um ser vivo como qualquer outro.

— Você me acusou de estragar suas plantas — murmurou, estalando a língua e tomando a minha frente.

— Preciso entender do que está falando e por qual motivo estou sendo visto como vilão.

Parei de andar para não me chocar contra seu corpo e praguejei mentalmente contra minha própria estupidez. Onde estava com a cabeça para falar sobre as minhas plantas para ele? Quer dizer, eu tinha certeza de que Praga era o culpado, mas não pretendia exteriorizar minhas suspeitas porque de nada resolveria.

— Não é como se você tivesse uma boa reputação, certo? — retruquei, cruzando meus braços. — E, de repente, minhas plantas começam a murchar e morrer. Não é difícil ligar os pontos.

Ele arqueou uma sobrancelha, um sorriso divertido brincando em seus lábios.

— Então, você acha que eu estou aqui, em Lumiaris, sabotando suas plantinhas? — Praga riu com um som profundo e eu senti um calor subindo pelo meu pescoço. Era irritante como ele conseguia me tirar do sério com tanta facilidade.

— Não é engraçado — resmunguei. — Minhas plantas são importantes pra mim.

O homem de cabelos amarrados tocou meu queixo antes que eu pudesse me afastar e seu rosto chegou muito perto do meu. Com a cidade toda acesa e brilhante à noite, os olhos de Praga pareciam ainda mais bonitos do que já eram. Eles possuíam naturalmente uma coloração castanha muito puxada para o mel, mas vez ou outra, alguma coisa acontecia que os deixava amarelos com os olhos de um gato.

— Talvez você pense tanto em mim, que acaba me culpando por tudo o que acontece ao seu redor, mas eu não tenho motivo algum para prejudicar suas plantas. — Ele arqueou a sobrancelha direita. — Não é do meu feitio atacar algo tão... inofensivo e inútil.

Eu o encarei, tentando decifrar a sinceridade em seus olhos. Era difícil acreditar que não tinha nada a ver com isso, mas algo em sua expressão me dizia que ele estava falando a verdade.

— Já parou pra pensar que você pode não saber cuidar delas? — questionou, sorrindo e recuando. — Para a sua sorte, estou disponível para ir até sua casa e dar uma olhada no problema.

— E por que você perderia seu tempo com isso? — perguntei, desconfiada.

Seria apenas uma desculpa para ter acesso à minha casa? Eu me fiz esse questionamento em silêncio, mas com o sorriso que o grandalhão deu, nem precisaria da resposta.

— Talvez porque eu queira provar que não sou o vilão que você pensa que sou. Ou talvez porque eu simplesmente queira passar mais tempo com você.

Meu corpo me traiu quando senti meu rosto esquentar, anos se passaram e eu ainda não tinha me acostumado com o jeito extremamente direto de Praga. Ele se jogava o tempo todo para cima de mim e não se importava com todos os foras que recebia. Era preciso muita concentração e jogo de cintura para me manter longe de suas mãos e flertes, mas eu sempre resistia, principalmente quando me lembrava das coisas que Kalliope contava sobre Morte no início de seu relacionamento.

Praga continuava me encarando, até que soltei um suspiro e continuei minha caminhada, ciente de que estava fazendo uma grande besteira.

— Você pode entrar em minha casa — murmurei, tentando manter a compostura. — Mas tenha em mente que será apenas para olhar as plantas.

Ele riu, um som suave e contagiante que fez com que até mesmo os transeuntes ao redor olhassem em nossa direção.

— Prometo, Cassandra, que minhas intenções com suas plantas são puramente profissionais — ele piscou, claramente se divertindo com a situação.

Senti que Praga estava caminhando atrás de mim propositalmente, talvez para olhar por mais tempo do que o necessário para a minha bunda.

— Não sei por que estou fazendo isso — murmurei, mais para mim mesma do que para ele.

— Eu sei que o meu charme é irresistível.

O melhor a fazer era não responder, porque ele sempre teria uma resposta na ponta da língua. Sendo assim, foquei apenas em fazer o meu caminho de sempre, e nem pude apreciar cada segundo daquele momento, como gostava de fazer todas as noites.

Era estranho ter Praga caminhando comigo, considerando que eu estava sempre sozinha e ele era uma criatura que não se adequava a nenhuma outra existente em Lumiaris. Estava bem claro que os elfos o conheciam e o respeitavam, mas isso não impedia que recebesse um olhar ou outro de espanto. Não devia ser comum para eles encontrar com o dono dos cabelos de fogo andando de forma despretensiosa por suas ruas.

Chegamos à minha casa e eu hesitei por um momento antes de abrir a porta. Sabia que àquela altura, Praga já conhecia de cor o meu endereço, mas recebê-lo ali dentro era muito diferente. Parecia estranho permitir que entrasse em meu espaço pessoal, mas algo me dizia que essa era apenas a primeira de muitas vezes.

— Entre... mas não fique à vontade — murmurei, dando um passo para o lado para que ele pudesse passar pela porta.

Praga olhou ao redor, claramente impressionado com o que viu.

— Pequeno, mas aconchegante. — Seus olhos logo se fixaram nos vasos de plantas espalhados pela sala.

Pensei que fosse se aproximar de alguma para avaliar o problema de perto, mas Praga se virou imediatamente para mim, com os lábios inclinados de leve numa espécie de sorriso e uma sobrancelha muito arqueada.

— Você realmente estava falando sério sobre as plantas? — perguntou e eu assenti. — Não pode ser verdade.

— O quê?

— Elas estão se afogando — respondeu, soltando uma risada baixa e se aproximando do vaso perto do pequeno sofá. — Não precisa ser nenhum gênio para perceber isso, Cassandra.

Não queria acreditar que Praga tinha razão, porque isso faria eu me sentir muito idiota. Como assim eu mesma estava causando a morte das minhas plantas?

— Mas... — murmurei, sem saber o que dizer. — Eu não...

Observei-o tocar a terra úmida e enfiar os dedos por dentro dela, até que se afastou segundos depois e foi repetir o gesto em outro vaso.

— Não sei qual o seu conhecimento a respeito da flora de Tāraen, mas muitas coisas que existem aqui, são diferentes das que existem em Litopanae. — Praga limpou as mãos na calça quando terminou seu trabalho e se sentou no meu sofá, ocupando todo o espaço dele. — A chuva neste continente é mais escassa, portanto, a magia dos elfos contribui para que as plantas não necessitem tanto de água.

Engoli em seco quando a criatura abriu os braços sobre o encosto do sofá e se acomodou de uma maneira muito relaxada. Por fim, ele ainda soltou os cabelos e lançou um sorriso na minha direção.

— Não vai oferecer nada para a sua visita?

— Você não é visita.

— Acabei de salvar todas as suas plantinhas — rebateu o exibido, soltando um suspiro alto. — É assim que sou retribuído, com tanta ingratidão?

Revirei os olhos, cruzando os braços sobre meu peito. Decidi não fazer muito contato visual com ele, porque já tinha entendido que Praga adorava aquilo e usava cada oportunidade para brincar comigo.

— O que você quer, *Oh Senhor Salvador de Plantas*? — perguntei. — Água? Chá? Ou talvez um pouco de humildade?

Ele gargalhou e o som contagiante ecoou pela minha casa.

— Humildade não é muito o meu estilo, como você bem sabe — respondeu, dobrando uma perna sobre o joelho. — Para ser sincero, acho que nada que você possua na cozinha seja do meu agrado. Mas posso fingir que me interesse pela culinária terrestre e aceitar um chá.

Evitando soltar um xingamento, fui até a cozinha e comecei a preparar a porcaria da bebida. Enquanto a água esquentava, não pude deixar de pensar em como Praga tinha uma habilidade incrível de me tirar do sério e, de vez em quando, me deixar completamente desnorteada. Era uma combinação perigosa e eu sabia que precisava manter minha guarda alta.

— Chá de quê? — gritei da cozinha.

— Surpreenda-me — ele respondeu e eu pude ouvir o riso em sua voz.

Optei por camomila porque era o que eu tinha mais próximo de mim no momento. Quando voltei para a sala, notei que o irritante estava folheando um dos meus livros, parecendo genuinamente interessado.

— Lendo sobre as lendas de Lumiaris? — perguntou.

— Sempre é bom conhecer mais sobre o lugar onde se vive, não acha?

— Sim.

Praga fechou o livro e o devolveu à mesinha, pegando a xícara com o chá e a levando à boca tão rápido que não consegui ter tempo para avisar sobre a temperatura. No entanto, ele bebeu como se fosse água fresca, tudo num único gole, até voltar a se recostar no sofá e me encarar. Estava muito quente, mas acho que uma criatura como aquela devia ter uma resistência também sobrenatural.

Deixei a questão de lado e observei meu livro, lembrando-me de muitas coisas que já tinha lido desde que chegara em Lumiaris. Havia alguém diante de mim que, provavelmente, possuía muitas respostas para as diversas perguntas que eu tinha, então decidi aproveitar a presença de Praga em minha casa.

— Os sombrios realmente existem? E os tais... caçadores de magia?

Praga arqueou uma sobrancelha, claramente surpreso com minha pergunta.

— Sim, existem. Os sombrios habitam as partes mais escuras e esquecidas de Taraen, lugares onde a luz e a magia mal tocam.

Engoli em seco, lembrando-me das histórias assustadoras que li sobre aquelas criaturas.

— E os caçadores de magia? — insisti, curiosa.

Praga soltou uma risada baixa, quase um rosnado.

— Ah, esses são mais complicados — respondeu. — Não há bem um termo que os defina... Mas são seres que caçam não somente os elfos, mas qualquer um que possua magia, buscando absorver sua essência e poder.

Senti um arrepio percorrer minha espinha. A ideia era aterrorizante.

— E você? — perguntei, tentando mudar de assunto. — Já teve algum problema com um deles?

— São espertos o suficiente para preservarem a própria existência e não cruzarem nossos caminhos.

Praga se levantou, encerrando o assunto, e deu alguns passos até a porta do meu quarto. Não era muito difícil explorar toda a minha casa porque se tratava de um espaço pequeno, mas mesmo assim, era muita cara de pau dele agir como se tivesse ganhado alguma liberdade para isso.

— O que está fazendo? — perguntei quando fez menção de entrar no cômodo, colocando-me em seu caminho para impedir sua passagem.

— Queria saber onde dorme. — Ele sorriu e tocou a ponta da minha orelha. — Precisava calcular o tamanho da cama, pois sou muito grande.

Dei um tapa naquele rosto impecável porque foi a única reação que tive, tão chocada estava. Senti a palma da minha mão arder de imediato, mas nem pensei muito nisso, porque logo levei um susto quando as enormes asas se abriram de repente, exibindo uma envergadura poderosa.

Eu podia ter ficado louca, mas jurava ter ouvido um rosnado forte partir de dentro do peito de Praga, enquanto ele sorria e me puxava pela nuca. Senti como

se os seus dedos afotassem a minha pele num carinho estranho para a situação.

— Não... não sei por que bati — murmurei, ainda em choque — em você...

— Bata novamente — ele pediu num sussurro, agitando as asas que derrubaram todos os enfeites das prateleiras da sala.

Enquanto o maluco me encarava, finalmente saí do choque e dei um tapa no braço dele para que me soltasse. Tinha perfeita noção de que, se Praga realmente quisesse, ele podia simplesmente me imobilizar e fazer o que tivesse vontade, mas ainda era alguém com certo raciocínio e mantinha um mínimo de respeito por mim. Por isso, mesmo sem tirar o sorriso convencido do rosto, ele recuou e baixou a mão com a qual tocava minha nuca.

— Não devia ter dado o tapa, sinto muito — pedi, pois não era uma pessoa agressiva. — Mas você saiu um pouco dos seus limites. É melhor ir embora.

— Eu vou. — Suas asas se retraíram. — Mas o quanto antes você entender que pertence a mim, melhor.

— Quanto antes você entender que eu não quero nada com homem nenhum, mais rápido irá retomar sua vida e seus afazeres — rebati, empurrando-o para trás até que estivéssemos novamente na minha pequena sala. — Trabalhei o dia inteiro, Praga. Gostaria de descansar agora.

Ele assentiu enquanto voltava a prender os cabelos, mas não deixou de piscar para mim antes de se virar e caminhar em direção à porta. Contei os segundos para me livrar daquela presença sufocante, tinha sido interação demais para um único dia. Então, antes de me

deixar em paz, Praga soltou uma risadinha sarcástica e me olhou por cima do ombro.

— Não sou um homem, gatinha selvagem. Não como você conhece.

Com um aceno, Praga saiu da minha casa, deixando-me com um turbilhão de emoções e pensamentos. Por que ele tinha esse efeito sobre mim? Era óbvio que a criatura não era um ser humano, nem um elfo, nem nada parecido com o que eu conhecia como “homens”, mas eu precisava mesmo ficar pensando nisso e tentar desvendar seus mistérios?

DRAGA



CAPÍTULO 4

Fui recebido com um aroma doce e levemente amadeirado que permeava os cômodos da casa de Kalliope e Morte. A semi estava na cozinha, e pelo barulho, parecia preparar algo. Ela gostava muito de criar comidas que, depois de passar horas preparando, nos obrigava a experimentar. Se dependesse unicamente de mim, eu recusaria todas, mas Morte deixava bem claro que para entrar na residência deles, era preciso fazer todas as vontades de sua mulher grávida.

— Chegou bem na hora do aperitivo — disse o infeliz ao me ver, me lançando um sorriso diabólico. — Kalliope está separando uma fornada de *cookies*.

— São de sálvia com flor de mel e uma pitadinha de pimenta doce — murmurou a semi com uma barriga enorme.

Eu me senti levemente enjoado só de imaginar o gosto que aquela desgraça teria, mas coloquei um sorriso falso no rosto e me aproximei da garota, deixando um beijo no topo de sua cabeça.

— Não vou comer, pois sei que Morte adora devorar as guloseimas que você prepara — declarei.

Kalliope lançou-me um olhar de falsa indignação, colocando a mão na cintura.

— Sempre com as suas desculpas! — exclamou, balançando a cabeça. — Mas não se preocupe, eu fiz uma fornada especial só para você e Cassandra.

Meu foco se prendeu ao nome da garota, que eu não tinha visto ainda por ali. Seria sinal de que apareceria em algum momento? Agucei meus sentidos para tentar captar o cheiro dela, mas acabei me desconcentrando quando vi Morte rir de mim e levar um dos *cookies* à boca.

— Estão deliciosos, como sempre, meu amor — ele mentiu.

— Claro que estão — Kalliope respondeu, com um sorriso orgulhoso, levando a mão à barriga. — Sabe que faço com muito carinho. Acho que a maternidade está me transformando...

Antes que eu pudesse protestar, ela me entregou um *cookie* e eu não tive escolha a não ser dar uma mordida. Apesar de não precisarmos nos alimentar, também não havia nenhum empecilho em consumir qualquer coisa, mas não significava que não sofríamos quando a comida em questão era ruim. Por isso, engoli depressa o pedaço do doce tenebroso e amargo, e sorri para a grávida.

— Está... aceitável.

— Sempre tão difícil de agradar, Praga. — Morte balançou a cabeça, me colocando como vilão. — Kalliope adora sua companhia, mas você nunca faz nada para retribuir. Nem mesmo é capaz de elogiar a comida dela.

Eu estava prestes a responder quando senti o cheiro de Cassandra. Ele me deixava inebriado e ansioso, mesmo que a garota estivesse ainda a alguns metros de distância da porta de entrada.

Quando chegou e foi recebida por Kalliope, tomei um tempo para notar como estava linda. Os cabelos escuros caíam em ondas soltas sobre os ombros e os olhos claros brilhavam com animação, do jeito que ela sempre ficava quando estava perto da amiga.

A primeira coisa que fez foi se inclinar e beijar a barriga da grávida, apoiando a cabeça sobre a região e sorrindo de um jeito delicado.

— Quando será que eu vou ver o rostinho dessa criança? — perguntou, mesmo que ninguém soubesse

responder com exatidão, pois aquela não era uma gestação normal.

Kalliope passou a mão pelos cabelos de Cassandra, um gesto cheio de carinho e cumplicidade entre as duas.

— Eu sinto que não deve demorar muito — respondeu, com um sorriso sereno. — A sensação que tenho é de que cada vez mais, o espaço está muito pequeno aqui dentro.

Kassandra se endireitou, ainda com o sorriso no rosto, e então seus olhos encontraram os meus. Havia uma espécie de faísca ali, algo que eu não conseguia decifrar completamente, mas que me atraía de maneira irresistível. Ela até podia me detestar, mas eu sabia que não era imune a mim.

— Oi, gatinha selvagem.

— Não sabia que também estaria aqui — respondeu, revirando os olhos ao passar por mim e se sentar numa cadeira, sorrindo para Morte. — De que adianta você ser o Todo Poderoso se não sabe escolher suas amizades?

Ele soltou uma risada enquanto se aproximava de mim e apertava meu ombro.

— Praga tem suas qualidades, você só precisa olhar mais de perto.

— Prefiro manter minha visão intacta, obrigada — a garota rebateu, pegando um *cookie* de cima da mesa e o mordendo com um ar desafiador.

Foi delicioso notar sua expressão mudar para uma mais dolorosa conforme seu rosto esboçava uma careta ao mastigar. Ela se virou para trás onde Kalliope estava e balançou a cabeça.

— Eu espero que quando seu bebê nascer, você não tenha mais tempo para ficar na cozinha — declarou. — Seu namoradinho tem colhões pra dizimar uma cidade

inteira, mas não tem coragem de dizer na sua cara o quanto você cozinha mal.

Kalliope arregalou os olhos e os direcionou imediatamente para Morte, que eu vi coçar a nuca e lançar um olhar gélido para Cassandra.

— Está tão ruim assim? — A grávida fez uma careta e começou a acumular lágrimas nos olhos.

Até eu sabia que não se devia ser tão duro com uma mulher enquanto ela carrega um bebê na barriga, porque os hormônios costumam deixar tudo confuso e aumentar a sensibilidade da grávida. Mas Cassandra era do tipo direta que não guardava a maioria das coisas que pensava, por isso, não tinha tanto tato para determinadas situações.

Morte se levantou depressa e pegou dois *cookies*, enfiando um na minha boca e outro na dele, enquanto se aproximava de sua mulher e a abraçava pela cintura.

— Claro que não! A Cassandra é que tem um paladar diferenciado — murmurou, beijando a testa de Kalliope, enquanto eu engolia à força o doce horrível. — Praga e eu não pensamos como ela.

Balancei a cabeça em negação e mantive um sorriso no rosto.

— Não mesmo — menti. — Eu gosto das suas comidas.

Encarei Cassandra, que se deu conta do que tinha falado e jogou os braços para o alto, se levantando rapidamente e soltando uma gargalhada forçada.

— Eles têm razão, amiga! — disse ela. — O problema sou eu, porque acordei azeda hoje, sabe? Não ligue pra mim.

Por obra do destino, o bebê resolveu intervir para melhorar o humor de sua mãe, pois a semi logo

esqueceu do choro e soltou um gritinho de felicidade, levando a mão até um lado da barriga e abrindo o maior sorriso de todos.

— Estou recebendo chutes!

Eu sempre escutava Morte falar por horas a fio sobre como era interessante sentir esses momentos únicos do bebê deles e, por isso, corri até onde os dois estavam e toquei a grávida sem me importar com o olhar assassino que o outro me dirigiu. Kalliope direcionou meus dedos para o ponto exato e eu pude conferir pessoalmente o empurrão forte que o pequeno monstrinho acabara de dar.

— Será que isso foi o pé ou a asa? — perguntei por brincadeira e ela arregalou os olhos.

— Asa? — A semi virou o rosto para Morte. — Tem... asas... dentro de mim?

— Não sabemos. — Ele apertou meu ombro com mais força do que o normal. — Praga está falando sobre o que não sabe.

Eu achava completamente plausível que o bebê fosse a cópia do pai, mas não falaria mais nada para não assustar a grávida com nervos à flor da pele. Não cabia a mim, afinal de contas. Por isso, fui me sentar perto de Cassandra e toquei seus cabelos cheirosos antes que a garota pudesse recuar.

— Você não cansa, né?

— Sabia que a caça é sempre mais divertida do que a captura? — comentei, piscando para a garota.

Ela só revirou os olhos e se ocupou de conversar com Kalliope quando esta se aproximou da amiga.

A tarde continuou daquela maneira por algumas horas, com risadas, provocações e lembranças do passado. Para as duas mulheres, parecia algo

completamente normal, sentar sem compromisso e jogar conversa fora apenas por vontade de passar um tempo juntas. Mas não era algo comum a nós, aquela dinâmica ainda parecia estranha para mim e Morte, e nos forçávamos a acompanhar, mesmo que surgissem algumas farpas ocasionais.

Eu sabia que, apesar de todas as diferenças, nós nos importávamos uns com os outros. Talvez aquilo fosse o que todo mundo chamava de família, pelo menos, era o mais próximo disso que Kalliope e Cassandra possuíam, e como fomos nós dois que as trouxemos para o outro lado do mundo, tentávamos passar essa sensação reconfortante a elas.

Quando a noite chegou, a semi de cabelos escuros se levantou e começou a se despedir. A amiga grávida franziu a testa e a acompanhou, ficando de pé e passando os braços pela cintura da outra.

— Por que você não dorme aqui? Eu expulso Morte do quarto, podemos fazer como nos velhos tempos e ficar acordadas até tarde.

— Eu gosto da minha casinha, você sabe disso — respondeu Cassandra, encolhendo os ombros.

— Mas está muito tarde, Kassie...

— Vou levá-la em segurança — avisei, recebendo um olhar afiado da gatinha selvagem.

— Não sou criança, não preciso de ninguém me seguindo até em casa.

Ela deu um beijo no rosto de Kalliope e acenou para Morte antes de se virar e ir em direção à porta. Um simples olhar foi o bastante para me despedir do casal e ir atrás da garota, mantendo-me um pouco afastado para que não reclamasse. Caminhava com passos firmes, mas eu notava uma leve hesitação em seu andar, talvez por estar ciente da minha companhia.

Quando atravessamos a barreira e saímos em Lumiaris, a noite estava especialmente mais fria daquele lado. Como Cassandra usava um vestido de alças finas e eu notei um leve estremecimento de seus ombros, encurtei de uma vez a distância entre nós e abri minhas asas, usando uma delas para proteger seu pequeno corpo.

— Você sabe que não precisa fazer isso, né? — ela disse de repente, sem virar o rosto para me olhar. — Sempre tão protetor... Fica perdendo o seu tempo comigo.

— Talvez eu me importe com você. Ou talvez eu simplesmente goste de te irritar.

Kassandra riu.

— Sempre vou apostar na segunda opção.

Senti um arrepio me dominar quando os dedos da garota tocaram minha asa e acariciaram algumas penas, como se fosse importante conhecer a textura delas. Então, deixei que passasse na frente ao subirmos uma ponte que atravessava o principal rio de Lumiaris e me mantive a poucos centímetros de distância.

De repente, Cassandra se virou de frente para mim, com as mãos para trás das costas e os olhos semicerrados.

— É verdade que você pode enxergar os sombrios? — questionou.

Lancei um olhar ao nosso redor, enquanto caminhávamos pela ponte extensa, observando o rio que corria sob o céu escuro.

— Sim.

— Neste momento, está vendo algum?

Eles gostavam das margens dos rios, portanto, eram locais onde costumavam se aglomerar e sim, podia

contar pouco mais de uma dezena ao nosso redor naquele exato instante.

— Não — menti, porque não sabia o quanto essa informação a assustaria.

Kassandra virou o rosto para ambos os lados como se pudesse enxergar algo na escuridão.

— Eu li que os elfos podem sentir a presença deles, apesar de não ser possível vê-los — comentou a garota, soltando um suspiro e voltando a se virar de costas para mim. — Eu não sinto absolutamente nada.

— Porque é mestiça — concluí o que ela, obviamente, já sabia. — Fique tranquila, pois apesar de serem assustadores, eles não vão fazer nada a você. Eles se alimentam da energia vital de Lumiaris e isso é um problema para o Conselho resolver.

— Não tenho medo, é só curiosidade. — Deu de ombros. — Eu conheço e convivo com Morte, acho que não vai ser qualquer criatura feia que me deixará assustada.

— Concordamos com alguma coisa, finalmente! Morte é realmente feio.

Ao sairmos da ponte, Kassandra me encarou e revirou os olhos, então me deu um soquinho no braço e abafou uma risada.

— Você é um idiota. Eu não disse que Morte é feio, não coloque palavras na minha boca. — Ela parou de andar quando chegamos na entrada de sua comunidade, o que indicava o fim do caminho para mim, pois não era necessário segui-la até sua porta. — É impossível criaturas como vocês serem feias. Acho que não existe nada no mundo que possa competir, não é?

— Está admitindo que sou lindo? — perguntei, com um sorriso orgulhoso, aproximando até prendê-la dentro

da minha asa.

Por diversas vezes, eu cogitei beijar de uma vez aqueles lábios petulantes e aceitar as consequências disso, mas temia que minha atitude piorasse ainda mais essa relação que a garota já dificultava bastante.

— Se não me soltar agora, vou arrancar suas penas.
— Seus olhos formavam uma linha estreita ao me ameaçar.

Com um leve movimento, eu a tirei do chão e a trouxe para perto do meu rosto, vendo a pequena semi se contorcer dentro da asa e sentindo seus tapas em meu peito. Segurei suas mãos agitadas e deposei um beijo em seu rosto, bem perto da boca, achando graça quando virou a cabeça para tentar impedir que eu a beijasse. Ela realmente tentou arrancar algumas penas minhas, mas não conseguiu.

— Boa noite, gatinha selvagem.

Quando a coloquei de volta no chão, Kassandra cruzou os braços e me encarou de forma ameaçadora. Sem dizer mais nada, ela se virou e eu usei a ponta da minha asa para dar um empurrãozinho em suas costas e mandá-la embora de uma vez por todas. Foi divertido ouvir o resmungo que proferiu, me amaldiçoando por toda a eternidade, enquanto rebojava a bunda ao subir os degraus da escada.

MASSANDRA



CAPÍTULO 5

A loja naquela manhã de primavera estava mais movimentada do que o normal, com elfos de todas as idades esperando para serem atendidos. Eu estava sozinha atrás do balcão, organizando alguns cristais que haviam acabado de chegar e extremamente estressada porque a outra atendente tinha faltado sem avisar ninguém. Sabia que precisava ser mais ágil, mas lidava com itens raros e sempre me sentia um pouco nervosa ao manuseá-los. Cada cristal continha lembranças, emoções e momentos de alguém. Era como segurar a essência de uma vida nas mãos.

Só conseguia pensar que adoraria me sentar e descansar por cinco minutinhos, quando uma senhora que já devia ter passado dos cento e trinta anos, começou a reclamar da demora para ser atendida. Controlando-me para não erguer meu dedo do meio diante do rosto dela, atendi com pressa a cliente da vez e não percebi que um dos cristais que tinha acabado de colocar numa prateleira, rolou para fora de seu saquinho aveludado. Quando finalmente notei o que estava prestes a acontecer, já era tarde demais.

Normalmente, eram pedras muito poderosas e resistentes quando estavam no auge de seu funcionamento, mas conforme perdiam o poder e demandavam manutenção, se tornavam extremamente frágeis. Por isso, o cristal caiu no chão e se estilhaçou, quase me fazendo desmaiar em choque.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Todos na loja pararam o que estavam fazendo e olharam na minha direção. Um dos donos do lugar, um elfo de idade muito avançada com cabelos dourados, apareceu diante de mim como num passe de mágica e me lançou um olhar de desaprovação.

— Cassandra! O que você fez? — ele se aproximou rapidamente, quase sem nenhuma cor no rosto.

Estava tão nervosa que podia ouvir o som do meu coração batendo dentro do meu peito.

— Eu... eu sinto muito... — Engoli em seco para não chorar. — Foi um acidente...

— Meu cristal! — A mulher que tinha acabado de fazer o pagamento, se agarrou no balcão. — O que você fez? Não posso perder essa memória!

Enquanto o Sr. Elrion se abaixava para examinar a tragédia, eu senti uma onda de energia me dominar e tinha certeza de que estava vindo da pedra. Algo do tipo jamais aconteceu comigo porque como uma semi eu era, aparentemente, imune aos efeitos do cristal. Sendo assim, não sabia o que aquilo podia significar, mas esperava não ser atingida por uma memória estranha que nem era minha.

— É isso o que acontece quando uma mestiça é colocada para trabalhar com coisas tão importantes — resmungou a senhora que tinha sido culpada por me deixar nervosa e me apressar. — Ela devia ser demitida! Ou melhor, devia voltar para o lugar de onde saiu!

Quis responder aquele desaforo, mas como estava errada por ter quebrado um item de valor inestimado, achei melhor ficar de boca fechada para não piorar a minha situação.

Por sorte, o Sr. Elrion era um homem sábio e muito tranquilo, então eu podia esperar que ele não tomasse nenhuma decisão impulsiva. Com cuidado, o elfo examinou os cacos do cristal e acomodou cada pedaço na palma de sua mão. Quando se levantou, ignorou o burburinho que tinha se formado por causa dos curiosos de plantão e encarou a dona da pedra.

— Farei o que estiver ao meu alcance para restaurar a memória em outro cristal, mas será um processo bastante demorado — declarou e, em seguida, lançou um olhar para mim. — Você é uma boa funcionária, portanto, não vejo motivos para demiti-la, mas precisa se desculpar com a proprietária do item.

Era o mínimo que eu podia fazer, por isso, segurei as mãos finas que ainda estavam sobre o balcão e encarei a senhora que ainda estampava um semblante de espanto em seu pequeno rosto.

— Sinto muito mesmo, sempre tomei todo o cuidado possível enquanto trabalho aqui, porque sei como essas memórias são valiosas. Foi um descuido que não irá se repetir.

— Sim, sim... — a mulher respondeu, ainda atônita e mais preocupada em olhar para o Sr. Elrion. — Apenas me garantam que minha memória não será perdida. É uma rara lembrança do meu casamento, pois meu marido não está mais vivo.

— Farei o que for necessário — disse meu patrão, assentindo para ela. — Por sorte, o núcleo só parece ter rachado. A maior parte dessa memória não foi perdida.

O homem pediu licença e se retirou com o cristal em mãos, deixando-me sozinha com a clientela agitada que eu gostaria de fazer evaporar. Pedi desculpas mais uma vez para a dona da joia, que foi embora depois de eu garantir que a restauração dela seria prioridade, então voltei a atender quem ainda aguardava. A mulher que estava me irritando se recusou a ser atendida por mim, portanto, foi embora alegando que voltaria num dia em que houvesse outro funcionário trabalhando.

Levei quase uma hora para conseguir esvaziar a loja e poder respirar com alívio depois de uma manhã tão agitada. No final do dia, eu me sentia esgotada, como se

carregasse um peso de uma tonelada nos ombros, e tudo o que desejava era um banho gostoso e a minha cama.

•

Eu me sentia péssima, cansada como se tivesse corrido uma maratona, minha cabeça latejava e estava um pouco mais irritada do que o normal. Para a minha sorte, o ateliê ficou razoavelmente vazio na maior parte do dia e eu não tive muito o que fazer. Fui me deitar assim que cheguei em casa, achando que o descanso seria o melhor remédio, mas acordei do mesmo jeito na manhã seguinte.

Trabalhei no modo automático, contando as horas para encerrar o expediente e me jogar na cama direto. Assim que fechei a loja e comecei a caminhar pelas ruas de Lumiaris, fui atingida por uma sensação estranha, como se estivesse sendo observada. Parei por um momento, olhando ao redor, tentando encontrar Praga em algum lugar. Mas os arredores estavam mais tranquilos do que o normal e as poucas pessoas que passavam por mim pareciam tão distraídas quanto eu.

Não era uma sensação comum. Quando Praga me seguia, mesmo que eu não pudesse vê-lo, eu não chegava a me sentir mal. Era diferente com o que me rondava naquele momento, uma angústia sufocante e um calafrio interno, como se fosse meu subconsciente me alertando de algum perigo.

Foi então que notei uma sombra se movendo rapidamente num ponto mais afastado de onde eu estava. Meu coração acelerou e apressei o passo para chegar em casa o mais rápido possível. A sensação de estar sendo seguida não diminuiu, e a cada vez que

olhava por cima do ombro, parecia que a sombra estava mais próxima de mim.

Quando me aproximei da minha área residencial, meu coração já estava aos galopes dentro do peito. Comecei a subir depressa as escadarias que trançavam e ligavam toda a comunidade suspensa, e só não caí quando tropecei num degrau porque mãos fortes me seguraram. Estava pronta para soltar um grito, mas vislumbrei penas alaranjadas cercarem rapidamente o meu corpo.

Ao me virar para trás e dar de cara com Praga, joguei-me de encontro a ele e envolvi sua cintura com meus braços. Era a primeira vez que eu me sentia verdadeiramente agradecida pela companhia daquela criatura divina.

— Você está bem? — perguntou. — Sei que não costuma me receber com tanta felicidade. O que aconteceu?

Fechei os olhos por um segundo, a sensação pesada sobre os ombros ainda estava lá, mas pelo menos, eu não me sentia mais apavorada.

— Tinha alguém me seguindo — respondi sem me dar ao trabalho de suspeitar de Praga.

— Viu quem era? — questionou, sua voz mais grave do que o normal.

Aquele corpo grande estava quente e aconchegante, mas eu balancei a cabeça em negativa e, em seguida, achei melhor desfazer meu abraço. Não podia ficar tão apavorada e parecer tão vulnerável daquele jeito, porque eu nem tinha certeza do que vi ou deixei de ver. E se estivesse exagerando?

— Não consegui enxergar perfeitamente porque fiquei nervosa... — respondi, passando meus dedos pela testa que estava suada. — Acho que era mais uma

sombra do que qualquer outra coisa. Mas senti... — hesitei, tentando encontrar as palavras certas — não sei, uma sensação estranha, algo que nunca havia sentido antes.

Praga franziu a testa, parecendo preocupado, e seus olhos escuros percorreram a área ao nosso redor como se tentasse identificar qualquer ameaça. Salvo se ele conseguisse enxergar coisas que eu não conseguia, podia garantir que naquele momento, não havia nada de extraordinário perto de nós.

— Lumiaris tem seus mistérios, Kassandra. E nem todos são amigáveis.

— Talvez eu esteja apenas cansada e paranoica. — Tentei minimizar, embora a sensação de desconforto ainda se fizesse presente. — Tenho vivido dias longos e estressantes.

Ele me olhou por um momento, me avaliando, até que tocou minha bochecha com as costas da mão. Prendi a respiração por alguns segundos e desfiz nosso contato visual porque aquele homem era intenso demais e eu não queria que tivesse ideias erradas.

— Você está mesmo estranha... — Sua mão desceu pelo meu pescoço e sumiu por dentro dos meus cabelos até tocar minha nuca. — Aconteceu algo diferente hoje? — Neguei rapidamente, porque o dia na loja havia sido de puro tédio. — De qualquer forma, descanse. Pode ser que o seu ambiente de trabalho esteja te deixando sobrecarregada. Você é uma semi, vou tentar descobrir se os cristais podem afetá-la.

Bastou que Praga proferisse aquela palavra para eu me lembrar do cristal quebrado e em como eu me senti estranha naquele momento. Podia ser besteira e não ter nada a ver uma coisa com a outra, mas achei melhor

contar o que aconteceu, porque era muita coincidência que estivesse me sentindo mal desde o fatídico dia.

— Bem, teve sim algo diferente do habitual — comentei, recuando para me livrar do toque dele. — Eu deixei um cristal de memória cair e quebrar no ateliê. A sensação que tive na hora foi de alguma coisa me atingir e deixar levemente tonta, mas acabei esquecendo do que aconteceu.

— Você pode ter absorvido um pouco da energia da pedra — declarou ele, com a testa franzida. — E como é apenas uma semi, seu corpo não possui o preparo para recebê-la da maneira mais adequada.

Praga cruzou os braços e escrutinou mais uma vez os arredores, como se ainda não estivesse satisfeito.

— Eu só sei que preciso dormir — avisei.

— Se um escape de energia tiver realmente acontecido, você pode estar atraindo atenção indesejada — concluiu, tocando meu braço. — Vou ficar mais tranquilo se passar a noite na minha casa.

— De jeito nenhum.

— Só por precaução. — Ele revirou os olhos. — Não é para satisfazer minhas vontades.

— Ah, claro, porque você é o modelo de altruísmo e bondade — ironizei, cruzando meus braços e encarando-o com um olhar desafiador. — Eu sei me cuidar, ok?

De jeito algum eu iria para o reduto daquele predador, principalmente sozinha. Morei naquele lugar durante um tempo, é verdade, mas Kalliope também me fazia companhia naquela época. Eu sabia que ficar a sós com Praga era um jogo perigoso do qual eu não gostaria de participar.

Por isso, achei melhor encerrar a conversa e deixar clara a minha decisão, me virando e terminando de fazer

o caminho até a porta da minha casa. Ainda sentia a presença dele atrás de mim, mas pelo menos, não estava ouvindo sua voz debochada.

— Prefere sentir medo aqui do que ficar protegida comigo?

— Com certeza — declarei, abrindo a minha porta.
— Obrigada pela preocupação, mas sinto que amanhã acordarei muito melhor. E o lance da sombra foi só o cansaço brincando com a minha cabeça.

Praga me encarou com um meio-sorriso e estalou a língua antes de começar a levitar e bater as asas acima da minha cabeça. Parecia gostar de fazer aquilo só para aparecer ainda mais, pois não havia necessidade de ficar voando por aí quando se tinha todo o tempo do mundo para caminhar.

— Depois não diga que eu não avisei — murmurou, piscando para mim antes de sumir por entre as copas das árvores e me deixar sozinha.

Entrei em casa e já saí chutando meus sapatos de qualquer maneira, desejando logo um banho relaxante e uma cama onde eu pudesse descansar meus ombros e pescoço doloridos.

DRAGA



CAPÍTULO 6

O sol começava a se pôr no céu de Litopanae quando me sentei no alto da ponte ao lado de Morte, e esperei que reclamasse da minha presença. Sempre fazia aquilo, mas apesar de ser ranzinza e nunca admitir, eu sabia que ele gostava da minha companhia.

Aquela cidade, bem distante de Alaramanar, crescia a todo vapor e se tornava cada vez mais tecnológica, com arranha-céus espelhados que surgiam a cada visita minha. Algo que nunca teríamos em Taraen, porque os elfos jamais permitiriam que a raça humana se alojasse naquele continente e deteriorasse a natureza, como costumava fazer em outros cantos do mundo.

— Você sabe que eles vão acabar destruindo tudo, não sabe? — Morte murmurou, olhando para o horizonte onde o sol tingia o céu em tons de roxo e azul.

— Eles sempre fazem isso — respondi, dando de ombros. — Mas também são capazes de criar coisas incríveis. É um equilíbrio estranho.

Morte soltou uma risada sarcástica.

— Equilíbrio? Humanos parecem parasitas.

— E você acha que as outras espécies são diferentes? — questionei por curiosidade. — Todas têm suas próprias falhas e vícios. Acho que os humanos só fazem as coisas numa escala maior.

Observei as ruas a muitos metros de distância com atenção, os carros indo e vindo com suas luzes acesas, buzinas que quebravam o silêncio e a névoa causada pela poluição. Era curioso que Kassandra se identificasse mais com seu lado humano do que elfo, porque a garota não combinava com aquela vida que eles levavam.

— Eles têm a capacidade de amplificar tudo que tocam, para o bem ou para o mal. — Morte suspirou,

passando a mão pelo rosto. — À medida que as cidades de humanos crescem, eu me sinto mais ocupado.

— Há de se convir que Guerra e Fome trabalham bastante.

Ele assentiu, em silêncio, até que esboçou um sorriso e virou o rosto para me encarar.

— Existe algo de fascinante nos humanos — murmurou. — Eles vivem intensamente, mesmo que isso signifique queimar tudo ao redor.

— Você sabe ser poético e trágico ao mesmo tempo.

— Mas é verdade — continuou. — Eles têm essa centelha, essa vontade de viver e explorar. Só que, às vezes, esquecem das consequências.

— Que bom que estamos aqui, não é? — provoquei, dando-lhe uma cotovelada leve. — Para lembrar a esses idiotas de que toda ação tem uma reação.

Morte riu, um som que parecia mais um sussurro do vento do que uma risada propriamente dita. Ele balançou as pernas no ar, estranhamente vestido com roupas comuns, e me lançou um olhar de esguelha.

— Divagações à parte, o que está fazendo aqui? — questionou. — Será que não consigo me livrar nunca de você? Já atormentou muito a pobre Cassandra?

— Eu não a atormento, apenas dou a ela o prazer da minha companhia.

Ignorei o olhar de quem considerava um absurdo aquele discurso e lancei um sorriso ao meu querido amigo.

— Por que não desiste da garota? — indagou, balançando a cabeça. — Acho que está bem claro que Cassandra não tem nenhum interesse em você. Então pare de perturbá-la.

— Como pode você e Kalliope serem tão diferentes?
— Suspirei, atraindo mais a atenção dele. — Sua linda mulher sempre tem palavras de incentivo para mim, sabia? Ela acha que vale a pena continuar investindo.

Morte soltou uma risada irônica, cruzando os braços.

— Kalliope é um ser de luz, sempre vê o melhor em todos, até mesmo em você. — Ele estalou a língua. — Ela acredita no amor, nas segundas chances e em todas essas coisas que você e eu, bem, não somos muito adeptos.

Podíamos não ser porque não aprendemos isso ao longo do tempo, mas eu sabia que Morte mudara bastante desde que se juntou a Kalliope, então ele não tinha mais tanto direito de dizer aquelas palavras.

— Talvez eu só queira provar que posso ser diferente, que posso ser... bom pra alguém — admiti, olhando para o horizonte, sentindo uma pontada de vulnerabilidade me dominar.

Morte pareceu surpreso com minha confissão. Ele se inclinou para mais perto, os olhos estudando meu rosto como se procurasse por algum indício de que eu estava brincando.

— Isso é sério? — perguntou, incrédulo. — O temido Praga querendo ser bom?

— Não me faça parecer um idiota — resmunguei, desviando o olhar. — Só estou dizendo que talvez, só talvez, eu queira algo mais real. Tipo o que você e Kalliope possuem.

Houve um silêncio entre nós, apenas o som do vento e da cidade abaixo preenchendo o espaço. Morte estava pensativo e eu me ajeitei sobre a viga de aço da ponte, deixando que minhas asas balançassem livremente junto com meus cabelos soltos.

— Sabe que não haverá nada como o que Kalliope e eu temos, porque ela já nasceu destinada a mim — disse Morte, voltando a me encarar. — Nossa história é diferente. De qualquer forma, acho que não preciso avisar que se machucar a melhor amiga da mulher que eu amo, vai ter que acertar as contas comigo.

— Eu não machucaria a menina, só quero dar o melhor tratamento possível a ela.

Ele estreitou os olhos e me avaliou por um longo tempo. Mas o que eu disse era a mais pura verdade, não tinha nenhuma intenção de fazer nada de ruim com Cassandra. O dia em que fosse parar em minha cama, ela seria tratada como uma rainha.

— Você só quer transar, Praga. O que eu aprendi com Kalliope, é que as mulheres possuem expectativas muito altas a respeito de relacionamentos.

Nós dois interrompemos a conversa imediatamente assim que notamos a aproximação de Fome. Não deixávamos que nenhuma informação a respeito das garotas chegasse a ele ou Guerra, para que não criassem interesse nelas. A gravidez de Kalliope ainda era um segredo que guardávamos e deveria continuar assim. Não era nem preciso nos comunicarmos, Morte e eu nos entendíamos perfeitamente quando o assunto se tratava de qualquer um dos outros dois.

— Faz tempo que não o vejo, Morte. — As asas azuis se abriram ainda mais quando Fome parou no ar diante de nós, com um sorriso falso. — Anda muito ocupado?

Na verdade, desde que descobriu a gravidez de Kalliope, o futuro pai se esforçava para não se ausentar por muito tempo de Taraen.

Era possível sentir a tensão no ar. Eu sempre tive mais facilidade de me relacionar com qualquer um dos três, mas Morte gostava de manter distância de todos

nós, portanto, sua convivência com Fome e Guerra nunca foi das melhores.

— Minha rotina não é da conta de ninguém — murmurou ele, levantando-se e indicando que nossa conversa tinha terminado.

— Depende — Fome retrucou, cruzando os braços. — Eu acho que é da conta de todo mundo, sim, desde que suas ações nos prejudicaram. Guerra e eu tememos que você possa fazer mais idiotices em prol de sua prometida.

— Por que Guerra não vem falar pessoalmente comigo? — questionou Morte.

Fome soltou uma risada, um som que parecia mais um grunhido do que uma expressão de alegria.

— Posso estar errado, mas acho que Guerra tem assuntos mais importantes para tratar do que vir trocar palavras com você. — Ele lançou um sorriso zombeteiro.

— O que você quer, Fome? — perguntei, já começando a me sentir irritado.

Ele me lançou um olhar avaliativo, como se ponderasse se deveria ou não responder.

— Vocês dois realmente acham que sabem de tudo, não é? — Olhou de Morte para mim. — Mas a verdade é que não fazem ideia do que está acontecendo.

— Então por que não nos ilumina a mente? — provoquei com um sorriso.

Fome deu um passo à frente, diminuindo a distância entre nós, e eu pude sentir uma energia pesada emanando dele.

— Estamos prestes a entrar em uma era de mudanças e não queremos interferências — respondeu, deixando de me encarar para se concentrar no que estava ao meu lado.

— E se o seu trabalho envolver machucar inocentes?
— Morte questionou.

— Desde quando você se importa com os humanos?
— retrucou o outro, arqueando uma sobrancelha.

— Eu me importo com o equilíbrio. E você sabe muito bem que se ultrapassar certos limites, as consequências podem ser desastrosas.

Fome soltou um suspiro, demonstrando estar cansado daquela conversa, e olhou para o céu que agora estava completamente escuro. Eu sabia bem o que se passava na cabeça dele a respeito desse aviso que recebeu. Desde que Morte tomou certas atitudes inconsequentes por causa de Kalliope, Fome e Guerra não o levavam mais tão a sério quanto antes. Eles acreditavam que tinham o direito de cometer os mesmos erros, considerando que um de nós fez isso e saiu ileso.

Não houve mais nenhum diálogo, Fome apenas voou para longe e nos deixou com mais perguntas do que respostas, além de um sentimento de inquietação.

— O que acha que estão planejando? — perguntei.

— Não sei, mas seja lá o que for, não pode ser bom
— respondeu Morte, apertando meu ombro. — Fique de olho neles.

— Eu?

— Sua maior preocupação atualmente é correr atrás da Cassandra. — O filho da mãe sorriu. — Eu tenho coisas mais sérias com as quais me ocupar.

•

A garota de cabelo lilás estava pegando um pouco de sol no campo florido atrás da casa onde ela e Morte se instalaram. Como ele ainda demoraria um pouco mais

para voltar, pediu que eu viesse até Kalliope para saber como sua amada estava se sentindo.

— Está gostando do solzinho, futura mamãe? — perguntei, aproximando-me até me sentar perto de seus pés.

Kalliope abriu os olhos devagar, piscando rapidamente antes de focar em mim. Um sorriso se formou em seus lábios e ela se sentou, ajeitando o vestido longo.

— Eu me sinto ótima quando tiro um tempinho pra ficar aqui, sem fazer nada, só sentindo o sol tocar minha pele. — Seus olhos me avaliaram e a garota soltou um suspiro. — Tem notícias de Morte? Ele está ausente há dois dias.

— Estávamos juntos até pouco tempo — respondi, esticando minha mão para tocar sua barriga e tentar sentir o bebê. — Ele pediu pra eu vir dar uma olhada em você. Está tudo bem, né?

Kalliope assentiu com um semblante tranquilo demais para quem carregava uma barriga daquele tamanho. Considerando que não sabíamos o que estava sendo gerado dentro dela, a garota era corajosa por se manter sã.

— Tudo normal. Acho que até demais, chego a ficar entediada quando Morte não está por perto. — Encolheu os ombros. — Vou descer amanhã pra visitar a Kassie em Lumiaris.

— Acho melhor eu acompanhá-la — comentei, sorrindo. — Não é bom que fique andando de um lado para o outro sozinha com essa barriga.

— Ah, sim. — A semi revirou os olhos. — Essa sua ideia nada tem a ver com a vontade de encontrar Cassandra, né?

— Claro que não, é pura preocupação com você. — Soltei uma risada ao ver a expressão que fez. — Talvez eu só vá me aproveitar um pouco da situação, é óbvio, e também matar a saudade daquela moreninha.

— Cassandra me contou que você aparece na frente dela quase todos os dias. — Kalliope estreitou os olhos na minha direção. — Como pode ter saudade? — Eu me preparei para responder, mas a semi se adiantou: — A Kassie sofreu uma desilusão amorosa logo que chegamos aqui, pois ficou caidinha por um elfo que só queria tirar a curiosidade a respeito de como era o sexo com uma mestiça. Até mesmo quando ainda morávamos em Litopanae, era comum que os humanos também nos enxergassem como produtos sexuais. Sei lá, parece que todo mundo sempre tem uma visão extremamente sexualizada das semis. — Kalliope encolheu os ombros. — Estar sempre na defensiva é o jeito dela de se proteger. Principalmente... sendo você.

Eu tinha conhecimento a respeito da história do tal idiota que magoou o delicado coração da minha garota — faltou bem pouco para não exterminá-lo do mundo —, e o detestava ainda mais por saber que isso contribuiu para que Cassandra se fechasse tanto.

— Qual o problema comigo? — questionei.

Kalliope cruzou os braços e abafou uma risada por conta de alguma piada que eu desconhecia.

— Você não é exatamente uma pessoa, né? Bem... um ser vivo... Não sei como categorizar vocês.

— Morte está aí para provar que é completamente possível essa relação — declarei. — Inclusive, não há ninguém melhor que nós.

Recebi um tapa no braço antes de Kalliope se levantar e puxar a toalha que estava usando.

— Você não vale nada, Praga — zombou, dobrando o tecido e começando a caminhar de volta para casa, obrigando-me a acompanhá-la. — Sugiro ser mais delicado se quiser minha amiga. Sua postura de conquistador não ajuda muito.

Levei minha mão ao peito e o massageei, sorrindo quando Kalliope revirou os olhos para meu pequeno drama. Mas tudo bem, talvez valesse a pena absorver as palavras da semi e tentar mudar o jogo com Cassandra. Eu tinha todo o tempo do mundo para experimentar novas abordagens.

MASSANDRA



CAPÍTULO 7

Eu nunca fui do tipo que se contenta em ficar no escuro, aceitando as coisas como elas são sem questionar. Talvez seja por isso que, depois do incidente com o cristal de memória, eu não conseguia tirar aquilo da cabeça. O cansaço sem fundamento não estava me fazendo bem, eu sentia que algo havia acontecido comigo e precisava descobrir o que era.

Decidi que a melhor maneira de começar minha investigação seria na Biblioteca das Sombras Falantes, o lugar que guardava toda a história dos elfos e de Lumiaris. Era um lugar antigo, mágico e único, gerido por um grupo de elfos anciãos, guardiões do conhecimento e dos segredos guardados ali. Eles eram sábios e possuíam uma conexão profunda com a magia, sendo capazes de sentir quando alguém estava em busca de respostas verdadeiras.

Sempre que alguém entrasse na biblioteca, essa pessoa seria recebida por uma energia mágica que parece sondar a alma, tentando entender suas intenções. Se estiver ali por motivos puros, em busca de conhecimento e respostas, as sombras falantes se revelarão facilmente. Os livros na biblioteca são antigos, alguns até mesmo esquecidos pelo tempo, e guardam conhecimentos de eras passadas. Mas o mais incrível é que eles podem falar, contar suas histórias e compartilhar seus segredos com quem estiver disposto a ouvir.

Eu sabia que, se houvesse alguma informação sobre cristais de memória e o que acontece quando eles quebram, eu encontraria naquela biblioteca.

Assim que entrei no prédio, o cheiro de livros antigos me envolveu, e eu soube que estava no lugar certo. Com a ajuda das sombras falantes, fui guiada pelos corredores para encontrar exatamente o que desejava. Passei um

bom tempo ali dentro, ouvindo histórias sobre cristais, magia e tudo o mais que pudesse ter alguma relação com o que eu estava procurando, mas nada parecia explicar exatamente o que aconteceu comigo.

Eu também sabia que precisava tomar o mínimo de cuidado, pois as sombras eram conhecidas por serem caprichosas e nem sempre estavam dispostas a ajudar. Muito se diz a respeito disso e que elas podem nos levar por caminhos tortuosos, contar histórias confusas e nos deixar mais perdidos do que antes. Como eu era uma mestiça no meio deles, tive receio de que não fossem totalmente verdadeiras comigo.

Frustrada, mas não derrotada, decidi dar um tempo e voltar para casa. Precisava digerir todas as informações que tinha coletado e tentar extrair algum sentido disso tudo.

•

Naquela noite, haveria uma festa na cidade. Eu não estava muito no clima para comemorações, mas como tinha marcado com Kalliope para que ela viesse me visitar e minha amiga desmarcou em cima da hora, algo dentro de mim dizia que eu precisava sair, me divertir um pouco e tentar esquecer dos meus problemas, nem que fosse por uma única noite.

Decidi me produzir como não fazia há muito tempo e me sentir ainda mais bonita. Não para os olhares masculinos, mas para eu mesma me valorizar. Por isso, escolhi um vestido branco de frente única que contrastava com meus cabelos, pintei meus olhos com pó cor de púrpura e os lábios com um tom marrom. Uma grande lástima por morar em Taraen era que, por não existirem humanos naquele continente, também não

havia acesso aos objetos que eles produziam. Em relação a itens de maquiagem, por exemplo, precisava me contentar com os que os elfos usavam, provenientes da própria natureza, e isso me fazia sentir muita falta de delineadores e rímeis, assim como das calças *jeans*.

A festa estava animada, com a música alta e muita gente dançando. Mesmo sem ter feito grandes amizades durante todo esse tempo, eu tentei me soltar e me divertir um pouco, mas minha mente estava distante e não consegui me sentir leve em momento algum. O cansaço ainda se fazia presente e depois que tomei uma taça de elixir verde — uma bebida alcóolica produzida em Lumiaris — minha cabeça passou a pesar ainda mais.

Não fazia nem uma hora que tinha chegado ao evento e acabei me despedindo das pessoas que conhecia. Mas assim que comecei a caminhar em direção à minha casa, percebi que algo estava errado.

Havia alguém me seguindo.

Tentei ignorar, pensar que era apenas paranoia, mas a sensação de estar sendo observada não passava. Apressei o passo, tentando chegar em casa o mais rápido possível, mas antes que eu pudesse reagir, fui abordada por um grupo estranho. Eram três pessoas que vestiam capas longas e pretas com capuz e não era possível observar seus rostos. Logo identifiquei que aquela roupa devia ser o que eu vi no outro dia e pensei se tratar de uma sombra se movimentando rápido.

— O que voc...

Antes que eu pudesse gritar ou pedir por ajuda, fui imobilizada por dois deles, que rapidamente jogaram uma capa preta sobre mim e cobriram meu corpo e rosto. A mão que estava em meu rosto era pesada e forte demais, me impedindo de usar minha boca e fazer um escândalo. Eu sabia que não podia deixar que me

levassem assim, sem deixar nenhum rastro para trás, e só conseguia pensar em Praga.

Ele ainda não tinha me visitado naquele dia e era quase certo que apareceria em algum momento. Por isso, enquanto estava sendo arrastada para o meio da floresta, consegui descalçar uma das sapatilhas de pano que usava e forcei a sola do meu pé contra o chão de pedras, com força suficiente para cortar minha pele. Apesar de não conseguir enxergar nada, torci para que a dor que estava sentindo fosse consequência de alguma ferida causada, que pudesse deixar uma trilha de sangue pelo caminho.

Em algum momento, mesmo com o rosto coberto eu pude sentir que havíamos deixado Lumiaris para trás, pois os sons que eu conseguia escutar eram típicos de floresta fechada. Meus pés latejavam, porque pela forma como me carregavam, os dois já tinham se machucado bastante. Meu estômago estava embrulhado e meu pescoço doía por causa de um aperto que me deram quando consegui me livrar da mão em minha boca e soltei um grito.

Senti cheiro de limo, ouvi barulho de água em queda, como uma cachoeira, caí de joelhos sobre pedras molhadas e escorregadias, e em algum momento, acabei me descontrolando e comecei a chorar. Sabia que precisava encontrar uma maneira de escapar ou entender o que estava acontecendo, mas me sentia assustada e dolorida demais para tentar qualquer coisa.

Nunca tinha me sentido tão vulnerável na vida, e era muito difícil manter a esperança quando você está sendo arrastada para o meio do nada por pessoas que nem consegue ver o rosto. Tentava parar de chorar, tentava me concentrar em algo que pudesse me ajudar, mas me sentia desesperada. Se aquele fosse um dos raríssimos dias em que Praga não apareceria para me

perturbar, então minha situação seria ainda mais crítica, porque eu estava colocando todas as minhas esperanças sobre ele.

Meus captores não falavam nada, apenas continuavam me arrastando por um lugar com cheiro ácido e forte. Eu podia sentir que estávamos descendo degraus e a sensação de claustrofobia crescia dentro de mim, me dando a impressão de que estava debaixo da terra.

Eu tentava manter a calma, mas a sensação de impotência era avassaladora, pois não fazia ideia de quem eram essas pessoas ou o que queriam comigo, e isso me deixava ainda mais assustada.

A cada passo que dávamos, podia sentir o ar ficar mais pesado e úmido, além de que o cheiro só piorava. Tentei me debater, tentar soltar meus braços, mas eles eram fortes demais para mim e, em determinado momento, fui jogada sobre o ombro de um dos sequestradores.

— Por favor, me soltem — de cabeça para baixo, eu implorei com a voz trêmula. — Eu não sei o que vocês querem, mas por favor, me soltem.

Não houve resposta. Apenas uma parada brusca e meu corpo sendo lançado contra um chão duro e áspero. Pela primeira vez, ouvi os sons deles, mas falavam em um idioma que eu não entendia. Tentei me mexer e procurar entender onde estava, mas a dor no meu corpo era tanta que cada movimento parecia torturante. Minhas roupas estavam levemente úmidas e isso começou a me causar muito frio.

— Alguém... por favor... — minha voz saiu fraca, quase um sussurro, e eu sabia que era inútil pedir por ajuda.

De repente, senti mãos em cima de mim, até que a capa enrolada no meu corpo foi retirada e uma luz forte atingiu meus olhos. Precisei piscar algumas vezes antes de conseguir focá-los completamente e quando finalmente consegui, desejei não ter feito isso.

Eu estava em uma espécie de caverna, as paredes de pedra eram adornadas com tochas acesas em alguns pontos e bem à minha frente estavam eles, meus sequestradores. Tinham retirado a capa que os cobria e seus corpos eram acinzentados, com aspecto velho e pútrido, deixando meu estômago muito sensível.

A intensidade com a qual me olhavam me fez estremecer, e eu sabia que estava em apuros.

— Quem são vocês? — perguntei, tentando manter minha voz firme. — O que querem comigo?

As criaturas — porque eu me recusava a chamá-los de homens — me ignoraram solenemente e apenas trocaram olhares entre si. Em seguida, um deles se aproximou, agachando-se à minha frente e me permitindo notar as manchas escuras em seu rosto enrugado.

— Você vai nos dar o que queremos — disse no meu idioma, sua voz rouca e assustadora.

— Eu não... — engoli em seco, sentindo a dor na garganta. — Não sei do que está falando. Não possuo nada que possa interessar a vocês.

A criatura à minha frente riu e fez meu sangue gelar. Achei que poderia ganhar algum tempo, mas estava muito enganada, porque logo outros como aqueles que me sequestraram começaram a surgir aos poucos, aumentando a circulação dentro daquele pedaço da caverna.

Minhas mãos estavam amarradas atrás do corpo e, por mais que eu tentasse, não conseguia me soltar. E

algo me dizia que mesmo se fizesse isso, não iria muito longe. Então, durante os minutos que levei esfregando meus pulsos no chão com a intenção de rasgar as amarras, uma das criaturas voltou a se aproximar e me ergueu pelos cabelos.

Sob protestos, fui arrastada mais para o interior da caverna e tive o meu vestido rasgado em pedaços. Cheguei a me encolher de frio quando me deixaram completamente nua e me obrigaram a deitar sobre uma grande pedra levemente inclinada.

Minhas mãos foram soltas, mas logo depois, novamente amarradas uma para cada lado, assim como minhas pernas, e a minha mente já tinha produzido os piores cenários a respeito do que estava prestes a acontecer. Eram estupradores, não havia outra resposta. Eles fariam o que quisessem comigo e me matariam em seguida, porque de jeito nenhum, aquelas criaturas horríveis eram do tipo que deixava a vítima viva para contar história.

Quando eu achava que a situação não podia ficar pior, um deles subiu em cima de mim, trazendo o rosto para perto do meu e me arrancando um grito apavorado. Mas ele não me tocou de maneira alguma, apenas... tentou me extinguir. Era como se eu pudesse sentir minha alma querendo deixar o meu corpo e, mesmo de olhos abertos, passei a enxergar apenas a escuridão, um grande vazio preto que me enfraquecia. Imaginei que aquela era exatamente a sensação da morte e minha vida acabaria bem ali.

DRAGA



CAPÍTULO 9

Eu estava inquieto, com uma sensação estranha que não conseguia explicar. Era como se algo estivesse errado, mas eu não sabia o quê. O dia em si não tinha sido tão agradável, principalmente porque Kalliope acordara naquela manhã se sentindo muito indisposta e Morte ainda não havia voltado para casa.

Passei um tempo com ela, tentando ajudar como podia e torcendo para que o bebê não resolvesse nascer justo quando estávamos sozinhos, mas minha cabeça estava em outro lugar. Tinha planejado visitar Cassandra junto com Kalliope, mas depois que desmarcaram o encontro, eu mesmo havia decidido não perturbar a garota naquela noite.

Só mudei de ideia quando a semi grávida finalmente relaxou e dormiu, então pensei que não faria mal dar um pulo até Lumiaris só para observar a gatinha selvagem por alguns minutos. Talvez se eu a visse, aquela sensação incômoda e sem sentido aliviasse um pouco.

Era noite de festival e o local onde acontecia a festa estava agitado, transformando o restante da cidade num profundo silêncio. Como não encontrei Cassandra em casa, decidi conferir os arredores onde acontecia a comemoração, mas não consegui avistar a garota em lugar nenhum.

Um arrepio terrível me percorreu quando a imaginei nos braços de algum elfo idiota e orelhudo, ambos se agarrando num canto escondido e escuro. Estava pronto para interromper a brincadeira dos dois quando apurei meu olfato para rastrear o cheiro dela e comecei a seguir seu rastro.

Não era uma tarefa tão fácil quanto podia parecer, pois com muitas pessoas transitando pelos mesmos lugares, as fragrâncias individuais se misturavam e confundiam.

Mas nada disso importava tanto porque foi preciso controlar minha possessividade ao descobrir que o cheiro de Cassandra entrava pela floresta adentro. Aquela criaturinha ranzinza precisava mesmo ir tão longe só para se divertir com alguém?

— Não demonstre ciúmes — murmurei baixo. — Só dê um oi e vá embora... Não mate nenhum elfo hoje...

Repetia o mantra conforme me embrenhava na floresta, quando de repente, algo estranho entrou no meu campo de visão. Um sapato do tipo mais comum que os elfos usavam e que, quando me agachei para pegá-lo, estava impregnado com o cheiro de Cassandra. Minhas narinas se dilataram imediatamente, capturando algo a mais no ar, um odor típico de sangue humano que fez meu rosto se virar na direção em que podia ser sentido.

Abri minhas asas e alcei um voo curto e rente às copas das árvores, seguindo aquele cheiro característico que me levava para uma região onde os elfos não costumavam se aventurar. Alguma coisa tinha acontecido com Cassandra e não podia ser nada bom, porque eu não conseguia imaginar a garota fazendo um passeio floresta adentro no meio da noite.

Comecei a sentir uma sensação de urgência, sabia que algo estava estranho e fora do lugar, e que precisava encontrá-la o quanto antes. E então, eu a ouvi. Um grito, fraco e cheio de dor, que impregnou meus ouvidos e todos os meus sentidos, porque eu reconheceria aquele timbre em qualquer lugar.

Ao chegar a uma grande queda d'água, acabei pousando e olhando em volta. Aquele trecho era cercado pelas pedras da cachoeira e se estendia por muitos quilômetros em rochas montanhosas. Mais um grito de Cassandra pôde ser ouvido e identifiquei que vinha do

interior daquele lugar. Portanto, dei a volta até o outro lado, onde havia um caminho à beira do precipício, passando por uma cortina d'água e encontrando uma pequena entrada para uma caverna.

O cheiro da Cassandra estava mais forte e podia sentir a presença de algo mais ali dentro. Avancei com cuidado, tentando fazer o mínimo de barulho possível, pois a última coisa que eu queria era alertar quem quer que estivesse com a menina, para não lhe fazer mais nenhum mal.

Eu tentei mesmo ser paciente e controlado, mas quando ela soltou um novo grito, corri sentindo uma mistura de raiva e desespero. As paredes com marcas e desenhos logo me entregaram o significado de tudo e eu descobri que Cassandra estava nas mãos de caçadores de magia e, por saber exatamente o que eles faziam, meu sangue ferveu.

Ao alcançar a grande câmara no interior da caverna, iluminada por diversas tochas, encontrei Cassandra no centro de uma mesa de pedra, amarrada e nua, com algumas figuras encapuzadas ao seu redor. Ela já estava desmaiada, com os olhos cerrados e a boca levemente aberta enquanto sugavam sua energia.

— Vocês pegaram a garota errada — avisei, abrindo minhas asas e me jogando sobre os infelizes.

Lancei imediatamente uma peste que começou a consumir a pele podre deles, fazendo-os perderem a visão e os impedindo de me enxergarem. O primeiro caiu antes mesmo de perceber que seu crânio estava sendo esmagado pela minha mão. Eles tentaram se defender, lançando feitiços e tentando me atingir com energia moldada em fogo, mas nada disso me afetaria. Eu era Praga, afinal de contas, e não era qualquer magia de quinta categoria que me derrubaria.

Percebi alguns caçadores correrem para fugir pelos fundos da câmara, mas me concentrei em acabar com os que estavam mais perto de mim. Estavam cegos e desorientados, mas ainda assim tentavam lutar.

— Acharam mesmo que sairiam impunes depois de tocar na *minha* garota? — rosnei, enquanto desviava de um feitiço mal direcionado.

Com um movimento rápido, agarrei o segundo pelos cabelos e o joguei contra a parede da caverna, sentindo seus ossos se quebrarem com o impacto. O terceiro tentou fugir, mas em um piscar de olhos, estava atrás dele, com minhas garras cravadas em suas costas.

Eu podia sentir o cheiro do medo emanar dos que restaram, por isso, quis deixar a briga um pouco mais emocionante e me transformei em tigre. Deixei rastros de sangue escuro como era o dos caçadores, estripando-os com pressa porque não tinha tempo a perder.

Quando terminei com todos que restaram, virei-me para Cassandra sobre a pedra. Havia um corte em linha reta que começava entre o vão de seus seios e se estendia até o início do abdômen, assim como nos antebraços. Fui acometido por uma sensação horrível ao vê-la naquele estado. Eu estava sempre por perto, por que tinha ficado longe justamente naquele dia? Deveria ter chegado antes e a protegido melhor.

Precisei retornar à minha forma humana para evitar machucá-la ainda mais com minhas garras ou dentes. Então, a peguei no colo com cuidado, ainda estava desmaiada, e a coloquei no chão para poder me ocupar daquelas feridas que sangravam.

— Praga... — ela sussurrou de repente, a voz fraca e as pálpebras tremendo.

— Eu estou aqui — respondi, tocando seus dedos para que me sentisse. — Está tudo bem agora.

Antes de levá-la embora, voltei à forma de tigre e apoiei minhas patas ao redor de seu corpo, inclinando minha cabeça e colocando a língua para fora. Lambi devagar os cortes que foram feitos em sua pele, pois minha saliva ajudaria a parar o sangramento, porém, isso a despertou imediatamente.

Seus lindos olhos claros se arregalaram e um grito de dor escapou por sua boca. Não saberia dizer se o pavor que enxerguei na garota era pelo fato de ter sentido dor com a lambida ou por encarar um tigre gigante em cima dela. Mas para deixar claro que não seria comida por um felino, aproximei minha cabeça e deslizei minha língua pelo rosto pequeno demais, deixando uma trilha de baba na pele macia e cheirosa.

Bastou para que Cassandra desmaiasse novamente. Ela estava fraca, um pouco de sua energia tinha sido sugada, e o trauma de me encontrar naquela forma também ajudara a apagar. O que era providencial, inclusive, porque estava pelada e a conhecendo como conhecia, ela odiaria ser carregada desse jeito por mim.

Não enrolei muito para lambe as feridas dos braços também e acabar logo com aquilo, em seguida, voltei à forma de antes e a peguei no colo para sairmos da caverna que fedia a caçadores mortos.

Mantive uma asa ao redor de Cassandra, tentando mantê-la aquecida, e evitei voar para não deixar seu corpo ainda mais gelado do que estava. Fiz o caminho a pé de volta o mais rápido possível e, em algum momento, senti os dedos pequenos se movendo contra meu peito. Ela não estava totalmente desperta, mas consciente.

— Você está machucada e sem energia — murmurei.
— Evite se esforçar por uns minutos.

A garota agarrou as pontas da minha asa como se fosse um cobertor e eu a senti se encolher mais contra mim. Pelo menos, manteve-se em silêncio e me permitiu um tempo para pensar no que faria com ela.

•

Kassandra parecia dormir tranquilamente quando a coloquei deitada na minha cama. Pela primeira vez, parei diante dela e observei todo o seu corpo, notando como os pés estavam feridos e sujos, além dos joelhos e cotovelos. Alguns pequenos cortes, muito superficiais, também estavam espalhados pelas coxas e braços, me levando a crer que os infelizes a arrastaram por todo o caminho na floresta.

Usei um lençol para cobri-la até a cintura e trouxe uma toalha e uma bacia com água para tentar limpar um pouco sua pele e tirar toda a terra que tinha feito uma grande sujeira nas feridas. Mesmo sendo o mais delicado que eu conseguia, meus movimentos foram suficientes para despertar a semi, que abriu os olhos de forma lenta, indicando a fraqueza esperada.

— Praga? — murmurou, se agitando repentinamente ao virar a cabeça para os lados e observar ao redor. — Eles... eles...

— Não tem mais ninguém aqui.

Quando voltou a focar em mim, Kassandra se sentou depressa na cama e jogou os braços ao redor do meu pescoço num abraço apertado demais para alguém do tamanho dela. Pude sentir os tremores em seu corpo e seus batimentos cardíacos extremamente acelerados, e isso só me fazia querer protegê-la ainda mais.

— Calma, gatinha selvagem... está tudo bem agora — sussurrei, tentando transmitir toda a segurança que

podia.

— Eu sabia... — murmurou chorosa — que você apareceria.

— Nunca menti quando dizia que tomava conta do que é meu — respondi e tentei aliviar um pouco o clima. — Por que não volta a se deitar? Você está fraca.

Precisei segurar seus ombros para afastá-la de mim, principalmente porque minha resistência ia até certo limite, e sentir o calor do corpo da garota pressionado contra o meu peito não estava me ajudando muito. Mas quando consegui fazê-la se deitar novamente e Cassandra me olhou nos olhos, uma fagulha de compreensão passou pelo seu semblante e a semi observou rapidamente o próprio corpo. Ela ainda estava nua da cintura para cima.

Soltando um grito muito fino que deve ter sido ouvido até por Morte em outro continente, a garota rolou no colchão até ficar de bruços, como se adiantasse fazer aquilo para esconder sua nudez. No entanto, sua bunda bonita ficou exposta diante de mim.

— Sai daqui! — ela murmurou, se arrastando e tentando se levantar.

Fui até o outro lado do quarto e peguei um tecido mais grosso, voltando a me aproximar e cobrindo seus ombros quando sentou na cama.

— Pare com isso, não vai conseguir ficar de pé — avisei, ajudando-a a se cobrir. — Você está toda machucada, me deixe cuidar das feridas primeiro.

— Só... só me dá um minuto — falou com a voz ainda trêmula, enquanto apertava a manta ao redor do corpo. — Eu me limpo... sozinha...

Quis dizer que ela não podia ser teimosa daquele jeito, mas acabei recuando e respeitando seu pedido,

pois a última coisa que eu queria era deixar Cassandra ainda mais desconfortável.

— Vou providenciar alguma comida pra você, porque precisa se alimentar — avisei a contragosto, sem querer deixá-la sozinha. — Consegue se comportar pelos próximos dez, quinze minutos?

Ela assentiu, correndo os olhos pelo quarto e os fixando sobre a bacia com água sobre o móvel. Satisfeito, cruzei o ambiente até a porta e a deixei para ir atrás de algo que pudesse alimentá-la. Não queria preocupar Kalliope por enquanto, tendo que chegar lá sem notícias concretas a respeito do estado de saúde de sua amiga, portanto, foi preciso eu mesmo me virar para preparar alguma coisa que pudesse ser ingerida.

MASSANDRA



CAPÍTULO 9

Era normal que eu me desesperasse ao notar que estava nua diante de Praga. Teria a mesma reação se fosse qualquer outro homem no lugar dele, então não me preocupei com o que pudesse pensar por ser expulso do quarto. No entanto, depois de alguns segundos a sós, a minha nudez não foi o que ocupou minha mente.

Eu me sentia... vazia. Não me lembrava do que tinha acontecido a partir do instante em que fui colocada sobre aquela pedra e uma das criaturas montou sobre mim. Daquele momento em diante, parecia que havia apenas um vácuo na minha memória e minha lembrança seguinte era a de um tigre querendo me devorar.

Deixei meu corpo cair para trás no colchão, não precisava que Praga me dissesse que precisava descansar, porque eu sabia e sentia na pele o quanto estava enfraquecida.

Fechei os olhos por um momento, tentando reunir forças e entender o que tinha acontecido comigo. A sensação era avassaladora e eu não conseguia parar de pensar nas criaturas e no que elas queriam de mim.

— Cassandra, você está bem? — ouvi a voz de Praga do outro lado da porta, cheia de preocupação.

— Estou... — respondi, minha voz saindo mais fraca do que eu gostaria.

— Certo. Vou voltar depois.

Respirei fundo, tentando acalmar a tempestade de emoções dentro de mim. Meu corpo doía, minha cabeça estava pesada e eu me sentia incrivelmente fraca. Mas, mais do que isso, estava assustada. As imagens das criaturas vinham à minha mente em *flashes*, e eu podia sentir o medo e a dor que elas me despertaram. O toque de suas mãos em meu corpo ainda era quase palpável.

Eu não sabia o que queriam, não sabia por que me escolheram, e isso me deixava ainda mais assustada. O que eu tinha de especial?

Tentei afastar aqueles pensamentos ruins da minha cabeça e me concentrar em algo positivo. Consegui me rastejar pela cama até me sentar do outro lado e trazer a bacia que estava na mesa de cabeceira, para o colchão. Deixei a manta e o lençol caírem ao redor do meu corpo e baixei o rosto para observar o meu estado.

Admito que senti o gosto de bile quando vi o corte em meu tórax, pois era grande e, apesar de não estar sangrando, a aparência era bem feia e parecia em carne viva. Molhei a toalha na água e passei com cuidado e leveza pela extensão vermelha, respirando fundo para aguentar a dor. Limpei minha pele suja de terra ao redor dos seios e nos ombros, depois procurei por outras regiões que estivessem daquele mesmo jeito.

Estava inclinada, tentando limpar meus pés, quando a porta do quarto se abriu e eu não precisava erguer a cabeça para saber que era Praga de volta.

— Você precisa comer — disse, colocando uma bandeja sobre a cama.

Ele balançou a outra mão diante dos meus olhos, mostrando-me uma camisa preta que eu me permiti segurar como se fosse ouro.

— Achei que fosse gostar de ter algo pra vestir.

— Obrigada — respondi, passando a gola pela cabeça assim que ele se sentou ao meu lado e olhou na direção da porta, desfazendo o contato visual com o meu corpo.

— Você entende que foi atacada por caçadores de magia? — perguntou ele, apoiando os braços sobre as coxas. — A única explicação para isso, é o interesse deles na energia que você adquiriu do tal cristal quebrado.

— Caçadores de magia? — repeti, tentando processar a informação enquanto encarava o prato com frutas e vegetais crus. — Nunca achei... que pudessem se interessar por alguém como eu...

Praga suspirou, passando a mão pelos cabelos de forma pensativa antes de voltar a me encarar.

— Provavelmente, nunca tiveram, até agora. — A mão enorme dele envolveu meu pulso por alguns segundos, como se precisasse me sentir. — Não era sua energia vital que queriam e, sim, a que estava emprestada a você. Foi um alvo fácil, afinal de contas, não possuí nenhum poder para se defender.

Senti um arrepio percorrer minha espinha ao ouvir aquelas palavras. Era assustador pensar que existiam seres tão cruéis assim no mundo.

— Mas por que me deixaram viva?

Praga franziu o cenho.

— Porque eu cheguei para atrapalhar os planos alheios. — Ele pegou uma das frutas e a ofereceu a mim. — Precisarei forçá-la a comer?

— O que aconteceu com o tigre?

— O quê? — Seus olhos se arregalaram.

— Acho que vi um tigre — respondi, pegando a fruta e dando uma mordida sem muita vontade. — O animal era enorme e estava em cima de mim, mas minha memória não está das melhores...

Praga soltou uma risada e balançou a cabeça, em seguida, me encarou e tocou meus cabelos com um semblante tranquilo.

— Foi alguma alucinação sua.

— Alucinação? — repeti um pouco confusa, porque a sensação de medo que me atingiu naquele momento ainda estava fresca em minha memória.

— Provavelmente — confirmou Praga, com um sorriso no rosto. — Seu corpo e sua mente estavam em um estado bem delicado, sob muito estresse.

Fazia sentido, mas ainda assim... Praga deu de ombros, como se não fosse grande coisa.

— O cérebro humano é capaz de criar coisas incrivelmente realistas quando está sob pressão. — Ele tocou a ponta do meu queixo de repente. — Não precisa se preocupar com isso agora, pois está segura aqui.

Para falar a verdade, eu adoraria me levantar e ir embora, refugiar-me no silêncio e conforto da minha casa, mas sabia que minha fraqueza não permitiria que eu me movimentasse muito. Por isso, decidi não discutir o assunto com Praga naquele momento, pois não faria nenhuma diferença para mim.

Só empurrei o prato com a comida que trouxe e me deitei de novo no colchão, mantendo a ponta do cobertor bem próxima ao meu pescoço e me perguntando quando conseguiria ficar sozinha para conferir o estado do meu corpo.

— Você precisa deixar que eu cuide das feridas — disse o homem ruivo ao meu lado.

— Eu estou bem — respondi, tentando soar mais confiante do que realmente me sentia. — Só preciso descansar um pouco.

Praga me olhou com uma expressão séria, claramente não acreditando em minhas palavras, até porque nem eu mesma acreditava muito.

— Cassandra, você está toda machucada. Precisa de cuidados. — Ele puxou um dos meus braços que estava escondido debaixo do cobertor e analisou a ferida ali. — Eu consegui parar o sangramento, mas isso tudo precisa ser limpo. Seus pés também estão horríveis...

— Se você me ajudar a chegar ao banheiro, eu consigo fazer tudo. — Praga não parecia tão disposto a aceitar minha sugestão. — Quero manter um pedaço da minha dignidade intacta, ok? Já basta ter sido carregada até aqui nos seus braços e pelada.

Ele revirou os olhos e soltou um suspiro bem alto, mas finalmente pareceu se dar por vencido. Quando se levantou da cama, pegou-me no colo junto com o cobertor que me cobria e me carregou pelo quarto até chutar uma porta e entrar comigo num banheiro bonito e elegante.

— Espero que não desmaie nem se machuque ainda mais — resmungou ao me deixar sentada num banquinho perto da banheira vazia, que se apressou a encher.

Para a minha total surpresa, aquela criatura enorme e que sempre me irritou e tirou do sério, estava sendo tão gentil quanto podia. Ele arrumou toalhas e as deixou onde eu alcançasse facilmente e até conferiu a temperatura da água para se certificar de que estava agradável.

— Obrigada, Praga.

De costas para mim e prestes a sair do banheiro, notei as pontas de suas asas querendo abrir num milésimo de segundo antes que ele as controlasse e as mantivesse recuadas.

Esperei até ouvir a porta se fechar para finalmente me permitir relaxar um pouco. Quando entrei na banheira, tomando cuidado e me controlando para não gemer de dor, senti que a água estava realmente na temperatura perfeita, e não pude evitar um suspiro de alívio quando mergulhei meus pés machucados nela. A dor nas solas era intensa, mas também sentia cada músculo do meu corpo protestar.

Não tive coragem de tocar nas feridas, apenas limpei minha pele de toda a sujeira que estava grudada nela. As lembranças passavam em *flashes* rápidos na minha mente, de como fui arrastada para cima e para baixo naquela floresta, sem que se importassem se estava ou não me machucando.

Foi ali no banheiro que também aproveitei para me libertar e chorar toda a angústia que estava prendendo na frente de Praga. O que tinha acontecido comigo? Por que de repente, minha vida virou de cabeça para baixo sem nenhum aviso prévio? Eu achava que coisas inacreditáveis só aconteciam com Kalliope.

Depois de um tempo e de me sentir limpa o suficiente, saí da banheira e me enrolei em uma toalha para recuperar um pouco de força antes de tentar me vestir e voltar para o quarto.

Foi quando notei um espelho grande na parede em frente a mim. Meu reflexo me encarava de volta, e eu pude ver claramente todos os cortes espalhados pelo meu corpo. Levei um choque com a visão, parecia pior do que realmente era, e eu não pude evitar que as lágrimas começassem a rolar pelo meu rosto mais uma vez.

— *Kassandra*? — A voz de Praga soou do outro lado da porta, cheia de preocupação.

Engoli em seco, tentando controlar minha voz, e aproveitei para enxugar meu rosto depressa.

— Só mais uns minutos — pedi, respondendo de volta.

Passei a camisa dele pela cabeça e a ajeitei em meu corpo muito menor do que o necessário para preencher a roupa completamente. E para a minha sorte, consegui me levantar sozinha e caminhar até a porta do banheiro, abrindo-a para encontrar o grandalhão do outro lado, com os braços cruzados e olhar avaliador.

— Acho que agora você vai parar de correr atrás de mim e me deixar em paz — brinquei, passando por ele em direção à cama. — Não acho que vai curtir todas essas cicatrizes que irei ganhar.

Num momento de desequilíbrio, senti seus dedos se fecharem na minha cintura e me manterem de pé. Nem me dei ao trabalho de olhar para seu rosto, pois sabia que estaria me julgando, sendo assim, permiti que me ajudasse a chegar até o outro lado do quarto e me sentei no colchão.

— Você não ficará com cicatrizes — respondeu, agachando-se aos meus pés e segurando um deles. — Nossa saliva é suficiente para curar esse tipo de ferida.

— Acho que lembro de ouvir Kalliope comentar algo do tipo. — Balancei a cabeça, observando o homem com os olhos fixos em meus machucados. — Mas como não dá pra você sair lambendo meu corpo todo, eu acho que...

Engasguei e mordi minha língua, literalmente, quando Praga aproximou a boca da sola do meu pé e lambeu a região que estava toda ferida por conta do trajeto que fiz.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntei, tentando puxar meu pé de volta, mas a mão dele era forte demais e me mantinha no lugar.

— Curando você — respondeu o filho da mãe, sem sequer levantar os olhos do que estava fazendo.

De repente, eu me dei conta de que estava me entregando de bandeja para Praga, pois aquele era o tipo de coisa que ele realmente adoraria fazer comigo se eu desse abertura.

— Mas... — comecei, sem saber direito o que dizer. A sensação era estranha, um misto de alívio pela dor que

amenizava com um pouco de desconforto por estar sendo lambida.

Engoli em seco, completamente em dúvida quanto ao que fazer. A maneira como a língua de Praga deslizava pela minha pele era levemente sedutora e fazia meu coração acelerar conforme eu o imaginava me concedendo aquela espécie de tratamento em outras regiões. Tentei não pensar muito no que estava acontecendo, concentrando-me no fato de que aquilo estava me ajudando de verdade e que não era nenhum tipo de brincadeira.

Mas quando ele terminou os dois pés e se aproximou ainda mais para tocar meu joelho com a língua, eu já podia sentir meu rosto pegando fogo. Praga precisou enrolar a barra da camisa um pouco para cima, pois ela havia ficado muito grande em mim, então depositou um beijo na região esfolada antes de erguer os olhos na minha direção.

— Por qual motivo está excitada? — indagou simplesmente, com uma sobrancelha atrevida arqueada.

— Eu não... não estou.

Estremeci quando notei um sorriso grande se desenhar em seus lábios.

— Posso sentir seu cheiro, gatinha selvagem — declarou o filho da mãe.

Pela misericórdia, eu não tinha me dado conta daquilo. Sabia muito bem que Morte e Praga tinham poderes extraordinários e sentidos extremamente apurados. Ele seria capaz de me sentir a quilômetros de distância, então por que não ali, com a cara enfiada quase entre as minhas pernas?

Eu grudei uma coxa na outra imediatamente e o empurrei pelos ombros. Trouxe minhas pernas para cima

do colchão e me encolhi, controlando a vontade que fiquei de enforçar aquele pescoço irritante.

— Saia daqui, Praga!

DRAGA



CAPÍTULO 10

A gatinha reagiu como se a culpa fosse minha, sendo que a única coisa que fiz foi tentar ajudá-la. Talvez eu não devesse ter comentado nada em voz alta para não agravar a situação, mas não consegui resistir em dar apenas uma leve provocada.

Como havia recuado, eu me inclinei para a frente e apoiei um joelho sobre o colchão, tentando alcançar a pequena criatura arredia. Seu olhar para mim indicava que estava prestes a me expulsar a tapas dali, no entanto, consegui segurar seus braços e virar o lado das feridas para cima.

— Não sairei antes de terminar meu trabalho.

— Eu não quero que toque em mim — respondeu, usando o pé para tentar me chutar.

— Prefere sofrer? Seu orgulho é tão grande assim?

— Não é questão de orgulho — Cassandra respondeu, tentando se soltar. — Eu sei que você está se aproveitando disso!

Aproveitei a oportunidade para examinar melhor os cortes e arranhões em seus braços. Enquanto tentava domar a pequena fera, passei de uma vez a minha língua pela região e a senti se encolher com meu toque. Sabia que seria muito mais eficiente se estivesse em minha forma de tigre, pois o poder regenerador da saliva era mais forte daquela maneira, mas queria evitar me transformar diante da garota, pois imaginava que sua reação não seria das melhores.

Ocupei-me apenas dos braços que já estavam à minha disposição e, em seguida, a soltei e descii da cama para que ela não usasse toda a sua energia.

— Não vou forçar meu toque em outras regiões — esclareci, pegando o prato com a comida na qual ela mal tocou. — Tente descansar.

•

Não imaginava que teria Cassandra hospedada em minha casa tão cedo, muito menos ferida e teimosa. Achei melhor dar algum espaço para ela, então aproveitei para fazer minhas próprias investigações. Lembrava-me de não ter conseguido eliminar todos os caçadores que estavam na caverna e estava determinado a não deixar que encontrassem a garota novamente.

Vasculhei a floresta fazendo o caminho inverso, segui alguns rastros que ainda eram possíveis de serem encontrados e usei todos os meus sentidos, mas eles eram bons em desaparecer. Precisaria realmente tirar um tempo para encontrá-los, mas naquele momento, não era ideal me afastar tanto de casa. O que tinha acontecido com Cassandra não era algo esperado. Não existiam outros casos parecidos porque nenhum semi nunca pisou em Taraen antes dela e de Kalliope. Sendo assim, nem mesmo eu sabia o que esperar.

Antes de retornar, achei melhor verificar como a grávida estava, pois Morte me baniria do universo se eu deixasse que sua mulher passasse mal sem que ele estivesse presente. Mas por sorte, quando me aproximei de onde moravam, senti a presença dele no interior da construção e soube que tudo ficaria bem. Havia outra pessoa que precisava mais de mim naquele dia.

Quando voltei para casa, Cassandra estava sentada na sala, parecendo entediada e frustrada. Ela me lançou um olhar fulminante quando entrei, como se eu fosse o responsável por todos os seus problemas. Eu apenas revirei os olhos e me joguei no sofá ao lado dela.

— Você deveria estar descansando, dormindo, algo assim — murmurei, sem realmente esperar que me

ouvisse.

— Eu estou cansada de descansar — ela respondeu, cruzando os braços. — Eu quero ir para casa, mas olha só que coisa estranha... Não consegui abrir nenhuma das portas ou janelas deste lugar.

— Você ainda não está bem o suficiente pra ir embora — expliquei. — Preciso encontrar os caçadores que escaparam antes de deixar que fique sozinha.

Ela bufou, claramente irritada, mas eu podia ver a exaustão em seus olhos. Estava lutando contra seu próprio corpo e eu sabia que não duraria muito tempo acordada.

— Você é impossível e eu meio que te odeio — murmurou, antes de se levantar e começar a andar em direção à escada.

Eu a segui, não querendo que se machucasse. Cassandra estava com as pernas instáveis e podia ser apenas uma questão de tempo antes que caísse. Portanto, coloquei-me atrás de seu corpo enquanto subia os degraus num ritmo bem lento, tentando ainda deixar algum espaço para não ouvir suas reclamações.

— Eu posso andar sozinha, Praga — ela rosnou quando percebeu que eu a seguia.

— Sei que pode — respondi, calmamente. — Mas não quero que se machuque.

A semi não respondeu, porém, eu podia ver a relutância até mesmo na maneira como seus ombros se movimentavam com sua respiração. Ela estava odiando ter que depender de mim, justamente por ser eu e por existir toda uma história entre nós dois.

— Só vou falar de novo, porque me preocupo... Mas seria ótimo se me deixasse cuidar melhor das suas feridas.

— Cala a boca.

Sorri com o jeitinho endiabrado.

Quando chegamos ao quarto, Cassandra se jogou de bruços sobre o colchão e choramingou. Pelo impacto e posição, imaginei que o corte que tinha sido feito em seu tórax estava dolorido, mas a filha da mãe parecia orgulhosa demais para me deixar chegar perto.

Apaguei as luzes e virei-me para sair, mas algo na mudança da sua respiração me fez parar.

— Eu vou mesmo ficar com cicatrizes se não aceitar sua ajuda? — Sua voz estava mais suave, nem parecia a mesma pessoa e, sim, alguém insegura.

— Não sou o dono da razão, mas acredito que sim — respondi. — Talvez, as mais profundas, que são as do tórax e dos braços.

O cômodo estava escuro, mas ainda havia um resquício de iluminação entrando pelas janelas. Então, tanto eu quanto Cassandra podíamos enxergar um ao outro.

Ela tinha se virado de barriga para cima na cama e seus olhos me encararam pelo tempo em que ficou em silêncio. Dois ou três minutos se passaram, até que soltou um longo suspiro.

— Se não vai me deixar sair, podia providenciar uma roupa decente para mim.

— Posso fazer isso.

Capturei um movimento discreto que levou meu olhar até seus dedos, enquanto os usava para puxar a barra da minha camisa que vestia. Ela se despiu de repente e abriu os braços sobre o colchão, fechando os olhos com o rosto virado para o teto.

— Mantenha as luzes apagadas — ordenou com um tom de voz baixo. — E não ouse fazer mais do que o

necessário.

Tentei esconder o sorriso que ameaçava aparecer em meu rosto. Sabia que não era nada fácil para ela se permitir ficar daquela maneira tão exposta a mim, mas a situação era um tanto quanto irônica.

De qualquer forma, por mais que eu quisesse muito tomar Cassandra como minha e a desejasse há muitos anos, naquela noite minha única intenção era realmente cuidar da garota. Coisas que diziam respeito ao meu instinto ou meus sentidos estavam fora do meu controle, por isso, não havia um jeito de não sentir seu cheiro de medo ou de excitação, como aconteceu mais cedo. Mesmo assim, eu sabia me controlar e não cruzaria nenhum limite que a faria me odiar ainda mais.

Aproximei-me da cama, tentando manter meus olhos focados apenas nas feridas. Era difícil, admito. A pele de Cassandra reluzia sob a luz fraca e azulada que entrava através das janelas, e eu podia sentir o cheiro doce que emanava de seu corpo.

Posicionando-me sobre ela, observei seus olhos ainda fechados e apertados, pois a testa estava levemente franzida pelo gesto. Inclinei-me em sua direção e passei minha língua com cuidado sobre a ferida que começava pouco acima do umbigo e terminava entre os seios bonitos. Senti Cassandra se contrair sob o meu toque, mas tinha certeza de que aquela reação não tinha nenhuma relação com tesão e sim com dor.

Tentei ser o mais delicado possível e, quando cheguei no final da ferida, tão perto de seu rosto, encarei os lábios bonitos por um segundo.

Poderia roubar um beijo naquele instante, mas se Cassandra resolvesse me corresponder, as coisas

evoluíam muito rapidamente considerando como e onde estávamos. Ela me culparia e me afastaria ainda mais se isso acontecesse, portanto, suspirei e recuei de uma vez por todas.

— Eu estava pronta pra furar seus olhos, só pra esclarecer — murmurou e, quando notei, sua atenção se concentrava toda em cima de mim.

— Você não resistiria ao meu beijo, gatinha.

— Continue se iludindo — rebateu, usando uma das mãos para dar um tapinha na minha testa. — Já terminou ou está se fazendo de lento de propósito?

Soltei uma gargalhada no escuro.

— Estou tomando cuidado, só isso. Sei que pensa que é uma desculpa pra me aproveitar da situação, mas se eu quisesse ver uma mulher pelada, não precisaria criar todo um teatro desse pra saciar minha vontade.

— Não estou vendo nenhuma se jogando em cima de você... — provocou a semi petulante.

— É porque eu prefiro caçá-las.

Minha fala surtiu o efeito desejado, pois Cassandra permaneceu alguns segundos em silêncio, apenas sustentando o meu olhar. Mantive-me imóvel, quando na verdade, adoraria descer meu rosto e cair de boca naqueles seios durinhos, dando a ela o que a garota ainda não sabia que precisava.

— Ah, claro, o grande caçador! — zombou, com um tom de voz carregado de sarcasmo. — Deve ser por isso que está aqui, cuidando de mim, em vez de estar lá fora, caçando jovens indefesas.

Eu não pude deixar de rir. Ela tinha uma língua afiada, isso era certo. E, de alguma forma, aquilo me agradava muito.

— Posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo — respondi, dando de ombros. — Quem sabe eu não esteja caçando você neste exato momento?

Ela ficou novamente em silêncio, mas dessa vez, a respiração se tornou mais ofegante e seus ombros se movimentaram com mais ênfase.

— Só... termine logo com isso — pediu, voltando a fechar os olhos.

Eu assenti, mesmo sabendo que ela não podia me ver, e voltei a me concentrar no trabalho ao qual me propus a fazer. Deixei toda a provocação de lado e, enquanto me ocupava com aquela cura, toquei de leve em seus dedos e emaneei energia relaxante para ela, até que acabou adormecendo.

Depois de um tempo, fechei a porta do quarto atrás de mim e me encostei nela, sem acreditar que eu tinha mesmo conseguido me manter são ali dentro. Aquela garota era um furacão e eu a desejava tanto que isso estava mexendo com toda a minha rotina.

Precisava descobrir como mantê-la segura e como lidar com o fato de que, talvez, ela nunca se entregasse a mim. Era um jogo perigoso esse que eu estava jogando.

Respirei fundo, tentando afastar os pensamentos sobre ela da minha cabeça, e voltei a deixar a casa para ir ao encontro de Morte e conversar sobre o que tinha acontecido. Certamente, qualquer coisa que eu fizesse seria melhor do que ficar sob o mesmo teto que Cassandra, rondando a porta do quarto e enlouquecido para sentir mais uma vez seu cheiro tão de perto.

MASSANDRA



CAPÍTULO 11

Acordei e me sentei na cama com uma sensação estranha, como se algo dentro de mim estivesse faltando. Tive que abrir meus olhos lentamente, ajustando-os à luz suave que entrava pela janela, então me espreguicei para aliviar a tensão muscular. O quarto era desconhecido, e por um momento, eu não tinha ideia de onde estava. Mas então, as lembranças da noite anterior começaram a retornar e eu me lembrei do ataque, do resgate de Praga e de estar na casa dele.

Deixei que o ar entrasse e saísse dos meus pulmões, com calma, respirando lentamente enquanto organizava minha cabeça. Sentia como se toda a minha vitalidade tivesse sido sugada, deixando-me apenas com o suficiente para respirar e me mover minimamente.

Baixei o rosto para observar as marcas em meus braços, esperando ver exatamente o mesmo que havia na noite anterior, mas as feridas já estavam quase cicatrizadas, confirmando que a palavra de Praga tinha mesmo valor. No entanto, eu podia sentir cada um daqueles machucados que foram feitos em mim. Havia uma sensação de vazio em meu interior, um buraco que parecia ter sido deixado pelos caçadores de magia, assim como uma leve queimação nos lugares onde fui cortada.

Levantei-me devagar e caminhei até a janela, abrindo-a para deixar o ar fresco entrar. A brisa suave acariciou meu rosto, trazendo um pouco de alívio para a minha mente tumultuada.

Acho que meus movimentos chamaram a atenção da figura que estava caminhando do lado de fora, lá no final da planície florida. Seria impossível não identificar que era o Praga, com aquelas asas enormes da mesma cor de seus cabelos de fogo. A distância não me permitia enxergar seus olhos e seu semblante em detalhes, mas

eu sabia que ele olhava na minha direção quando alçou voo.

Contei até dez e me virei de frente para a porta do quarto.

— Então está acordada? — Ele entrou, com as asas ainda abertas. — Como se sente?

Encolhi os ombros, sem saber o que responder. Não queria mentir e fingir que estava tudo bem, porque não tinha certeza do que acontecia comigo. Mas também não podia me comportar como uma criatura indefesa porque eu não precisava ficar aos cuidados dele nem de mais ninguém.

— Vim mais cedo e deixei comida — disse, apontando para uma bandeja ao lado da cama, com biscoitos e frutas de aparência saborosa. — Trouxe isso de Lumiaris, então espero que se alimente.

— Quero voltar pra minha casa — falei, minha voz soando mais fraca do que eu gostaria.

— Você ainda não está pronta para isso.

Sua resposta fez eu me sentir como um pássaro enjaulado, e tudo o que eu queria era voar para longe dali.

— Por acaso, eu me tornei sua prisioneira? — questioneei, cruzando os meus braços e dando alguns passos adiante. — Se não vai me deixar ir embora, a única coisa que o difere dos caçadores, é que não está me infligindo dor.

— Não deixarei que vá embora enquanto não soubermos exatamente com o que estamos lidando — respondeu, se aproximando de mim e me obrigando a levantar mais a cabeça para olhar seu rosto. — Acha mesmo que está fora de perigo, quando nem sabe o que motivou os caçadores? O que aconteceu com você em

relação ao cristal não é algo sobre o qual tenhamos qualquer referência anterior.

Ele se virou de costas sem demonstrar interesse em minha resposta, então apontou na direção da mesa de cabeceira.

— Pare de ser teimosa e agir igual criança. Comece logo a se alimentar ou nunca vai sair daqui, porque vai demorar o dobro do tempo para se recuperar.

Sabia que teria que obedecer pelo menos aquela ordem, pois começava a sentir muita fome e entendia que meu corpo precisava disso. Teria que deixar para lidar com meu novo sequestrador depois que estivesse com o estômago cheio, pois estava bem claro para mim, que Praga não pretendia me deixar ir a lugar nenhum.

— Eu não sou uma criança — respondi, minha voz firme. — E não estou sendo teimosa. Só quero entender o que está acontecendo e ter um pouco de controle sobre a minha própria vida.

Ele se virou para me encarar novamente, seus olhos faiscando de irritação.

— Você acha que eu estou fazendo isso por diversão? — questionou, sua voz elevada. — Estou tentando te proteger, Kassandra. Se esses caçadores ainda a quiserem, pode ter certeza de que irão de novo atrás de você.

Engoli em seco, sentindo as lágrimas se formarem em meus olhos. Eu odiava me sentir vulnerável, odiava me sentir fraca. Mas naquele momento, era exatamente assim que eu me sentia.

— Se conseguisse relaxar um pouco, não se sentiria como uma prisioneira, como disse — Praga murmurou, observando-me sentar na cama. — Você precisa recuperar suas forças, pois sua energia foi quase toda extraída, entende isso?

Assenti, pegando a bandeja com comida e a colocando sobre o colo. A curiosidade e o desejo de saber mais sobre o que havia acontecido comigo começaram a crescer. Eu queria entender sobre magia, sobre o que havia dentro de mim desde que o cristal se quebrou, e sobre como eu poderia recuperar o que havia sido tirado.

— Trouxe roupas pra você, como pediu — disse Praga ao caminhar até a porta e tocar a maçaneta. — E trouxe visitas também.

Antes que eu digerisse suas palavras, Morte e Kalliope entraram no quarto. Meus olhos se iluminaram ao vê-los, e por um momento, eu me senti um pouco mais aliviada.

— Kassie! — minha amiga se aproximou de mim e me abraçou ao se sentar ao meu lado. — Como você está?

— Estou bem — menti, forçando um sorriso.

Morte me olhou com seus olhos penetrantes, como se pudesse enxergar minha alma.

— Você não parece bem — disse de forma bem direta como sempre foi.

— Eu só... — comecei, mas as palavras morreram na minha garganta. — Não entendo o que aconteceu...

Kalli apertou minha mão para tentar me passar um pouco de conforto. Morte, por outro lado, trocou um olhar sério com Praga antes de se voltar para mim.

— Nós também queremos entender, Kassandra — disse ele, com uma voz mais suave, porém firme. — Praga e eu estamos buscando respostas.

Assenti, sentindo as lágrimas começarem a se formar nos meus olhos porque, de repente, minha mente foi inundada pelas lembranças daqueles momentos na caverna. Não queria parecer ainda mais fraca e

vulnerável perto daqueles seres tão poderosos que já deviam me considerar uma formiga, mas não consegui evitar que notassem minha reação.

— Sinto como se uma parte de mim tivesse sido arrancada — confessei com a voz um pouco embargada.

Ter a companhia da minha amiga fazia toda a diferença, por isso, quando Kalliope me puxou para um novo abraço, eu me permiti chorar. Foi a primeira vez desde que Praga me resgatou, que eu me sentia acolhida e confortável, porque ela era a pessoa mais importante da minha vida e a única que me conhecia completamente.

Os dois homens se retiraram do quarto em algum momento, pois quando me senti mais calma e levantei o rosto, só estávamos nós duas ali. Kalli enxugou meus olhos com os polegares, mantendo um sorriso reconfortante, e eu me lembrei que ela estava grávida e não devia ficar se estressando com problemas.

— Volte pra sua casa, você tem que cuidar desse bebê — falei, tocando sua barriga. — Aparentemente, estou presa neste lugar, então não há muito o que você possa fazer.

— Essa criaturinha aqui dentro está bem — disse ela, olhando para a minha mão e colocando a sua em cima. — Estava me sentindo um pouco mal ontem, mas hoje estou ótima. E Morte retornou, então também estou feliz.

Kalliope estava há uns dias esperando com ansiedade para que Morte voltasse para casa e, agora, eu me sentia péssima por ter atrapalhado o momento deles. Não queria que minha amiga ficasse preocupada comigo enquanto vivia uma experiência bastante inesperada e interessante como sua gravidez. Pensar

nisso me deixou com vontade de dar uns tapas em Praga por ele ter contado para ela.

— Talvez se você ou Morte me ajudarem a sair daqui, eu adoraria ir pra minha casa e fic...

— Sei que você e Praga nunca se entenderam direito, mas acho que deveria permanecer aqui, Kassie. — Kalliope encolheu os ombros e sorriu. — Não me mate, eu juro que falo isso para o seu próprio bem.

Senti a esperança se esvair de mim aos poucos e baixei a cabeça, derrotada porque nem minha amiga estava do meu lado. Engoli em seco e aproximei meu rosto do dela para tentar falar baixo, pois sabia que aqueles deuses sacanas tinham o poder da superaudição.

— Ele ontem me lambeu, Kalli — sussurrei. — Tipo, de verdade. Com a língua. Tenho medo do que mais devo esperar se continuar trancada nesta casa...

— Entendo. — A filha da mãe estava prendendo uma risada, eu tinha certeza disso. — Mas o que posso fazer é apenas tirá-la daqui e hospedá-la conosco por um tempo.

O quê? Voltar para a casa dela e de Morte? Nunca! Eu me lembrava perfeitamente de como eram minhas noites — e dias — quando o casal resolvia transar como se o mundo estivesse acabando. Qualquer coisa seria melhor do que ouvir novamente aquelas coisas que ouvi durante os meses em que dividimos o mesmo espaço.

— Não, não, não! — exclamei, balançando a cabeça freneticamente. — Prefiro ficar aqui e... e lidar com o Praga do que voltar para aquela casa e ouvir vocês dois fodendo sem parar.

Kalliope soltou uma gargalhada antes de trazer ambas as mãos até a minha boca e me calar, tarde demais.

— Não sabia que éramos tão barulhentos assim — brincou, ainda rindo. — Mas tudo bem, eu entendi sua questão e não a obrigarei a conviver com essa tortura.

— É, vocês são — murmurei assim que ela tirou as mãos da minha boca. — Mas agradeço muito a intenção de me ajudar.

Minha amiga ainda estava sorrindo quando se jogou de costas na minha cama e ficou ali, de olhos fechados alisando sua barriga enorme e levemente pontuda.

— Bem, você sabe que Morte e eu a ajudaremos com qualquer coisa, sempre estaremos disponíveis pra você — comentou Kalli, virando o rosto para me olhar. — Eu te amo, Kassie. Serei eternamente grata ao Praga por ter salvado minha melhor amiga e cuidado tão bem dela.

Eu não sei se podia considerar tão bons assim os cuidados que estava recebendo, considerando que me sentia como um petisco toda vez que o deus de asas alaranjadas me encarava.

— Isso tudo é tão sinistro, sabe? — Kalliope murmurou. — Morte uma vez me contou sobre alguns seres que existem aqui, mas dos quais nem tínhamos nenhum conhecimento quando morávamos em Litopanae. Mas eu juro que pareciam apenas histórias, não achava que esses caçadores realmente cruzariam nosso caminho.

— Eles são... horripilantes.

— Os sombrios são piores — ela retrucou, virando-se de lado.

— Como você sabe?

— Acho que o fato de carregar um filho de Morte está me concedendo alguns poderes. — Minha amiga encolheu os ombros com a testa franzida. — Não sei, tudo é novidade para nós. Mas teve uma vez que eu vi os

sombrios, sem saber o que eram, só depois que Morte e eu compreendemos que eu passei a enxergá-los por causa da gravidez.

— Não estou com inveja — respondi e Kalli soltou uma risadinha.

Daquele jeito, eu me permiti relaxar pelas próximas horas ao me sentir como se tivesse recuperado minha vida e minha rotina. Era bom ter minha amiga comigo, e eu sabia que, não importava o que acontecesse, nunca estaria sozinha.

Mais tarde, quando o casal foi embora, eu coloquei um dos vestidos que Praga tinha trazido para mim e saí do quarto para procurar por ele. Conhecia o lugar inteiro como a palma da minha mão por causa do tempo que passei morando ali com Kalliope e Morte, logo que chegamos ao continente. Por isso, sabia exatamente onde encontrar o grandalhão e subi as escadas de pedra que ficavam numa ala mais distante e terminavam num tipo de terraço e estufa, com o teto todo de vidro que se abria vez ou outra.

O lugar era uma confusão de plantas, livros, flores e demais objetos que Praga gostava de colecionar durante sua eternidade. No centro do grande salão, bem debaixo do grande círculo aberto no teto, ficava um ofurô enorme que a criatura adorava usar por longas horas. E ela estava justamente ali como imaginei, de costas para mim e a cabeça caída para trás como se dormisse um sono tranquilo.

— Veio se juntar a mim?

Revirei meus olhos mesmo que ele não pudesse ver.

— Vim só avisar que estenderei uma trégua por enquanto — respondi, sem me aproximar muito. — Vou ficar por uns dias aqui.

— Não devia ter subido as escadas — disse Praga, se virando para me olhar. — Olhe como está ofegante e pálida...

Antes que ele me perturbasse por causa daquilo, caminhei até uma poltrona antiga que havia num canto perto de uma grande estante com livros, e me sentei, sem conseguir tirar os olhos do ofurô. Os ombros de Praga eram tão largos, assim como seu pescoço e o pouco que eu conseguia observar de suas costas. Mas ao me dar conta do que estava pensando, pisquei algumas vezes e voltei a me concentrar no rosto dele.

— Ficarei com a condição de não ser tratada como uma inválida — esclareci. — Então não me encha a paciência, posso transitar livremente por todo esse lugar. Além disso, alguém precisa ir até o ateliê onde trabalho e avisar meu patrão sobre minhas... sei lá, acho que pode chamar isso de férias?

— Eu justificarei sua ausência, isso não será nenhum problema.

— Ótimo. E tem mais uma coisa — acrescentei, cruzando as pernas e tentando parecer o mais firme possível. — Eu quero respostas, Praga. Quero saber o que diabos está acontecendo comigo e o que os caçadores queriam. Tudo o que você descobrir, eu tenho que ser a primeira a saber.

Ele me encarou por um longo momento, os olhos dourados brilhando intensamente. Pude ver que estava ponderando minhas palavras e, sinceramente, algo me dizia que não importava o que eu dissesse, sempre seria vista como uma mestiça fraca sem poder algum.

— Farei o possível pra mantê-la informada. — Praga suspirou, passando a mão pelos cabelos molhados. — Talvez você não saiba, mas um dia, os caçadores foram elfos como qualquer outro que habita Lumiaris. São

criaturas que se corromperam, utilizaram a magia da forma errada e se tornaram isso que são.

— Mas por que eu não escuto falar de outros casos de sequestro?

— Porque normalmente, eles focam em seres inferiores — Praga respondeu. — Caçadores não querem pegar elfos porque sabem que podem perder a luta, então preferem caçar silfos, dríades... — Ele encolheu os ombros. — Como eu disse, espécies mais inofensivas.

— E aí eles encontraram uma mestiça idiota transbordando uma energia que nem era dela — conclui sem precisar pensar muito. — Que sorte a minha.

Sem aviso prévio, o infeliz simplesmente se ergueu dentro do ofurô e esfregou a nudez completa diante dos meus olhos. Eu não esperava vê-lo daquela maneira, achava que Praga manteria um certo limite entre nós, mas pelo visto, ele fazia questão de que eu conhecesse seu corpo.

E tudo bem, talvez eu já esperasse algo do tipo porque Kalliope e eu conversamos muito quando minha amiga conheceu Morte, só que o choque me afetou mais do que deveria.

Aquele homem tinha quase dois metros de altura, coxas grossas assim como seu tronco e... ah, cacete... qual era o lance daquelas criaturas de terem dois paus no lugar de um só? E pior, eram grandes, o que causava tesão e medo ao mesmo tempo em mim.

Precisei desviar depressa o olhar quando o homem que azucrinava meu juízo saiu do ofurô espalhando água para todos os lados. Segui apenas o movimento que seus pés fizeram e vislumbrei a ponta de uma toalha, voltando a observá-lo quando percebi que tinha se coberto com ela.

— Na verdade, o que aconteceu com você, em relação ao cristal cair e quebrar, poderia ter acontecido com qualquer outra pessoa — disse ele, como se não soubesse o impacto que acabara de causar. — O problema é que um elfo no seu lugar não teria sofrido essa absorção de energia. Você realmente deu azar.

Quando Praga se virou de frente para mim e me encarou, ele estava mais sério do que nunca. Percebi suas asas quererem se abrir e fiquei curiosa para descobrir o que causava aquele efeito nelas, pois já havia notado a mesma coisa no outro dia.

— Vou sair por algumas horas — avisou. — Precisa de ajuda para descer?

Neguei com um aceno de cabeça, estranhando aquela quietude. O Praga que eu conhecia teria soltado dezenas de indiretas ou piadinhas de duplo sentido por eu ter acabado de vê-lo em toda a sua glória. E ele certamente estava sentindo o meu cheiro, como afirmou que conseguia sentir, porque não foi fácil me manter indiferente diante daquele conteúdo.

Num piscar de olhos, ele simplesmente levantou voo dali mesmo de onde estava, abrindo suas asas em toda a sua majestosidade e batendo-as conforme subia em direção ao teto aberto. A toalha caiu e o deixou completamente nu enquanto sumia do céu e me deixava mais confusa, como se eu já não tivesse coisas demais para pensar sobre a minha vida e meus problemas.

DRAGA



CAPÍTULO 12

Sentia minhas garras afundarem no solo macio conforme corria, até diminuir a velocidade aos poucos e parar diante da figura que esperava à minha frente. Morte estava com as asas abertas e os braços cruzados, olhando-me de um jeito avaliador demais para o meu gosto.

Saí da forma de tigre e voltei ao meu normal, nivelando nossas alturas e abanando meu rabo antes que ele sumisse totalmente.

— É impressão minha ou você se transformou mais vezes nos dois últimos dias do que em toda sua existência? — perguntou ele, com a testa franzida. — O que está acontecendo com o gatinho?

— Quando passo muito tempo perto de Cassandra, o meu lado felino aflora. — Morte arqueou a sobrancelha em resposta. — Você não tem os mesmos instintos, então pare de julgar.

— Ah, eu não estou julgando — Morte retrucou, soltando uma risada baixa e rouca. — Só estou curioso para saber como andam as coisas entre vocês dois. Sei que ela tem uma personalidade bem forte...

Revirei os olhos, sabendo que ele tinha razão. Cassandra era diferente de qualquer outra pessoa que eu já tinha conhecido e isso estava mexendo comigo de uma forma que eu não sabia explicar.

— Ela é... intrigante — admiti, escolhendo minhas palavras com cuidado. — E forte. Muito mais forte do que parece.

Morte assentiu, parecendo satisfeito com minha resposta.

— Kalliope está preocupada com ela — comentou ele. — Acha que não está se recuperando tão rápido

quanto deveria e queria que Cassandra fosse pra nossa casa.

— Apenas dois dias se passaram desde que a garota teve quase a vida inteira arrancada pelo peito. Eu acho que ela está se recuperando no ritmo certo.

Morte assentiu, no fundo ele sabia que eu tinha razão e a recuperação da semi estava acontecendo da maneira como deveria acontecer. Ele também sabia que eu não a deixaria sair lá de casa e não adiantaria insistir nesse assunto, seria perda de tempo.

— Acho que seria bom procurarmos o Conselho de Lumiaris para atualizá-los do ocorrido — comentei quando Morte parecia prestes a ir embora. — Sei que foi um caso isolado, mas eles precisam saber que os caçadores agiram dentro da cidade.

— Posso acompanhá-lo, mas sabemos que ninguém se sente tão à vontade na minha presença — disse de forma séria e, talvez, esse fosse o problema de Morte, ele precisava ser mais simpático. — Não acha que o receberiam melhor se estivesse sozinho?

— Acho que você precisa socializar mais.

Ele suspirou, olhando para o céu claro e azul sobre nós por um momento antes de voltar sua atenção para mim.

— Irei com você — declarou muito a contragosto.

Assenti, agradecendo silenciosamente por estar disposto e não reclamar tanto. Eu sabia que o Conselho de Lumiaris era uma entidade poderosa e influente, que provavelmente não se importaria tanto com o bem-estar de uma mestiça. Tinha quase certeza de que, na cabeça deles, já estavam fazendo um enorme favor ao permitir que ela e Kalliope pudessem viver normalmente entre sua espécie. Mesmo assim, achava importante fazer o alerta, pois sabia que quando Cassandra estivesse

melhor, ia desejar retornar à sua casa e voltaria a ficar desprotegida.

Um tempo depois, quando voltei para minha casa, levei um susto ao me deparar com a bagunça sobre a mesa da sala. Eu morava sozinho por todo aquele tempo, pois ao contrário de Morte que adorava ter pessoas o servindo em sua residência, eu preferia o silêncio e a privacidade. Portanto, encontrar um monte de livros abertos e espalhados pela casa não era um acontecimento cotidiano.

— Cassandra? — chamei porque ouvi barulhos vindo da cozinha.

Então, a garota apareceu com o rosto todo sujo e uma espátula na mão.

— Você voltou! — Ela fez uma careta. — Achei que ficaria fora por uns dias. Não precisa, sei lá, espalhar doenças pelo mundo?

— O que está fazendo?

— Ah... — Cassandra olhou em volta. — Achei vários livros de culinária na sua biblioteca e resolvi testar. Tem receitas aqui que foram escritas há séculos e séculos... Muito interessante.

Era surpreendente que ela estivesse fazendo qualquer coisa além de ficar trancada no quarto. Ontem havia passado o dia todo assim, deitada na cama e sem trocar mais de duas palavras comigo. Agora, apesar de estar com um pouco de olheiras, parecia animada com sua tarefa.

Numa situação diferente, eu reclamaria por ter mexido nas minhas coisas, mas decidi me manter zen e puxei uma cadeira da sala para me sentar.

— Como está se sentindo?

— Muito bem — respondeu ela, forçando um sorriso.
— Só um pouco cansada.

Passei meus olhos pela mesa ocupada com os diversos livros e estiquei a mão para pegar um dos que estavam abertos. Folhear as páginas antigas e delicadas me fez pensar no tanto de informação que eu possuía guardada naquela casa, e quanto tempo fazia que eu não parava para ler um pouco.

— Já que você gosta de livros, pode usar os meus pra adquirir conhecimento. Tenho vários que abordam temas interessantes — expliquei, passando os dedos pela lombada desgastada. — Alguns falam sobre os primórdios da magia, sobre como ela era usada e os primeiros seres mágicos que habitaram este mundo.

Ela me olhou, seus olhos brilhando com uma mistura de admiração e medo.

— E sobre os caçadores de magia?

— Não acho que encontrará nada muito diferente do que já leu na biblioteca de Lumiaris.

— Se os caçadores não tivessem roubado essa energia do cristal, eu teria conseguido adquirir algum poder? — perguntou ela, fazendo com que eu desviasse o olhar do livro para seu rosto carregado de curiosidade.

— Não tenho certeza — respondi com sinceridade.
— Não era uma energia sua, ela devia estar mais como um campo... superficial.

— Entendi... — Cassandra murmurou, parecendo um pouco decepcionada.

— A magia é complicada — comentei, tentando escolher as palavras certas. — Ela está em todo lugar, mas nem todo mundo pode acessá-la da mesma forma. E o que aconteceu com você... bem, foi algo muito raro.

Eu senti que tinha algo queimando na cozinha, mas por sorte, a garota também sentiu antes que fosse preciso comentar alguma coisa. Ela saiu correndo e me deixou sozinho por um bom tempo, até que resolvi organizar aquela bagunça e juntei todos os livros numa única pilha.

Eu estava prestes a me recolher até meu quarto e deixá-la à vontade para destruir minha casa, quando a semi veio apressada da cozinha, segurando uma panela com algo aparentemente quente e a esticou na direção da minha boca.

— Prove!

— O que é isso? — perguntei, traumatizado por causa de Kalliope.

Kassandra revirou os olhos e ficou nas pontas dos pés, insistindo para que eu abrisse minha boca e deixasse a colher entrar.

— São ervas secas trituradas com uma espuma feita de gengibre, flor de mel e limão azul — declarou, com os olhos brilhando. — Eu não sabia que algo assim podia existir, ficou maravilhoso!

A aparência era muito horripilante, parecia ter gosto de cadáver, mas eu não seria capaz de dizer não àquela pequena criatura. Por isso, contei até três e abri minha boca, sentindo o metal da colher tocar minha língua rapidamente. Kassandra me encarou, esperando que eu provasse, então o fiz e engoli a gororoba.

— E então? — perguntou com expectativa e antes que eu respondesse que estava realmente gostoso, ela esticou a mão e limpou o canto dos meus lábios.

Afinal de contas, era isso que diziam sobre momentos em que nosso coração para de bater por um segundo? Não que eu precisasse de um órgão tão inútil para me manter de pé, mas tinha quase certeza de que

era a mesma sensação que os humanos viviam comentando.

— Gostou? — insistiu a semi.

— Sim — respondi, mas não sabia se estávamos nos referindo à mesma coisa.

Kassandra franziu a testa e se aproximou um pouco mais de mim, quase encostando o rosto no meu peito. Não entendi o que desejava, mas permaneci imóvel, decidindo aproveitar todas as oportunidades que o universo estava me concedendo.

— Você está ronronando? — a criaturinha perguntou, erguendo os olhos para mim.

— Não. — Pigarreei, tentando disfarçar o barulho que não conseguia controlar e puxei o ar devagar. — Por que estaria?

Ela ainda me lançou um olhar suspeito, mas pareceu aceitar minha resposta. Enquanto se virava para a mesa, senti o tigre querendo aflorar e mantive a concentração.

— Ficou uma delícia, né? E acho que dá pra usar com vários tipos de comida, sabe? — Kassandra usou a mesma colher para provar mais um pouco, em seguida, soltou a panela na mesa e levou as mãos à cintura. — Onde está o livro com a receita que acabei de usar?

Eu encarei a pilha que construí com dedicação, eram mais de dez volumes que estavam espalhados e foram organizados por mim. Parecia um ótimo trabalho, mas a garota não concordava comigo, pois se virou e me lançou um olhar assassino ao mesmo tempo em que me dava um tapa no braço.

— Não acredito que você misturou os livros, Praga! Eu ainda não tinha anotado a receita!

— Acho que terá tempo suficiente para procurá-la, considerando que sua aparência está péssima e isso

significa que não está recuperada como deveria.

Kassandra me lançou um olhar fulminante, claramente irritada com meu comentário, mas eu não estava errado, pois ela ainda estava pálida e suas olheiras eram evidentes.

— Vou me sentir muito melhor se você me deixar tomar um pouco de ar fresco — murmurou, cruzando os braços e exibindo aquele jeitinho petulante para mim. — É difícil recuperar a saúde ficando trancada o dia inteiro aqui dentro.

— Ar fresco, né? — Tive uma ideia e sorri para ela. — Tudo bem, foi você quem pediu por isso.

Antes que a gatinha selvagem pudesse protestar, eu a peguei no colo, ignorando seus gritos de surpresa e protesto. Tão leve como uma pluma e cheirosa como muitas flores, eu poderia carregar aquele corpo pequeno para qualquer lugar, mas saí de casa com uma coisa em mente.

— Me coloca no chão agora, Praga! — ela gritou, se debatendo.

— Vou te levar até um lugar onde você pode descansar e pegar um pouco de ar fresco — expliquei, tentando acalmá-la enquanto levantava voo.

— Eu preferia chegar lá andando com as minhas próprias pernas, sabia? — resmungou, fechando os olhos e apertando os braços ao redor do meu pescoço. — Como eu te odeio, Praga...

— Não existe ar mais fresco e puro do que esse — comentei, voando entre nuvens a muitos metros de distância do solo. — Aproveite o passeio.

Seus olhos claros encararam os meus por um segundo e os lábios formaram um biquinho enfezado.

Kassandra apenas conferiu rapidamente a terra bem longe de nós e soltou um suspiro pesado.

— Sabe que tenho medo.

— Mas eu não a deixaria cair — tranquilizei-a. — Já se esqueceu da travessia e da forma como a protegi?

O vento estava bagunçando os cabelos dela, então eu soltei suas pernas para usar minha mão e prender suas mechas atrás da orelha. Mantive apenas a pressão do meu outro braço em suas costas e isso deve ter feito Kassandra achar que estava caindo, pois quase me enforcou e girou o corpo, passando as coxas macias ao redor da minha cintura.

— Eu vou te matar, Praga! — gritou no meu ouvido, mas não resisti e acabei rindo de seu desespero.

— Você sabe que voar para mim é o mesmo que andar pra você, né? — Aproveitei que a nova posição mantinha seu rosto colado ao meu e rocei meus lábios em sua bochecha. — Não existe a menor possibilidade de correr algum perigo aqui em cima comigo.

Girei meu corpo para ficar de costas para o solo, mantendo-a deitada sobre mim para que o voo se tornasse um pouco mais agradável para a gatinha. Ela finalmente abriu os olhos e me encarou com receio.

— Confiar em você não significa que eu goste de voar — gritou, a voz um pouco trêmula, mas os olhos fixos nos meus como se buscasse ali alguma segurança.

— Respire fundo — respondi, tentando transmitir tranquilidade. — Olhe essa vista, Kassandra. Não é todo dia que se tem a chance de ver o mundo dessa perspectiva.

Ela hesitou, mas então, lentamente, virou a cabeça para olhar em volta. Estávamos passando bem por cima de Lumiaris naquele instante e a cidade começava a

acender suas luzes aos poucos. No horizonte, o sol terminava de se pôr e havia um brilho prateado bonito, que tornava o cenário ainda mais mágico.

— É lindo — Kassie admitiu num murmúrio bem baixo.

Eu me coloquei na vertical novamente, segurando-a bem firme para que não tivesse medo, então fiz um voo rasante em direção ao solo antes de subir de novo e arrancar alguns gritinhos da garota.

Uns minutos depois, decidi parar com a tortura e pousei suavemente na colina de casa. Cassandra me soltou rapidamente, mas assim que se viu sem apoio nenhum, seus joelhos enfraqueceram e ela quase caiu. Tive que agir depressa e passei meu braço por sua cintura, sendo alvo de seu olhar raivoso.

— É só um pouquinho de tontura — brinquei, sorrindo para ela. — Já vai passar.

— Nunca mais faça isso sem me avisar.

— Prometo que da próxima vez eu darei um aviso prévio — disse, recebendo um tapa leve no braço, apesar de não achar que a semi estava realmente irritada.

Seu semblante antes duro tinha aliviado um pouco e quando caminhei com ela em direção à casa, não demonstrou nenhuma resistência. Tinha sido mesmo providencial dar esse passeio, por mais que não tenha sido bem o que Cassandra imaginou. De qualquer forma, sentir o vento correr pelos cabelos e ter o sol tocando sua pele mesmo que por pouco tempo, faria muito bem à sua recuperação.

— Apesar do susto, foi uma experiência única — ela murmurou quando entramos em casa. — Agora trate de pegar todos aqueles livros e encontrar a receita da espuma.

— O que eu ganho se achar? — Abri o primeiro exemplar da pilha, folheando-o depressa.

Kassandra me lançou um olhar azedo, como se eu não estivesse fazendo mais do que a minha obrigação. Ela usava um de seus vestidos de alças bem finas que me permitia uma boa visão dos braços e das feridas que, só era possível saber que existiram, porque as cicatrizes ainda não tinham terminado de sumir, mas estavam muito fracas.

— Posso dar mais umas lambidas nesses machucados?

— Nem nos seus melhores sonhos — respondeu, ciente de que não precisava mais de mim.

Um homem poderia sonhar...

MASSANDRA



CAPÍTULO 13

Acordar naquela manhã foi diferente. Havia uma leveza no ar, uma suavidade que eu não conseguia associar a nada específico, mas bastou que me sentasse na cama e virasse o rosto, para finalmente entender do que se tratava. Havia um vaso com flores lindas sobre a mesa de cabeceira, o que indicava que só podia ter sido colocado ali por Praga e saber disso tornava difícil eu continuar brigando e reclamando dele.

A noite anterior até tinha sido melhor do que eu esperava. Não admitiria isso na frente do safado, mas depois que me levou para voar, eu me senti um pouco melhor. Mais leve e disposta, com certeza. E depois acabamos passando boa parte do início daquela noite ali na sala, olhando os livros à procura da receita que eu queria, e trocando conversas bobas e sem sentido.

Deixei que falasse um pouco sobre o início de sua vida, pelo menos o que ele se lembrava dela, e de como tinham sido os primeiros anos ao lado dos outros três deuses. Eu não tive o desprazer de conhecer Guerra e Fome, mas pelo pouco que sabia sobre eles e também sobre o Morte, tinha a impressão de que Praga era o mais carente dos quatro. Parecia realmente existir uma necessidade de estar sempre perto e em contato com pessoas, e percebi que por isso, não deve ter sido uma vida tão fácil para ele, dependendo apenas de três criaturas que o repeliam.

Enquanto conversávamos sobre seu passado, havia uma tristeza em seus olhos que eu nunca tinha notado antes, uma profundidade que me puxava para mais perto, mesmo quando eu sabia que deveria manter distância.

Levantei-me e saí do quarto sem pressa, vestindo apenas a camisa do grandalhão porque tinha me acostumado a usá-la para dormir. O lugar estava

silencioso como sempre e eu me dirigi para o terraço, encontrando o lugar vazio e agradável. O teto de vidro estava fechado, mas por ser muito alto, isso não impedia o cômodo de ser bem arejado.

— Você deveria dormir mais — a voz de Praga surgiu de repente, fazendo-me dar um pulinho de surpresa. Ele estava encostado na porta e me observava com aqueles olhos que pareciam ver diretamente através de mim.

— É só o que tenho feito. — Ele deu de ombros, um gesto que parecia casual, mas notei a tensão em seus ombros. — Está tudo bem?

— Claro que sim, só tenho muita coisa na cabeça — admitiu, finalmente se aproximando. — E a maioria delas tem a ver com *você*.

Eu engoli em seco, sentindo meu coração acelerar. Por que tudo o que dizia respeito àquele homem sempre terminava em indiretas e flertes? Praga parecia não saber interagir comigo sem tentar me levar para a cama, era algo realmente impressionante, porque não cansava.

— Tipo o quê? — perguntei, tentando parecer mais corajosa do que me sentia, mesmo sabendo do que se tratava.

Obviamente, ele não precisou responder, apenas deu um sorriso sedutor e deixou que minha mente formasse mil e uma teorias. Praga se aproximou mais, e eu pude sentir o cheiro de verão que sempre o acompanhava. Era um aroma estranhamente reconfortante e eu não me lembro a partir de que momento comecei a me sentir assim.

— Você é mais esperta do que isso, Kassie — ele disse num tom desafiador. — Não finja que não sabe.

— Saber não significa que eu queira fazer algo sobre isso.

Ele sorriu e se afastou simplesmente, deixando-me para trás com um misto de frustração e alívio. Praga desejava muito mais do que eu estava disposta a dar. Não estava pronta para lidar com essa questão e tudo o que ela representava, mas ao mesmo tempo, eu não podia negar que parte de mim estava curiosa.

O filho da mãe tinha uma maneira de deixar as coisas no ar como se fosse mestre em criar um suspense que só ele sabia desenrolar. E eu, bom, precisava aprender a jogar o mesmo jogo.

Voltei a olhar para o céu através do teto de vidro, o brilho do sol parecia piscar de volta para mim como se compartilhássemos um segredo profundo. A verdade é que, apesar de todas as minhas resistências, eu estava começando a gostar da companhia de Praga. O homem de quase dois metros de altura mais parecia um livro com capítulos intermináveis, cada um revelando algo novo e inesperado.

Com esse pensamento em mente, desci as escadas, determinada a não deixar que me intimidasse com seu charme e suas palavras enigmáticas. Encontrei-o na sala principal, sentado em uma poltrona com um livro na mão, até que levantou os olhos para mim e um sorriso lento se formou em seus lábios.

— Sentiu saudades? — perguntou, fechando o livro e colocando-o de lado.

— Não exatamente — respondi, tentando parecer desinteressada, mas a verdade é que eu queria estar ali, naquela sala, com ele. — Talvez, apenas buscando companhia.

Seus olhos me escrutinavam com calma, até que moveu discretamente sua cabeça num aceno e colocou um sorriso pequeno nos lábios.

— Sua aparência está muito melhor, sabia? Vou precisar inventar boas desculpas para continuar mantendo-a em cativeiro.

— Alguma notícia sobre os caçadores?

Ele negou e, por um instante, eu me peguei duvidando se falava ou não a verdade. Não era segredo para ninguém que Praga queria que eu continuasse presa em sua casa, à disposição dele todas as horas do dia e da noite. Então, confesso que eu não sabia direito no que acreditar. Será mesmo que ele estava procurando os caçadores sobreviventes? Ou apenas me enrolava para que eu passasse mais tempo ali?

— Agora que sua energia está se revitalizando, você sente alguma coisa? — questionou, inclinando o corpo e apoiando os cotovelos nas coxas. — Sensações ruins ou... não sei, necessidades diferentes?

Eu hesitei antes de responder. Desde o incidente com o cristal, eu me sentia diferente, mas achava que era puro cansaço.

— Sinto-me... estranha — confessei, cruzando os braços sobre o peito. — Como se houvesse algo dentro de mim. Depois do ataque, fiquei com uma sensação de vazio, mas a impressão que tenho é que estou voltando a me sentir como antes.

Praga se levantou e se aproximou, sua presença era como um campo magnético. Ele parou a uma distância mínima e eu podia sentir o calor que emanava de seu corpo. Então, esticou a mão e tocou meus cabelos por um segundo.

— Talvez seja hora de explorar essas novas facetas da sua existência — sugeriu num tom meio zombeteiro. — Não me lembro de ter visto antes esses fios dourados nos seus cabelos. Já se olhou no espelho hoje?

Do que estava falando? Levantei-me depressa e corri para a frente do único espelho que havia naquela casa, observando a lateral da minha cabeça, justamente onde Praga havia tocado. Ali, misturados aos meus fios escuros, tinham surgido alguns dourados que nunca existiram.

— Que diabos é isso? — perguntei, um tanto apavorada.

— Está perguntando para mim? — Ele riu. — Você parece uma caixinha de surpresa. Mas se quer saber, eu diria que é um efeito colateral bastante interessante.

— Efeito colateral de quê? — Minha voz saiu mais aguda do que eu pretendia, e eu me virei para encará-lo, buscando alguma explicação que fizesse sentido.

— Do seu encontro com o cristal, talvez? — sugeri Praga, cruzando os braços e me avaliando como se eu fosse um enigma a ser resolvido. — Ou quem sabe seja uma manifestação da magia que usaram contra você e que a energia do cristal capturou...

Eu me afastei do espelho, sentindo meu estômago levemente embrulhado. A ideia de ter uma gotícula de magia correndo pelas minhas veias era assustadora e eu adoraria que Kalliope estivesse por perto para acalmar a histeria que queria sair.

— Não quero me tornar uma... aberração ou coisa do tipo...

Encarei Praga diante de mim e, sem que percebesse o que estava fazendo, acabei me encostando contra o corpo dele e apoiando meu rosto em seu peito. Tive consciência disso apenas quando senti uma de suas mãos pesar em meu ombro, mas me mantive imóvel.

— Acho que não é motivo para se desesperar — murmurou. — Não por enquanto. Acredito que se você

tivesse desenvolvido algum poder, já o teria testado em mim mesmo que de forma inconsciente.

Soltei uma risada quase trágica e fechei meus olhos por um segundo.

— Mas sinto informar, gatinha, que isso sim é um bom motivo para continuar em minha casa.

— Para o seu prazer, não é mesmo?

— Poderia ser para o seu também — Praga provocou, deslizando a mão que estava em meu ombro pelas minhas costas. — Mas você não contribui em nada.

Certo, aquele era o alarme que me indicava ter ficado tempo demais com minha guarda baixa perto dele. Portanto, recuei alguns passos e tentei ignorar os pelinhos do meu corpo que tinham ficado arrepiados pelo contato.

O filho da mãe desceu os olhos pelo meu corpo e encarou minhas pernas, arqueando uma sobrancelha e tentando abafar um sorrisinho idiota.

— Você fica muito bem nas minhas roupas. Não pretende mais me devolver esta camisa?

— Não — respondi, cruzando os meus braços e o empurrando ao passar por ele. — Quero tomar um banho, faça algo de útil e encha a banheira para mim, ok?

•

Não chegava a ser uma mecha, mas eles estavam lá sim, espalhados entre meus outros fios e rindo da minha cara porque eu não sabia o que esperar em relação ao meu mais novo *look*. Tentei até me lembrar da senhora que era dona do cristal quebrado e tinha certeza de que

ela não possuía cabelos dourados, então nem isso me ajudava a ligar os pontos.

Estava em pé no banheiro, diante do espelho, aproveitando também para conferir meu visual. As marcas causadas pelos caçadores de magia já não existiam mais. Praga não mentiu quando prometeu que eu não ficaria com cicatrizes, pois elas realmente sumiram e minha pele voltara a ser perfeita.

Tinha perdido a noção do tempo, pois este lado da barreira era diferente de Lumiaris. Há quantos dias eu estava naquela casa? Uma semana, pelo meu cálculo mortal? Muito mais do que isso? Não sabia dizer ao certo e isso me deixava angustiada.

Naquela manhã, coloquei um vestido que não era longo e me permitia mais mobilidade. Amarrei meus cabelos numa trança e descí até a sala na esperança de encontrar com Praga.

Gastei meu tempo livre e entediante cozinhando algumas comidas que aprendi com os livros encontrados naquele lugar e, então esperei. Demorou bastante e eu estava extremamente ansiosa, mas finalmente a porta principal foi aberta e Praga passou por ela.

Eu corri até lá, limpando minhas mãos sujas na própria roupa e bloqueei seu caminho ao espalmar minhas mãos em seu peito.

— Volte lá fora e tire seus sapatos! — ordenei.

— O quê?

— Faça isso, por favor. — Sorri de forma doce e gentil para confundi-lo.

Ele ficou alguns segundos sem se mover, apenas me encarando, mas quando me obedeceu, aproveitei a oportunidade e me apressei. Mirei a porta aberta e me joguei contra ela sem saber se a barreira que ele tinha

criado para me manter presa ainda estaria ali ou não. Como eu suspeitava, Praga a tirava quando precisava entrar e sair de casa.

— Cassandra!

Ouvi seu grito, é claro, mas não me preocupei em olhar para trás. Eu sabia que ele me alcançaria em questão de segundos, mas só de sentir meus pés tocarem a grama fofa e ter a falsa sensação de liberdade, valia a pena essa pequena rebeldia.

Porém, não foi contra o corpo de Praga que eu me choquei e, sim, no de Morte. O homem surgiu do nada diante de mim sem que eu conseguisse parar de correr a tempo de quase me estatelar no peito dele.

O impacto teria me derrubado se as asas pretas não me segurassem e eu agradecia por isso. Mas quando ergui meus olhos na direção dos dele, não parecia nada feliz nem irônico como Praga estaria se tivesse conseguido me capturar.

— Deixem-me ir pra minha casa — implorei, sentindo as lágrimas se acumularem. — Por favor...

— Creio que precisará ter um pouco mais de paciência, Cassandra — respondeu, olhando para algo atrás de mim. — Praga não está mantendo-a aqui só por diversão. Vamos entrar e conversar.

Quando me virei para acompanhar Morte a contragosto, considerando que sua mão pesada estava em meu ombro e deixava claro que eu não iria a lugar algum, dei de cara com o deus de asas alaranjadas. A maneira como ele me olhava fez com que eu me sentisse um pouquinho mal, pois parecia magoado por eu ter mentido e fugido.

DRAGA



CAPÍTULO 14

Deixei que fosse Morte a se encaminhar para dentro de casa com Cassandra, porque aparentemente, a garota estava desesperada para ficar longe de mim. Eu não esperava que ela tentasse fugir daquela maneira e quando a vi implorar ajuda para Morte, senti um pouco da minha resistência sofrer um abalo. Ele me lançou um olhar que dizia mais do que palavras, um misto de reprovação e compreensão, antes de desaparecer porta adentro com ela.

Respirei fundo, tentando afastar a sensação de inquietude que me assolava. Não era hora para fraquezas ou hesitações. Cassandra precisava de proteção e eu tinha que ser a muralha entre ela e os perigos que a espreitavam. Com esse pensamento, segui os dois para dentro e ao entrar na sala, encontrei-os num silêncio tenso.

Morte estava sentado, a expressão indecifrável, enquanto Cassandra mantinha-se de pé, os braços envolvendo o próprio corpo numa tentativa de se proteger, talvez de mim, talvez do mundo.

— Precisamos conversar, Cassandra — comecei, minha voz mais suave do que eu pretendia. — Há coisas que você precisa saber.

Ela me encarou com os olhos grandes e cheios de perguntas. Morte apenas observava, como se estivesse pronto para intervir a qualquer momento.

— O Conselho de Lumiaris está atrás de você — revelei, tentando prepará-la para o impacto daquelas palavras. — E não é porque eles querem te convidar para um chá.

Vi o medo passar por seus olhos, mas ela se manteve firme, o queixo erguido em desafio.

— Por quê?

— Eles não sabem lidar com o que aconteceu e, por não saberem, estão tratando-a como um caso desconhecido que precisa de respostas — Morte explicou, parecendo não gostar de ser portador de más notícias. — Se a pegarem, vão testá-la, estudá-la, explorá-la, como se fosse um animal a ser dissecado.

— Co-como assim? — a garota murmurou, usando os próprios braços para se abraçar e direcionando um olhar para mim. — Eles não sabem que não tenho culpa de nada?

— Eles sabem, mas não se importam com uma mestiça. — Puxei uma cadeira e também me sentei. — O Conselho não vai aceitar que tenha absorvido uma energia que não a pertencia e que ainda tenha sido manipulada por caçadores. Para eles, você agora é uma ameaça.

— O que isso tudo significa, Cassandra, é que no momento, você não é mais bem-vinda em Lumiaris — Morte declarou de uma vez e veio até mim, apoiando uma mão em meu ombro. — Praga não queria contar a verdade para que isso não a abalasse tanto e atrapalhasse sua recuperação. Ele pode ser um pouco difícil às vezes, mas está comprometido em mantê-la segura.

— Por que vocês estão fazendo isso por mim?

— Porque é o certo — disse ele. — E porque, de alguma forma, acabamos envolvidos nessa confusão junto com você.

Houve um momento de silêncio, onde apenas nos encaramos e o olhar de Cassandra era indecifrável. Eu não queria alterar aquela dinâmica entre nós, mas sabia que precisaria ceder um pouco se a quisesse manter bem e também sem me odiar como parecia acontecer.

— Você pode ficar com Morte e Kalliope — declarei de uma vez. — Acho que vai te fazer bem e agora que sabe da verdade, talvez não seja mais preciso trancá-la dentro de casa.

— Levando em consideração de que vai se comportar e não correr pra Lumiaris na primeira oportunidade — Morte completou, olhando firme na direção da semi. — Não vim aqui com a intenção de levá-la, mas você tem todo o direito de escolher onde prefere ficar e, pelo que vi agora há pouco, creio que seja mesmo melhor se distanciar de Praga.

Kassandra me lançou um olhar confuso e eu apenas sorri de volta para ela. Era sua chance de se livrar de mim, afinal de contas. Eu não brigaria por isso, apesar de sentir vontade de expulsar Morte daquela casa e voltar a trancar a porta com as barreiras que ativava, só para ter a garota por mais uns dias ali, pois já estava me acostumando com sua presença.

— Eu... não sei o que fazer — murmurou e pude ver a confusão dançando em seu olhar. — Eu me sinto segura com você, Praga, mesmo que você me irrite mais do que qualquer coisa.

Eu ri, um som genuíno que surpreendeu até a mim mesmo. Morte pigarreou, claramente para impedir que eu dissesse alguma coisa que ele considerasse idiotice, mas eu não podia me importar menos. Kassandra estava considerando ficar e isso era tudo o que eu precisava ouvir.

— Se decidir ficar, prometo que vou tentar ser menos... Praga — falei, e ela soltou uma risada que soou como música para os meus ouvidos.

— E se eu decidir ir com Morte e Kalliope?

— Então ele irá respeitar sua decisão — Morte respondeu por mim, lançando-me um olhar afiado.

Kassandra mordeu o lábio, pensativa, e então olhou para ele.

— Acho que... vou ficar — ela disse finalmente. — Mas sem barreiras, sem trancas. Eu preciso respirar o ar puro de vez em quando, quero poder passar por aquela porta e tocar as flores.

— Você entendeu que não pode atravessar a barreira? — questionou Morte. — Se for capturada por Lumiaris, eu não permitirei que o Praga se intrometa mais no assunto. Você tem metade de sangue de elfo, então teoricamente, seu problema deveria ser resolvido com eles. Estamos, mais uma vez, atrapalhando o curso natural das coisas.

Podia parecer que ele estava pegando pesado propositalmente para a deixar assustada, mas Morte tinha mesmo razão. O Conselho estava furioso por estarmos escondendo Kassandra e tentou de tudo para nos fazer mudar de ideia e entregá-la a eles. O que desejavam, basicamente, era iniciar uma série de estudos para entender como a semi pôde absorver uma energia de uma elfa antiga e poderosa e, principalmente, quais eram as consequências da extração que os caçadores fizeram em seu corpo. Eles a usariam como um experimento e não permitiriam que ela vivesse livremente em sua sociedade pacífica enquanto a enxergavam como uma bomba-relógio.

— Eu entendi — Kassandra respondeu com um aceno de cabeça, sua voz firme, mas seus olhos ainda carregavam uma sombra de incerteza. — Confio em vocês dois.

Não pude evitar, meu peito se encheu de um orgulho estranho, e eu levantei e me aproximei, colocando uma mão sobre o ombro dela e garantindo que minha presença fosse reconfortante.

— Você está livre para explorar os arredores, só peço que não vá além dessa colina e dos limites que estabelecemos. — Ela assentiu. — É para a sua própria segurança.

Morte suspirou, como se estivesse desistindo de uma batalha antiga.

— Bem, se essa é a sua decisão, Cassandra, então está resolvido. — Ele se direcionou à porta principal e não se preocupou de se despedir. — Espero não chegar novamente aqui e encontrar vocês dois se matando.

Kassandra olhou por onde Morte havia saído e depois voltou seu olhar para mim, um sorriso tímido se formando em seus lábios. Algo em seu olhar me disse que ela carregava mais do que apenas a leveza de sua decisão. Havia um peso ali, uma compreensão de que as escolhas têm ecos que ressoam muito além do momento.

— Ele é sempre tão simpático!

— Morte é mais macio do que a casca sugere — eu disse, tentando aliviar o clima que se formara. — Só que ele prefere que o mundo veja apenas sua armadura.

A semi me olhou, e havia uma gratidão muda em seus olhos, uma aceitação do que parecia ser sua vulnerabilidade.

— Obrigada — murmurou com a voz ligeiramente trêmula, revelando a emoção que ela lutava para manter sob controle. — Por tudo. Eu não... hm, não esperava que Lumiaris ficasse contra mim.

— Vá fazer o que tanto queria — respondi, mudando de assunto para que ela não se abatesse. — Pode sair de casa.

Kassandra assentiu com um novo sorriso e, por um momento, o mundo pareceu um lugar menos sombrio. Observei-a passar pela porta e dar alguns passos

hesitantes, como se testasse o solo de uma terra desconhecida, cada movimento um desafio à incerteza que a rodeava. A luz do sol banhava seu rosto, e os poucos fios dourados em seus cabelos chamavam ainda mais atenção.

— Não vou segui-la, então por favor, não seja imprudente.

Sem que eu esperasse, Cassandra retornou depressa até onde eu estava e me abraçou, envolvendo a minha cintura e erguendo o rosto para me olhar. Havia um sorriso bobo em seu rosto além do brilho nos olhos, expressão que ela não me concedia com frequência, por isso tomei todo o tempo que tinha para absorver aquele momento.

Pigarreei para disfarçar o barulho que ela poderia escutar em meu peito e sorri de volta quando me soltou e recuou, virando-se de costas e correndo pelo campo florido até se perder entre as flores da estação.

•

Eu sabia que a ameaça dos caçadores de magia ainda pairava no ar como uma tempestade prestes a desabar. Todo dia eu passava para o outro lado da barreira, na tentativa de capturar algum vestígio deles, mas os desgraçados sabiam perfeitamente se manterem fora do radar.

Naquela noite, enquanto Cassandra dormia, decidi fazer mais uma de minhas rondas habituais. A lua estava cheia, banhando a floresta nos limites de Lumiaris com uma luz prateada que transformava cada sombra em um potencial esconderijo. Foi a primeira vez que senti a presença de um deles depois do ataque à garota. Sabia

que não era um animal da floresta, nem o vento entre as folhas. Era algo... mais pesado, mais intencional.

Parei, fechando os olhos e concentrando-me na energia ao meu redor, até que ouvi o estalar de um galho atrás de mim. Virei-me rapidamente, apenas a tempo de ver uma figura encapuzada emergindo das sombras. Ele não parecia surpreso por eu tê-lo notado, o que me fez pensar que talvez quisesse mesmo ser visto.

— Você tem algo que nós queremos. — Sua voz era áspera, porque não devia usá-la com frequência, já que eram como ratos que não viviam em sociedade.

Eu poderia atacar, mas pensei em tentar tirar alguma informação valiosa daquele encontro.

— E o que seria? — perguntei, mantendo minha postura relaxada.

O caçador deu um passo à frente, e a luz da lua revelou parte de seu rosto cinzento e marcado por cicatrizes antigas.

— A garota é especial...

Sorri.

— E vocês acham que vão pegá-la de volta?

Ele não respondeu de imediato, pude ver o brilho em seus olhos enquanto refletia sobre sua derrota.

— Não precisa ser hoje — disse finalmente. — Uma hora...

— Por que não me conta o que ela tem de tão especial pra vocês? Pode ser que não seja nada tão útil para mim, então, talvez a devolva.

Demorou um tempo até eu perceber que não ganharia o que queria. O caçador não me daria nenhuma informação porque sabia que ficaria em desvantagem. Por isso, deixei que minha energia se manifestasse e ele percebeu a mudança. Num movimento rápido, sacou

uma adaga provavelmente encantada da cintura e a lançou em minha direção.

Desviei sem dificuldade, sentindo o ar frio da lâmina passar por minha pele e abafando uma risada. Era divertido que ele pensasse ter qualquer chance de sair vivo dali.

A floresta ao nosso redor se tornou um borrão de movimentos e sons ocasionados pelo estalar de galhos sob nossos pés. A verdade era que eu podia acabar com aquilo numa fração de segundo, mas gostava dessa coisa toda de embate corporal, pois me causava uma sensação incrível de adrenalina. Fazia parecer que eu realmente precisava me esforçar por alguma coisa ou morreria.

Quando me cansei de brincar com o caçador, canalizei um ataque direto sobre ele, emanando um feixe de luz que o atingiu no peito e o lançou contra uma árvore.

— Avise aos outros que se voltarem a procurar pela garota, eu não serei tão misericordioso.

O infeliz me olhou com certo ódio e eu sabia que meu aviso não seria levado a sério. Só o deixaria sair com vida para que pudesse contar aos outros que Cassandra não estava desprotegida. Tinha certeza de que essa não seria a última vez que nos encontraríamos, mas por agora, Cassandra estava segura daquele lado da barreira. E isso era tudo que importava.

MASSANDRA



CAPÍTULO 15

Caminhava descalça, sentindo a terra fresca sob meus pés, uma sensação que me reconectava com a realidade de um mundo que, até então, parecia ter se virado contra mim. O orvalho da manhã molhava a bainha do meu vestido, mas eu mal notava, perdida em reflexões que me assombravam desde o dia anterior.

A cada passo, as palavras de Morte e Praga ecoavam em minha mente, fazendo-me sentir como uma folha arrancada de sua árvore, flutuando sem destino. "Você não é mais bem-vinda em Lumiaris." Essas palavras me cortavam mais fundo do que qualquer espinho que eu pudesse pisar aqui fora. O lugar onde eu queria tanto me sentir como alguém que faz parte de algo e pelo qual tanto me esforcei para me adaptar nos últimos anos.

Enquanto me afastava da casa, a sensação de estar sendo observada crescia. Não era apenas paranoia, porque meu coração estava acelerado e eu podia notar meus sentidos mais aflorados do que o normal. Esfreguei minhas mãos na roupa, pois as palmas estavam coçando de um jeito estranho, e continuei minha caminhada sem deixar de me manter alerta.

Foi então que aconteceu. Um vulto entre as árvores, rápido e silencioso, mas não o suficiente para não ser percebido. Eu me virei para encará-lo, mas não vi nada. Parecia não haver nada ali, mas meu coração ainda estava disparado. Alguma coisa mandava eu me afastar daquelas árvores, por isso, decidi correr de volta para a casa, para a segurança, para Praga.

A lua estava alta quando finalmente parei, ofegante e assustada, porém viva. Eu olhei para o céu noturno, para a lua que iluminava meu rosto com sua luz prateada, e me dei conta de que tinha saído com o sol brilhando. Como se a ficha tivesse caído lentamente,

entendi que tinha passado pela barreira sem querer e acabei correndo um risco desnecessário.

Antes de abrir a porta e entrar em casa, puxei o ar devagar para me acalmar e controlar minha respiração. Ajeitei os cabelos bagunçados pelo meu desespero e me senti um pouco melhor depois de um minuto.

Praga não estava em casa e eu nem fazia ideia de quando apareceria. Talvez o fato de ter meio que me libertado do cativo tivesse sido também libertador para ele, considerando que antes passava quase o dia todo sendo minha babá.

Eu fui me refugiar no terraço em meio aos livros, dessa forma poderia me acalmar e tirar da cabeça o que tinha acabado de acontecer. Com um exemplar aberto sobre o colo, deixei que as palavras me transportassem para longe da realidade que, por um momento, havia se mostrado tão ameaçadora.

Pensar no que havia passado pouco tempo antes me deixou mais uma vez apreensiva. O silêncio da casa era um contraste com o tumulto dos meus pensamentos. Praga não estava por perto e eu não podia deixar de me perguntar onde estaria. A liberdade recém-descoberta tinha o seu preço e eu sentia a falta da segurança que sua presença constante me proporcionava, mesmo que às vezes fosse sufocante.

Quando finalmente levantei os olhos do livro e encarei o teto de vidro, percebi que a madrugada não tardaria a chegar. Precisava descer e preparar algo para comer, pois meu estômago já tinha reclamado algumas vezes e não me lembrava qual tinha sido o último horário que me alimentara naquele dia.

Decidi apenas esquentar um ensopado que tinha feito no dia anterior e comi sozinha, evitando pensar no tamanho daquela casa e em quantas ameaças ela

poderia esconder, caso os caçadores atravessassem a barreira. Eles não tinham como fazer isso, certo?

Suspirei, com a certeza de que gostaria de ter a presença de Praga por perto naquela noite. Mesmo com toda a implicância que existia entre nós, ele ainda era alguém em quem eu podia confiar de olhos fechados e, querendo eu ou não, estava disposto a me proteger de qualquer coisa.

— Nada disso importa se ele não está aqui agora — resmunguei, raspando a colher na tigela para aproveitar as últimas gotas da sopa. — Não adianta ficar pensando nele.

A contragosto, arrastei-me de volta para a cozinha, certificando-me de deixar toda a casa bem iluminada por onde passava. Arrumei tudo ali depressa quando comecei a ouvir assobios sinistros do lado de fora, mesmo com a minha mente dizendo que era apenas o vento forte da noite.

Minutos mais tarde, estava subindo as escadas quando senti um arrepio na espinha e congelei, sem ter coragem de me virar e olhar para trás. Então, ainda mantendo a mão no corrimão, respirei fundo e falei:

— O que você quer?

— Ir até o meu quarto, mas você está bem no caminho.

Meu coração acelerou só pelo simples fato de ter ouvido a voz tão conhecida e eu me virei de imediato, me lançando sobre Praga e o abraçando como se fosse um amuleto da sorte que eu não podia mais perder.

Mais uma vez, pude ouvir um barulho emanando de seu peito, como se fosse um gatinho ronronando bem baixo, mas ignorei porque minha mente trabalhava a todo vapor pensando na humilhação que estava

passando. Antes mesmo que eu o soltasse, ele riu com uma das mãos alisando minhas costas.

— Não sabia que sentiria tanto a minha falta.

— Eu não... — Pigarreei e recuei, ajeitando minha postura. — Não senti. Na verdade, não percebi que você não estava em casa...

Sua sobrancelha se arqueou e eu sabia que não o enganava, mas meu orgulho estava ferido depois de quase ter chorado nos braços dele. Não queria que notasse o quanto eu estava desesperada momentos antes de chegar, então coloquei um sorriso no rosto e dei um tapinha em seu peito.

— Bem-vindo de volta.

— Não fez nenhuma besteira enquanto eu estava fora, fez? — perguntou como se estivesse escrito em minha testa. — Por que estava com medo?

— Quem disse isso?

Praga sorriu e inclinou o corpo, aproximando o rosto do meu e encarando meus olhos tão profundamente que senti um arrepio.

— Esqueceu que sinto cada resposta que seu coração dá?

— Ah, sim, senhor poderoso — brinquei, tentando desviar o olhar, mas era difícil com ele tão perto. — Você não sabe de tudo.

Praga se afastou, mas ainda havia um sorriso todo convencido em seus lábios.

— Sei o suficiente — disse com um brilho travesso nos olhos. — Mas fique tranquila, não vou te interrogar. Pelo menos, não hoje.

— Nossa, parece até que é capaz de me preparar um interrogatório — zombei, levando minha mão ao peito de forma dramática.

Praga sorriu com um brilho malicioso nos olhos.

— Cuidado com o que deseja. — Ele recuou um degrau e observou meu corpo da cabeça aos pés, sem se importar de ser indiscreto ou não. — Posso levar muito a sério.

Ele sempre transformava nossas interações em flerte, não tinha jeito. E o pior é que eu sentia que estava me acostumando com isso depois de tanto tempo ouvindo as indiretas e sentindo aquele olhar marcante sobre mim.

Mesmo assim, eu não queria cair na teia que Praga tecia ao meu redor. Não podia me permitir ser fraca a esse ponto, porque sabia que me entregar a ele seria um caminho sem volta.

— Boa noite — falei, virando-me e terminando de subir a escada, enquanto ainda sentia o calor subir pelas minhas bochechas e me perguntando se ele tinha o mesmo efeito sobre todas as outras mulheres ou se era só comigo.

Quando entrei em meu quarto e fechei a porta, a sensação do abraço ainda queimava na minha pele. Eu me deitei na cama e fechei os olhos por um momento, mas duvidava que conseguisse dormir. Minha mente não parou de lançar memórias do que acontecera mais cedo do outro lado da barreira e eu me sentia arrepiar a todo instante, cada vez que pensava sobre o vulto.

— Preciso esfriar a cabeça — murmurei para eu mesma, levantando e abrindo a janela pra deixar a brisa da noite entrar.

O ar fresco ajudava um pouco, mas ainda tinha aquela sensação de que algo ou alguém podia estar lá fora, espreitando, e isso me deixava angustiada. Tinha quase certeza de que era exagero da minha parte, afinal

de contas, agora Praga estava em casa e eu sabia que ele não deixaria nada de ruim acontecer comigo.

Troquei de roupa e vesti a camisa dele, pensando que pudesse usá-la como um objeto de apoio e conforto, mas quase uma hora depois de me deitar, ainda não tinha conseguido dormir.

Decidida a ter a companhia do homem de asas extravagantes, deixei meu quarto e fui procurar por ele. Imaginava que estivesse no terraço como quase sempre acontecia de madrugada, então segui até lá, disposta a conversar um pouco enquanto meu sono não aparecia.

O lugar com piso de pedra antiga parecia contar histórias de tempos que eu mal podia imaginar, e as plantas que o cercavam davam um toque de vida com suas folhas balançando suavemente sempre que o vento corria pelo cômodo. Era sem dúvida o lugar mais bonito e acolhedor da casa, por isso eu também gostava muito de ir até ali.

O ofurô não estava ligado quando cheguei nem Praga estava dentro dele. Eu o encontrei fazendo exercícios sobre uma barra alta de ferro, como se realmente precisasse se esforçar daquela maneira para ter músculos perfeitos.

— Não consegue dormir? — o homem perguntou enquanto eu me aproximava. — Fugiu do quarto?

— Não estou com sono... — respondi, parando alguns passos perto dele. — O que está fazendo, afinal?

Praga pendurou as pernas na barra e desceu o tronco, ficando de cabeça para baixo e me encarando daquela maneira. Estava com os cabelos presos num coque e tinha cruzado os braços, lançando um sorrisinho zombeteiro para mim. Mas o principal detalhe daquela cena era seu abdômen exposto, pois estava sem camisa e exibia seu físico impressionante.

— O sono é para os mortais — brincou, erguendo o tronco para baixá-lo novamente. — Essa é uma forma de me distrair.

— Parece difícil e exaustivo.

— Gostaria de tentar? — Neguei e ele riu.

— Acho que tenho problemas suficientes na vida — falei, observando-o repetir aquele movimento que parecia desafiar a gravidade.

Praga parou de se exercitar e ficou me olhando enquanto se balançava ligeiramente, ainda de cabeça para baixo. Seus olhos brilhavam com um misto de desafio e diversão.

— Certo, talvez eu não seja a pessoa mais indicada para você desenvolver conversas profundas, mas... quer falar sobre isso? Pode tentar desabafar.

Eu dei de ombros, tentando parecer desinteressada, mas a verdade era que estar ali com ele, naquele terraço, fazia todos os problemas parecerem menores, mais distantes. Sua presença fazia eu me sentir segura e eu não podia negar que a criatura vinha se tornando cada vez mais atraente aos meus olhos.

Quer dizer, não é como se eu estivesse *gostando* de Praga, nada disso. Mas andava notando como meu corpo reagia perto dele, principalmente em momentos específicos em que eu me aproximava muito.

Naquela noite, por exemplo, com seus olhos fixos em mim, parecia que eu nem era a mesma garota de minutos atrás, morrendo de medo e carregada de angústia.

— Não é nada que você já não saiba — respondi, e então, num impulso que nem eu mesma entendi direito, acrescentei: — Mas sabe o que seria realmente um problema?

Praga inclinou a cabeça, o sorriso ainda presente, provavelmente sem me compreender.

— O que seria?

Antes que eu pudesse pensar duas vezes, avancei alguns passos para me aproximar e segurei seu rosto entre minhas duas mãos. Ele não se moveu, apenas me observou com uma curiosidade aguçada e aguardou o beijo. E então, com um misto de audácia e nervosismo...

Interrompi meu gesto com minha boca a centímetros da dele antes que pudesse me arrepender. Era para ser um beijo rápido, quase um roçar de lábios, mas minha ousadia não durou tanto tempo e a ficha caiu antes que eu fizesse aquela besteira.

— Parou no melhor momento? — provocou o filho da mãe com um brilho nos olhos. — Jura?

— Acho que não é uma boa ideia — completei, soltando seu rosto e dando um passo para trás, tentando disfarçar o tremor nas minhas mãos.

Uma de suas sobrancelhas arqueou e parecia que estava claramente se divertindo com a minha hesitação súbita. Podia sentir minhas bochechas queimarem de vergonha e quis me bater por ser tão estúpida.

— E se eu quiser que você termine o que começou? — perguntou, sua voz mais baixa e mais rouca. — Ou eu vou descer daqui e tomar uma atitude.

Engoli em seco sentindo meu coração bater forte no peito, ciente de que Praga podia ouvi-lo com facilidade. Meu lado racional gritava para manter distância e correr para a segurança do meu quarto, mas havia outra parte, mais impulsiva, que queria acabar com aquela enrolação de uma vez por todas.

— Talvez eu não queira — menti, tentando parecer confiante.

Ele sorriu parecendo saber exatamente o efeito que tinha sobre mim.

— Talvez — concordou. — Mas eu acho que você quer.

— Você pensa que sabe de tudo, não é?

— Não de *tudo* — admitiu, com um sorriso malicioso. — Mas sei reconhecer quando alguém está tentando se convencer de algo que nem mesmo acredita.

Parecia um joguinho de gato e rato entre nós dois, coisa que vinha acontecendo há algum tempo, e parecia que Praga sabia jogar muito melhor do que eu, pois sempre tinha resposta para tudo.

De qualquer forma, eu o encarei. Observei seus lábios bem desenhados e rosados, levemente entreabertos, além dos olhos amarelos intensos que eram extremamente lindos. Há quanto tempo eu não sabia o que era beijar alguém e quais as sensações que aquilo causava?

Não tive resposta, mas voltei a me aproximar e fixei meus olhos nos lábios entreabertos. Praga já tinha ganhado muitos pontos pelo simples fato de permitir que eu tomasse a iniciativa, ao contrário de me agarrar contra minha vontade. Demonstrou ter uma paciência assustadora, pois ainda permanecia imóvel e à minha espera.

Então, diminuí toda a nossa distância, aproveitando que seu rosto de cabeça para baixo estava na mesma altura que o meu, e encostei minha boca na dele. Foi estranho senti-lo daquele jeito depois de o conhecer por tanto tempo, mas ao mesmo tempo, foi suave. Praga me deixou explorar seus lábios sem pressa, apenas correspondendo ao meu toque.

Não demorou muito para que a minha cautela desse lugar a uma urgência que eu nem sabia que existia

dentro de mim, e ele revidou com a mesma intensidade, mordendo minha boca quando chupei sua língua. Até que suas asas abriram de repente e eu estava tão imersa no beijo, que acabei me assustando um pouco.

Ele ainda estava de cabeça para baixo quando recuei, mas pulou da barra num segundo e se colocou de pé, sem se dar ao trabalho de fechar as enormes asas coloridas.

— Isso foi... — começou, passando os dedos pelo canto dos lábios. — Surpreendentemente bom.

Precisei esticar a mão e a espalmar em seu peito nu quando veio para cima de mim com mais ímpeto do que deveria, encurralando-me contra a parede e usando os braços para bloquear minha passagem.

— Não tome isso como um cartão de acesso pra fazer o que quiser — pedi, olhando-o firme nos olhos. — Foi só um beijo.

Praga tinha cheiro de floresta, de chuva e flores, de natureza em seu melhor momento, e isso era inebriante quando ficava tão próximo daquele jeito. Precisei fechar os olhos por um segundo e respirar fundo pelo nariz.

— Você se contenta só com um beijo? — questionou, sussurrando em meu ouvido. — Tem certeza?

Sem me dar tempo de responder, ele encostou os lábios no meu pescoço, com delicadeza, e os deslizou pela minha pele até alcançar os ossinhos da minha clavícula. Uma de suas mãos procurou pela minha cintura e me apertou ali, o polegar fazendo movimentos circulares que me distraíram mais do que o normal. Eu poderia derreter se fosse mais além.

— Se é apenas isso que quer esta noite, acho melhor ir para seu quarto — declarou.

Imaginei que fosse recuar e me deixar passar para que eu corresse pelas escadas como uma adolescente morta de vergonha e com medo de tomar decisões erradas. Mas não, ele era profissional na arte de seduzir, por isso, seu braço enroscou em minha cintura e meus pés saíram do chão quando me prendeu contra seu corpo. Ele me carregou porta afora, usando os dentes para morder a ponta da minha orelha, ao mesmo tempo em que descia os degraus para o andar inferior.

— Não pense que...

— Só estou dando uma carona pra minha gatinha selvagem — ele me interrompeu e as pontas de suas asas tocaram meus cabelos. — Não pense besteira, eu sou um anjo.

— Que piadinha sem-graça.

Praga gargalhou quando me colocou no chão, diante da porta do meu quarto. Antes de me soltar totalmente, ele beijou minha mão e piscou todo sedutor. Eu ainda estava atordoada quando me deixou sozinha e voltou para o terraço, então só fiz o caminho até a cama e me joguei no colchão, processando o que tinha acontecido.

Agora com a lembrança daquele beijo gravada na minha mente, sabia que dormir seria uma tarefa ainda mais difícil.

DRAGA



CAPÍTULO 16

O dia tinha sido conturbado porque eu havia encontrado com Guerra em Virendra, o continente onde ele mantinha sua residência e ao qual eu não gostava muito de ir. Não era só pelo clima sempre cinzento, ou pelas paisagens que pareciam ter saído de um pesadelo gótico, mas sim pela energia do lugar. Era como se cada pedra e cada sopro de vento estivessem impregnados com o eco de batalhas antigas e eu me sentia pesado sempre que passava muito tempo por lá.

Não ajudava também o fato de Guerra ser o mais difícil de lidar de nós quatro, ainda pior que Morte e seu temperamento azedo. O meu irmão de asas e cabelos brancos era frio, cruel e maligno.

Deveria ter sido uma passagem tranquila, se ele não tivesse aparecido num momento em que eu estava verificando uma aldeia humana. Meu trabalho já estava feito, mas Guerra veio me provocar tocando no assunto sobre Cassandra. Não que ele soubesse exatamente quem era ela, mas estava sempre ligado em tudo o que acontecia e nunca perdia nenhuma informação preciosa.

— Soube que caçadores de magia estão alvoroçados em Taraen — comentou fingindo descaso. — Uma semi com energia agregada? Quem é ela, Praga?

— Não acho que seja um assunto importante pra ser discutido entre nós.

— Sério? E por que chegou aos meus ouvidos, que a garota está sobre sua proteção e a de Morte?

Guerra tinha esse jeito de jogar as palavras no ar como se fossem nada, mas eu sabia que cada sílaba era calculada. Ele era o mestre dos jogos mentais, e eu tinha que pisar com cuidado.

— Os rumores voam mais rápido do que nós, não é mesmo? — respondi, mantendo a voz leve. — Mas sabe

como é, Morte tem suas manias, e eu... bem, eu só gosto de manter as coisas interessantes.

Ele riu, um som que mais parecia o tilintar de espadas se chocando umas nas outras.

— Interessantes? — Guerra inclinou a cabeça, os cabelos brancos caindo sobre os ombros como uma cortina. — Você sempre foi o mais... como posso dizer... sentimental de nós. Não me diga que se afeiçãoou à criatura?

— Sentimental é uma palavra forte, irmão. — Cruzei os braços, observando-o com cautela. — E Cassandra não é uma criatura. Ela é...

Parei, mordendo a língua com raiva por ter citado seu nome. Não queria dar a Guerra nenhuma informação importante, muito menos a satisfação de saber que, de fato, eu me importava mais do que deveria.

— Ela é o quê? — Ele deu um passo à frente e eu senti o ar ficar mais denso ao nosso redor. — Uma peça no seu jogo? Uma marionete?

— Alguém que não merece ser jogada no meio dos nossos conflitos. Acho que não quer que se repitam as coisas que aconteceram em Litopanae, certo? Já basta a pressão que você e Fome colocaram sobre Morte.

Guerra me estudou por um longo momento, seus olhos prateados brilhando com algo que eu não conseguia decifrar.

— Muito nobre da sua parte, Praga. — Ele deu de ombros, desinteressado. — Mas lembre-se de que tudo possui um preço.

Com um último olhar afiado, ele se virou e desapareceu na névoa cinzenta que sempre parecia cercá-lo. Agora eu conseguia compreender os sentimentos de Morte a respeito de Kalliope e cada

atitude desmedida que tomou para manter a garota em segurança.

Fiquei ali, sozinho, com o eco das palavras de Guerra ressoando em minha mente. Litopanae... Aquele episódio tinha sido um ponto de virada para todos e eu não estava disposto a deixar que a história se repetisse com Cassandra. Cada um de nós carregava o peso de suas respectivas decisões, e Morte com certeza sentia o peso do mundo em seus ombros por causa de Kalliope.

Agora, eu começava a entender a profundidade daquela conexão, o tipo de laço que fazia você ir contra sua própria natureza, contra o próprio mundo se necessário. E enquanto a brisa fria de Virendra sibilava através das árvores retorcidas, eu sentia uma determinação feroz se acender dentro de mim. Cassandra não seria uma peça descartável em nosso xadrez cósmico. Ela tinha sua própria força, sua própria luz, e eu faria o que estivesse ao meu alcance para que se mantivesse intacta.

Com um suspiro, afastei-me daquele lugar e deixei para trás a sensação opressiva de Virendra. Não queria ficar muito tempo longe de casa porque, aparentemente, Kalliope podia dar à luz a qualquer momento, considerando sua barriga gigantesca. Também havia o fato de que eu ainda estava tentando assimilar o que havia acontecido entre mim e Cassandra na noite anterior. Foi realmente surpreendente que a garota tenha me beijado por conta própria e isso significava um grande avanço em nossa relação.

Ela estava lendo naquela tarde quando cheguei em Taraen, deitada de bruços sobre a grama no jardim que dava para a descida da colina e a beira do lago. Não quis me aproximar justamente para poder ter um tempo meu, observando a tranquilidade que a cercava. A brisa suave que vinha do lago trazia consigo o perfume das flores

silvestres, misturando-se ao aroma que era unicamente daquela pequena. A cena tinha algo de hipnótico e eu me peguei perdido em pensamentos, refletindo sobre as mudanças que ela trouxera para a minha vida.

O beijo ainda estava muito fresco na minha memória, a maneira como a semi me olhou no terraço, o coração acelerado, a fragrância deliciosa de fêmea excitada. Seus lábios eram doces e macios, seus dedos segurando meu rosto eram delicados mas, ao mesmo tempo, causaram uma sensação impressionante em mim.

Foi preciso um esforço monumental para deixar que fosse embora naquela hora, pois meus instintos clamavam para que eu concretizasse o que queria há tanto tempo. No entanto, sabia que não podia perder o controle e, sim, trabalhar ainda mais a minha paciência.

Kassandra mudou de posição, esticando-se como um gato ao sol, e por um instante, nossos olhares se cruzaram. Havia um brilho de reconhecimento, uma faísca de algo mais, me levando a crer que ela pudesse ter o mesmo turbilhão de pensamentos agora mesmo dentro da cabeça.

Eu me aproximei com passos leves e me sentei ao seu lado, mantendo uma distância segura. Quando fechou o livro e me olhou com aqueles olhos que pareciam enxergar tudo de mim, sua testa se franziu.

— Você parece pensativo — ela comentou, com um meio-sorriso.

— Estava apreciando a vista — respondi a verdade.
— Sentiu minha falta?

O céu ainda estava claro e foi impossível não notar que Kassandra corou, um rubor suave que se espalhou por suas bochechas, enquanto abaixava o olhar para o livro em suas mãos.

— Eu sobrevivo muito bem sozinha, sabia? — murmurou, estalando a língua. — Não sentiria sua falta mesmo que ficasse um mês fora.

Na posição em que estava deitada, eu podia observar a pele lisa de suas coxas onde o vestido não cobria. Por isso, apoiei uma das minhas mãos em sua perna esquerda, deixando que meus dedos deslizassem para cima até sumirem dentro do tecido, mas parando antes de chegar ao traseiro bonito.

— Não sente saudade porque ainda não me provou de verdade — instiguei, sentindo seus pelinhos se arrepiarem. — Podia ter experimentado ontem mesmo.

Kassandra se retesou imediatamente e eu estava pronto para recuar, esperando que me batesse ou me xingasse, mas então, a garota simplesmente se ajoelhou e me encarou com um olhar de desafio. Contra a luz do sol os seus cabelos escuros ficavam lindos e brilhantes, e o vento balançava delicadamente o vestido curto, como se quisesse brincar com meu autocontrole.

— Por que você joga tanto comigo?

— Eu joga? — perguntei, observando sua testa franzida. — Por que acha isso?

Ela mordeu o lábio inferior e eu pude ver a roda de pensamentos girando em sua cabeça. Era fascinante observá-la assim, tão entregue às suas reflexões, tão vulnerável e ao mesmo tempo tão forte.

— Somos de mundos e tipos diferentes, então por que insistir em algo que não tem como dar certo?

— Nunca ouviu dizer que os opostos se atraem, gatinha? — rebati, tocando a cintura fina e aproximando meu rosto. — Pode ser que o impossível seja apenas algo que ainda não tentamos superar.

Percebi que seus olhos pareciam buscar alguma verdade nas minhas palavras. Podia ver a batalha interna que ela travava entre a razão e a emoção, mas achava que ainda demoraria um tempo para que realmente se permitisse ter uma ideia diferente da que sempre acreditava.

Para a minha grata surpresa, Cassandra apoiou as mãos nos meus ombros ao chegar mais perto, olhando fixamente em meus olhos e parecendo muito reflexiva. Era demais para mim, não aguentava mais ficar naquela situação depois do beijo de ontem, sendo assim, deixei que minha mão se fechasse em sua nuca e grudei nossos lábios um no outro.

Fui com calma e deixei que o momento se tornasse exploratório, como se nossas bocas estivessem se conhecendo pela primeira vez apesar da memória fresca da noite anterior. Mas logo a suavidade deu lugar a uma urgência crescente, um desejo que parecia ter estado adormecido e que agora despertava com força total. Cassandra respondeu com a mesma necessidade, suas mãos subindo dos meus ombros até se enlaçarem em meus cabelos e me puxarem mais para ela. A sensação de seus dedos em meu corpo era deliciosa e enviava ondas de calor para cada um dos meus nervos.

Capturei sua língua enquanto descia minha mão até suas costas e continuava o caminho mais para baixo. Ela estava com a pele arrepiada sob o vestido e eu não me contive, apertei sua carne em meus dedos ao tocar a bunda macia.

Estava excitado e não impedi minhas asas de abrirem, mas precisei me controlar para não derrubar a garota ali mesmo na grama e me enfiar entre suas pernas. No entanto, eu a trouxe para o meu colo enquanto ainda estávamos embalados pelo beijo. Suas

mãos exploravam os meus braços enquanto sua boca chupava a minha em desespero.

— Eu acho que... — ela murmurou sem fôlego. — Isso é errado...

— Errado? — repeti, enquanto nossos lábios se separavam por um fio de ar. — Errado é resistir ao que é inevitável, gatinha.

A semi me encarou com os olhos transbordando desejo, mas com uma pitada de conflito dançando neles. Um segundo depois, seu olhar se suavizou e ela se aconchegou mais em meu colo, como se buscasse conforto na tempestade de emoções que a consumia.

— Você tem dois... hm... — Senti o tremor em sua voz e sorri. — Isso é demais pra mim.

— Não preciso usar os dois — respondi quando entendi uma parte de seu medo. — A menos que você queira.

Kassandra soltou uma risada nervosa, mas havia um brilho de curiosidade em seu olhar. Ela não era boba, eu não tinha a menor dúvida de que muitas histórias e fofocas devem ter existido em momentos íntimos entre ela e Kalliope. Portanto, eu acreditava que a semi sabia o que esperar de uma transa comigo.

Estava pronto para derrubá-la naquela grama e depositar alguns beijos pelo resto de seu corpo, quando uma sombra cobriu o sol acima de nós e me obrigou a olhar para o alto. Vi Morte pousar alguns metros adiante e me lançar um olhar de pedido de desculpas por ter acabado de interromper um momento importante.

— Kalliope acabou de ter o bebê.

MASSANDRA



CAPÍTULO 17

Ele tem asas. Sim, o bebê da minha amiga nasceu com asas iguais as do pai. Eu fiquei um pouco apavorada quando vi, mas Kalliope brilhava de tanta felicidade. Ela estava deitada na cama com Kiran nos braços, olhando para ele como se fosse a coisa mais preciosa do universo e eu não podia negar que era muito lindinho.

— Será que ele vai ser poderoso igual ao pai?

Kalliope apenas sorriu, acariciando as pequenas asas pretas com cuidado.

— Quem sabe, não é, meu amor? — respondeu ela, falando com ele antes de direcionar o olhar para mim. — Seja como for, ele sempre será nosso pequeno milagre.

Observei Kiran dormindo tranquilamente nos braços da mãe. Aquelas asas frágeis, mas promissoras, eram fascinantes. Não era à toa que minha amiga estava babando, assim como Morte também, que só tinha saído do quarto porque sua mulher pediu para ficarmos um pouco a sós.

— Ele é incrível, Kalli. — Alisei seus cabelos, vendo-a fechar os olhos com o carinho. — Tenho certeza de que crescerá e será um menino maravilhoso.

— Obrigada, amiga. Ele será, principalmente por possuir pessoas tão boas em sua vida.

Senti um sorriso enorme se desenhar em meus lábios porque eu sabia que era uma daquelas pessoas citadas. Kiran era a esperança da qual todos nós precisávamos, trazendo com ele a crença de que coisas especiais poderiam acontecer, mesmo em nosso mundo cheio de desafios e incertezas. Não tinha como não ficar empolgada ao olhar para aquela coisinha pequena, que nos surpreendeu com a notícia de sua existência.

Talvez, por um breve momento, eu tenha permitido que minha mente divagasse em pensamentos sobre o

meu próprio bebê. Sabia que nunca poderia ter um e nem era algo no qual eu pensava ou me martirizava, mas testemunhar a felicidade de Kalliope trazia um sentimento contagioso de ilusão.

— Ele é parecido com o pai? — perguntei. — Você sabe... falo sobre a parte genital...

— Sim. — Minha amiga gargalhou, mas logo ficou quieta para não acordar o bebê. — Não acreditei quando vi.

Kalliope puxou o pano que tinha sido enrolado no corpinho pequeno e me mostrou os dois pênis minúsculos, que me fizeram rir também. Ela voltou a arrumá-lo e depois senti seu olhar queimando sobre mim. Parecia que tentava ler a minha alma e eu sabia que fazia um tempo que não parávamos para conversar sobre nossas vidas. Por causa da gravidez eu vinha tentando não encher a cabeça dela com meus problemas, mesmo sabendo que Morte deveria trazer as informações para casa.

— Como você está? — questionou, esticando uma mão para tocar a minha. — Parou de implicar com Praga?

— Eu estou bem, Kalli. — Suspirei, pensando nos dois últimos dias. — Talvez eu... hm, como posso dizer? — Sorri para ela. — Talvez eu tenha beijado ele, sabe?

— O QUÊ... — Ela começou gritando, mas logo parou e sussurrou: — Como assim? Você esqueceu de me contar esse pequeno detalhe?

— Só aconteceu ontem à noite — respondi, tranquilizando-a. — Bem, e hoje de novo.

Senti meu rosto esquentar quando relembrei o beijo de horas atrás, totalmente inesperado. Confesso que antes de encontrar Praga naquela tarde, eu não sabia o que esperar do nosso reencontro pós-terraço, nem imaginava como eu reagiria perto dele novamente.

Então, juro que não estava em meus planos me agarrar com o ser alado pouco tempo depois de termos dado o primeiro beijo.

Kalliope parecia ainda muito surpresa com minha revelação e olhava para mim com uma expressão curiosa e, ao mesmo tempo, divertida.

— Então, você e Praga finalmente se acertaram? Isso é inesperado, mas bom de se ouvir!

— Calma! — pedi, revirando meus olhos. — Não comece a pensar que nos amamos e viveremos um conto de fadas. Foi só um beijo... E tudo bem, ele não é tão ruim.

Não podia dizer em voz alta que achava Praga muito atraente e, depois de alisar seus braços nesta tarde, concluir que ele era também muito gostoso. Sabia que o filho da mãe estaria ouvindo nossa conversa com muita atenção, então precisava me policiar para não dar nenhum furo.

— Mesmo que não seja nenhum conto de fadas, um beijo é um começo, não é? — Kalliope estava querendo rir. — Quem sabe o que o futuro reserva pra vocês dois?

Eu adoraria conversar com ela sem que os dois homens que estavam na residência ouvissem as coisas que dizíamos. Precisava visitar minha amiga num dia em que estivesse sozinha, somente em companhia de Kiran, aí sim eu desabafaria e contaria tudo que acontecia dentro da minha cabeça. Era um turbilhão de emoção e muita confusão.

De qualquer forma, a conversa amena com Kalli me proporcionou um sentimento de tranquilidade. O nascimento de Kiran estava trazendo à tona momentos de alegria, porque a vida sempre ficava mais colorida com uma criança por perto. Confesso que me sentia

ansiosa para vê-lo crescer e descobrir como seria sua personalidade.

Kalliope me contou sobre a visita inesperada da Deusa assim que o bebê veio ao mundo e, por mais que fosse um pouco assustadora a intromissão dela, também significava que havia algum propósito maior para Kiran. O futuro era incerto, mas estávamos todos juntos nessa jornada, prontos para enfrentar o que quer que viesse pela frente.

— Ele é tão lindo, não é? — murmurou a mãe do ano.

— Sim, muito fofo — respondi, observando seu rostinho enquanto dormia. — Algo me diz que vai nos dar muito trabalho, mas estou ansiosa para ver esse garotinho correndo por aí.

— Ou voando.

Nós duas arregalamos os olhos e rimos. Este seria um grande problema, considerando que Kalliope não tinha asas e não teria como sair atrás do filho quando este desenvolvesse sua habilidade de voo.

•

Não havia nenhuma estrela no céu naquela noite quando nos despedimos de Morte e Kalli, mesmo assim, a atmosfera estava muito agradável. Apesar de ser muito distante uma casa da outra, pedi a Praga que caminhássemos um pouco, pois Taraen era linda demais para não ser admirada.

Fizemos os primeiros dez ou quinze minutos em completo silêncio e eu adoraria saber se ele também percebia isso ou se estava com os pensamentos em outro lugar. No meu caso, apenas não sabia como iniciar

uma conversa depois de termos sido interrompidos num momento mais íntimo.

— O que achou de Kiran? — perguntei para quebrar a tensão, andando de costas para poder ficar de frente para Praga. — Ficou surpreso com as asas?

— Um pouco. — Ele riu. — Mas isso é ótimo, ele vai poder me acompanhar quando crescer.

— Acompanhar justo você? Para o quê, exatamente? Aprender o que não presta?

Praga tinha diminuído a velocidade de seus passos para mantermos aquela dinâmica frente a frente, e a tensão entre nós aos poucos dava lugar a uma conversa mais leve e descontraída. Havia um sorrisinho convencido em seu rosto, eu tinha certeza de que ele amava aquela fama de não valer absolutamente nada.

— Essa é a sua opinião, gatinha? — ele retrucou, levantando uma sobrancelha de forma provocativa. — Eu só tenho coisas boas para ensinar, inclusive a você.

Soltei uma risada, porque Praga sempre tinha uma resposta pronta para seduzir. Não que funcionasse comigo, mas ele nunca deixava de tentar.

— Você certamente tem suas habilidades, mas não acho que Morte e Kalliope vão gostar de vê-lo transformar o filho deles num conquistador barato.

A troca de farpas era reconfortante e eu começava a me sentir mais à vontade na companhia de Praga. Mesmo que nossa relação fosse conturbada e cheia de desafios, não podia negar que havia uma atração magnética entre nós, algo que me intrigava ao mesmo tempo em que me fazia querer arrancar suas penas.

Eu girei sobre meus calcanhares e observei tudo à nossa volta, sentindo a brisa leve tocar meu rosto, meus cabelos e me fazer feliz. Quando voltei a encarar o

homem à minha frente, notei que ele estava parado e parecia me observar como se apreciasse uma obra de arte. Eu não podia negar que era muito boa a sensação que toda essa atenção causava em meu peito e até em meu estômago.

— Podemos voar agora — avisei, encolhendo meus ombros. — Acho que está na hora de ir pra casa.

Não era realmente minha, mas vinha me sentindo mais à vontade nos últimos dias, principalmente depois de saber que não voltaria para o meu próprio cantinho tão cedo — ou nunca, talvez.

Praga assentiu com a cabeça, abrindo suas asas imponentes. Ele se aproximou de mim, deixando seu rosto a poucos centímetros do meu, e eu pude sentir seu hálito quente quando trouxe os lábios até meu pescoço e sussurrou:

— Pronta pra me abraçar apertado?

— Tenha em mente que só faço isso por medo de cair — declarei, virando meu rosto e mantendo minha boca a um centímetro da dele. — Não é porque eu gosto.

Com um sorriso enigmático, Praga passou os braços por trás do meu corpo e me pegou no colo, deixando que a força do vento nos impulsionasse para o céu escuro. Preparada ou não, eu sempre sentia o friozinho na barriga toda vez que voava com ele. Uma sensação de medo e adrenalina tomava conta de cada parte do meu corpo e eu nem conseguia pensar em muita coisa quando estava no alto.

— Acho que nunca vi uma família de coelhos — murmurei, observando os animais se movimentarem na floresta. — Quer dizer, eu acho que seja uma família...

— Do que está falando?

— Dos coelhos — respondi, apontando na direção certa.

Praga olhou para o lado em questão, onde os bichinhos de pelagem cinza escuro corriam e interagiam. Ele então voltou a me encarar sem eu entender o motivo para fazer aquela expressão de surpresa.

— Você está enxergando aqueles coelhos? — questionou com a testa franzida.

— Eu não deveria enxergá-los? Estou... vendo espíritos ou algo do tipo?

Ele balançou a cabeça em negação.

— Estamos alto demais para olhos comuns enxergarem um animal do tamanho de um coelho, no meio de uma floresta sem nenhuma iluminação.

Demorei um pouco para assimilar suas palavras, mas quando a ficha caiu, entendi seu ponto de vista. Eu realmente não tinha a melhor visão de todas e não me lembro de ter observado tantos detalhes nas outras vezes em que estive voando nos braços de Praga. Agora, no entanto, podia identificar com clareza todos os animais que se moviam a muitos metros de distância, mesmo que a ausência de estrelas dificultasse a observação.

Alguma coisa tinha acontecido com os meus olhos e, pelo visto, até mesmo aquela criatura divina estava sem palavras para explicar o milagre.

DRAGA



CAPÍTULO 19

Eu realmente estava em choque ao constatar que a visão de Cassandra tinha mudado. Não era para acontecer, nenhuma pessoa, mesmo sendo semi-elfo, seria capaz de enxergar qualquer coisa da altura em que estávamos sobrevoando a floresta completamente escura. A mata era densa e eu só enxergava em detalhes os animais presentes em seu interior, porque tinha sido criado com o propósito de possuir todos os sentidos apurados.

Apenas criaturas diferenciadas, como os elfos, seriam capazes de enxergar melhor do que um humano comum. Mas não havia nenhum caso de semis conseguirem obter um resultado como aquele. Pelo menos, não até o momento.

— Não se lembra a partir de quando sua visão se alterou? — perguntei mais uma vez para a garota que estava sentada no sofá da sala. — Tem certeza? Não percebeu nenhuma outra mudança em seu corpo?

— Não... — Cassandra encolheu os ombros, segurando a xícara com chá de ervas que tinha preparado. — Quer dizer, não que eu tenha notado. Não é como se eu voasse toda noite pra perceber como anda minha visão.

Suspirei, intrigado com a situação. Não era normal uma mudança como aquela, precisávamos descobrir o que estava acontecendo com a semi.

— Não pode ser coincidência algo assim acontecer justo depois de você absorver energia de uma pessoa poderosa. — Cassandra assentiu e eu podia ver a preocupação em seus olhos. — Talvez seja este o motivo para os caçadores ainda estarem atrás de você.

— Resumindo, só acontecem coisas ruins comigo.

— Claro que não. — Aproximei-me e toquei em seu queixo. — Você ter me conhecido foi algo muito especial.

A garota revirou os olhos e deu um tapinha na minha mão.

— Você se acha mesmo especial?

Soltei uma risada e dei de ombros.

— Bem, talvez "especial" não seja a palavra certa — respondi, inclinando-me até aproximar meu nariz do dela. — Acho que eu me adequo melhor à palavra... *impactante*. Do tipo que é impossível esquecer.

Os olhos claros me encararam em desafio quando Cassandra cruzou os braços e me lançou um sorrisinho cheio de deboche.

— Pois não testemunhei absolutamente nada impactante como você promete — declarou. — Tem certeza de que não está com defeito?

Soltei uma gargalhada e puxei uma cadeira para me sentar ou agarraria a garota ali mesmo, sem dar chance para que corresse. Precisava entender se aquela era uma provocação com ou sem convite para algo mais.

— Defeito algum, gatinha. — Pisquei para ela, o sorriso brincando em meus lábios. — Gostaria de testar e tirar suas próprias conclusões?

Havia um brilho travesso naqueles olhos que me deixou ainda mais instigado. E para a minha deliciosa surpresa, Cassandra se levantou e veio até mim, sentando-se de frente em meu colo sem desfazer o contato visual. Quando a ponta de sua unha deslizou pelo meu pescoço, sofri um arrepio gostoso e uma pontada nos paus.

— Acho que vou precisar de algumas evidências antes de tirar minhas conclusões. — Ela sorriu de forma provocante e seus lábios se aproximaram dos meus, mas antes que pudesse beijá-la, sussurrou com malícia: — Veremos se minha primeira impressão estava errada...

Enfiei meus dedos por dentro dos seus cabelos e a puxei, invadindo sua boca de uma vez por todas. Agora, não tive calma nem fui gentil como havia sido anteriormente, quando achei melhor permitir que a garota tivesse o próprio tempo para explorar nosso contato.

O som de seus batimentos cardíacos era tão alto que eu podia sentir reverberar dentro de mim. Seu beijo doce me arrancou inúmeras sensações deliciosas e a maneira como seu corpo se movia contra o meu endureceu meus paus de imediato.

Não havia nenhum espaço para a gentileza ou para segurar o desejo. Eu a queria com uma fome voraz e Cassandra parecia corresponder a cada toque. Acreditava que tínhamos chegado no limite das provocações e indiretas, nenhum dos dois queria esperar mais. Pelo menos, não eu.

Cada beijo, cada carícia, só aumentava a nossa necessidade mútua. Meus dedos entraram por baixo de seu vestido curto e procuraram pela bunda gostosa, enquanto a outra mão livre encontrava um dos seios durinhos. Ela gemeu contra a minha boca e fechou os dentes sobre meu lábio inferior, puxando-o e abafando aquele som sensual.

— Se você pretende parar, esse é o momento ideal — avisei uma vez, esfregando o mamilo enrijecido. — Vou te conceder uma chance de recuar se não quiser continuar, porque você *sabe* o que está prestes a acontecer.

Kassandra me encarou, deixando suas mãos deslizarem pelos meus braços até encontrarem a barra da minha camisa. Os dedos ágeis roçaram em minha pele e ela segurou em minha cintura, com o olhar firme sobre o meu.

— Não é hora pra você me dar o poder de escolha — murmurou, mordendo o lábio. — Eu posso desistir...

Sorri enquanto ela estudava meu rosto e levei minha mão para o meio de suas pernas, encontrando a boceta macia e levemente úmida. Um simples toque a fez estremecer e fechar os olhos, até que me apressei em puxar seu vestido para cima e ajudá-la a se livrar dele.

Os seios de Cassandra eram lindos, pequenos e firmes, e eu não perdi tempo antes de fechar meus lábios ao redor de um deles.

— Ah... Caramba... — A garota enterrou os dedos em meus cabelos. — Isso é bom...

O corpo pequeno ondulou em meu colo enquanto ela gemia e eu mamava o peito gostoso.

Nossos corpos estavam em perfeita sintonia, dançando juntos naquele ritmo ardente. Eu explorava cada centímetro dela com meus dedos, minha língua, meus lábios famintos. A bocetinha era pequena como a dona, com uma delicadeza ímpar que eu não tive o prazer de admirar em outros momentos.

Procurei adiar o máximo possível o clímax que ela tanto desejava e Cassandra se entregava completamente, seus gemidos e suspiros eram música para os meus ouvidos. Alternando a chupada entre um seio e outro, eu a vi arquear as costas quando subi minha boca para o seu pescoço, beijando e lambendo cada parte do caminho. A sensação da pele dela contra a minha língua era deliciosa e eu sentia como se não tivesse consumido o suficiente.

— Você tem noção de quanto tempo faz que eu te desejo, gatinha selvagem? — murmurei, cravando meus dedos na carne macia de seu quadril. — Imaginei-a sentada sobre mim incontáveis vezes...

— Eu... quero...

— Quer o quê? — perguntei, abafando uma risada.
— Precisa explicar melhor.

Quando meus dedos finalmente chegaram aonde ela mais desejava, não perdi tempo. Massageei seu clitóris sensível e explorei cada canto da boceta que já babava na minha mão.

— Tudo... — Cassandra respondeu, abrindo os olhos e me encarando com desejo. — Qualquer... coisa... só... não pare...

Tive que parar de usar a minha boca para poder apreciar a beleza que era seu rosto daquele jeito, no auge do tesão, totalmente incendiada. Eu sabia que ela não era tão inocente, sabia que já tivera algumas experiências sexuais em sua curta vida, mas mesmo assim, era surpreendente ver esse outro lado de Cassandra. Um lado entregue, selvagem e sexy, que me fazia perceber ter valido cada dia de espera por ela.

Eu enfiei meu dedo médio para dentro da bocetinha, sentindo-a me apertar toda quente e escorregadia. Então, coloquei o segundo e comecei a foder devagar seu interior, testando sua resistência e elasticidade ao introduzir mais um.

— Praga...

Kassandra estava à beira do êxtase, seu corpo se contorcendo de prazer, e eu sabia que ela estava prestes a gozar quando acelerei meus movimentos e a levei ao limite. Foi um momento explosivo, seus gemidos ecoaram no ar, pela casa toda, deixando-me ainda mais duro do que antes.

Esperei que desfrutasse de cada segundo de seu orgasmo eletrizante e beijei seu pescoço cheiroso, lambendo a pele quente e mordiscando em alguns lugares para deixá-la ainda mais arrepiada. Levei minha mão até minha calça e a abri sem pressa, liberando

minhas ereções que pareciam prestes a explodir e guiando a mão de Cassandra até a região.

Ela ainda estava ofegante quando baixou os olhos e me tocou devagar, tentando segurar os dois paus ao mesmo tempo com a mão pequena.

— Isso vai ser interessante... — murmurou, soltando uma risadinha. — Não sei se consigo...

— Eu já disse que não preciso usar os dois.

A semi ergueu os olhos para mim, ansiosa, então se apoiou em meus ombros para encaixar sua intimidade sobre meu pau inferior. Seus olhos se fecharam imediatamente quando começou a descer, enterrando-me em sua boceta quente e tão estreita.

Esperiei um pouco, dando tempo para que se acostumassem, até que nossos corpos estavam em perfeita sintonia e eu a penetrava com cuidado, sentindo-a me apertar toda escorregadia. A expressão de Cassandra era uma mistura de prazer e desejo, seus gemidos preenchiam o ambiente, aumentando ainda mais a tensão no ar.

Segurei sua cintura com força e me levantei, carregando-a até a mesa e a colocando sobre o tampo de madeira. Ergui suas pernas e a penetrei fundo, apreciando os gritinhos de dor e tesão que soltava a cada nova estocada. Eu a fodi com vontade, levando-a ao limite do prazer e fazendo seu corpo se contorcer sob o meu.

— Misericórdia... Praga...

— Saiba que estou pegando leve — avisei, apertando seus seios bonitos que balançavam discretamente para mim.

Seus olhos se arregalaram segundos antes de Cassandra fechá-los e entreabrir os lábios, deixando

escapar os gemidos mais baixos. Sua testa estava franzida e suas costas ondulavam à medida que eu entrava e saía de dentro dela. Meu pau largo abria um caminho estreito na pequena boceta que se arreganhava para me receber e escorria para criar uma pequena poça sobre a mesa.

Quando percebi que ela estava prestes a gozar mais uma vez, desisti de me segurar por muito mais tempo e com mais algumas estocadas, ambos alcançamos o orgasmo juntos, nossos gemidos se misturando em perfeita harmonia.

Aos poucos, eu me retirei com meu pau melado, marcando aquela criatura perfeita com meu gozo que escorria para fora da boceta vermelha. Cassandra estava suada quando a peguei no colo e subi para o segundo andar até chegar em meu quarto, colocando-a deitada em minha cama.

— Está se sentindo bem?

— Se meus órgãos não caíram pela cratera que você abriu em mim, então ficarei bem.

Deitei-me ao seu lado, tentando decifrar aquela piadinha e o olhar enigmático da garota. Não fazia ideia se ela era do tipo que gostava de repetir na mesma noite ou se preferia descansar. Mas então, Cassandra me deu a resposta que eu queria sem precisar dizer nada, apenas deslizou pelo lençol na minha direção e se aconchegou de encontro a mim, fechando os olhos bonitos.

Seus batimentos cardíacos estavam mais controlados, assim como a respiração, antes tão ofegante, o que deixava claro que ela estava preparada para tirar um cochilo. Por isso, puxei meu cobertor para cima de seu corpo e a acolhi num abraço, ciente de que as horas naquela noite passariam se arrastando.

Depois da experiência intensa que tínhamos compartilhado, não pude evitar acariciar seus cabelos enquanto se aninhava ainda mais em mim. Era um momento de paz e intimidade, uma pausa depois de explorarmos juntos novos territórios em nossa relação. Parecia estranho compreender que eu finalmente tinha conseguido o que tanto queria, ter aquela pequena garota se entregando sem amarras.

MASSANDRA



CAPÍTULO 19

Acho que é válido dizer que eu me aproveitei bastante da situação. A madrugada estava um pouco fria e o grande corpo ao meu lado foi muito útil para me esquentar. Sabia que Praga não estava necessariamente dormindo, mas ele deu o seu melhor quando me aconcheguei dentro de um abraço apertado. Seus olhos amarelos se abriram apenas para se certificar de que eu estava bem, então sorriu, deu um beijo na minha testa e voltou a fechá-los.

Bem, eu estava com grandes problemas e o maior deles era aquele homem de quase dois metros de altura. Ainda não havia superado o sexo entre nós e nem sei se superaria algum dia. As lembranças não me deixavam em paz por mais que eu tentasse pegar profundamente no sono. Porque Praga era... inexplicável.

Acho que uma parte minha sempre soube que ele era dono de uma performance impressionante e, por isso, eu me mantinha longe. Para não viciar, não ficar dependente, não querer repetir, não *precisar* dele. Mesmo assim, não me surpreendeu quando descobri como o nosso encaixe era perfeito e a maneira como meu corpo correspondia ao dele era surreal, uma conexão física difícil de resistir. Cada toque, cada beijo, cada carícia se mostrou eletrizante e isso era um grande problema.

Puxei o ar devagar e tentei não fazer barulho para que ele não pensasse que eu estava acordada e disposta a conversar. Podia ver através das janelas com as cortinas parcialmente abertas, que lá fora o sol começava a dar indícios de aparecer, e logo seria hora de enfrentar a realidade. Teria que lidar com as consequências das minhas escolhas e isso incluía a complicada relação com Praga. Mas naquele momento, no calor dos seus braços, eu simplesmente não queria

pensar em nada disso. Queria apenas aproveitar o momento e esquecer de todo o resto.

— Está tudo bem? — ele perguntou com a voz rouca, quase me causando uma parada cardíaca pelo susto.

Ao observar seu rosto, encontrei seus olhos em cima de mim. Minha tentativa de passar despercebida acabou fracassando.

Assenti com a cabeça, sentindo-me estranhamente vulnerável naquele momento. Eu havia me entregado a ele de uma forma que nunca tinha feito com ninguém antes e isso me assustava um pouco.

— Estou bem — respondi, sorrindo de forma suave. — Confortável e aquecida. Não posso reclamar.

Praga abafou um som de rosnado, algo que eu não sabia identificar, mas que não parecia ruim. Ele beijou meu ombro e foi me virando lentamente de costas, me distraíndo com carícias, até que eu me desse conta de que estava subindo sobre meu corpo e enfiando um dos joelhos entre as minhas pernas.

Não poderia ser hipócrita e fingir que não gostaria de repetir o sexo com ele, mas não significava que estava pronta para mais uma rodada. Nem de longe, considerando que eu estava há muito tempo sem praticar aquele tipo de atividade e me sentia enferrujada, além de ardida.

— Nem pense nisso — avisei quando a criatura sedenta baixou a cabeça e lambeu um dos meus seios. — Preciso dormir...

— Certo — ele murmurou antes de soltar um longo suspiro e roçar os lábios em meu queixo. — Posso esperar um pouco mais pela próxima rodada.

Segurei seu rosto com minhas duas mãos e corri meus dedos pelos cabelos cor de fogo, olhando

fixamente para aqueles intensos olhos cor de âmbar. Facilitaria muito a minha vida se Praga não fosse tão bonito.

— Quem garante a você que terá uma segunda vez?
— indaguei, provocando-o e vendo seu sorriso aumentar.

— Eu sei do meu potencial, gatinha. — Ele alisou minha perna, subindo pela minha coxa e apertando minha cintura. — Também sei que o que aconteceu hoje foi incrível e nossa troca, excepcional.

Era muito estranho para mim ser obrigada a concordar com Praga, mas ele tinha toda razão sobre o que dizia. No entanto, também era convencido o suficiente para não me deixar esquecer o que houve entre nós.

Ele manteve o sorrisinho sacana no rosto e depositou um beijo na ponta do meu nariz antes de sair de cima de mim e levantar da cama.

— Durma mais um pouco, gatinha.

Observei-o enquanto vestia uma calça e saía do quarto com uma camiseta na mão, fechando a porta devagar depois de me olhar e piscar para mim.

•

Queria e precisava entender o que estava acontecendo comigo e tinha que começar com o mais óbvio: a minha supervisão recém-adquirida. Não tinha a menor ideia de quando essa mudança ocorrera, mas desde que Praga mencionou isso na noite anterior, não conseguia tirar o assunto da cabeça.

Se estivesse em Lumiaris, poderia simplesmente ir até a biblioteca e procurar alguma informação nos livros antigos, mas agora nem mesmo pisar na cidade eu

podia. Essa questão estava mexendo muito comigo e sempre que eu pensava sobre não ser mais bem-vinda lá, sentia vontade de chorar. Que vida eu teria, afinal? Ficaria fadada a viver eternamente deste outro lado da barreira?

A sensação de ser uma estranha no próprio mundo era esmagadora. Sentir-me indesejada em Lumiaris era como um golpe no estômago, causava uma dor profunda que me fazia questionar muita coisa. Eu me perguntava se algum dia encontraria uma maneira de voltar e ser aceita novamente.

Mas enquanto esses pensamentos tumultuavam minha mente, sabia que não podia ficar parada. Tinha que encontrar respostas e também uma forma de romper a barreira que me separava de casa. Kalliope vivia perfeitamente do lado de cá porque tinha construído uma família ao lado de Morte, mas eu... não tinha nada.

E pensando em minha amiga, decidi que a visitaria de novo e aproveitaria para contar as novidades. Da casa de Praga até a dela dava mais ou menos uma hora de caminhada para uma pessoa normal como eu, então me arrumei com um vestido escuro e fresco, depois coloquei num frasco de cristal um pouco da minha espuma de gengibre que ela ainda não tinha provado.

O dia estava quente e ensolarado, e enquanto caminhava, meus pensamentos continuavam a girar em torno das mudanças que estavam acontecendo em minha vida. Sentia-me perdida e deslocada naquele mundo, ansiosa por respostas e por encontrar meu lugar. Eu esperava que Kalliope pudesse me dar algum consolo ou orientação, pois minha amiga era uma das poucas pessoas em quem eu podia confiar plenamente, e sua presença era um conforto em meio à tempestade de dúvidas que cercavam minha vida.

Aproveitei a caminhada para ir testando minha visão especial, por isso, decidi me manter nos limites da floresta em vez de fazer o percurso pelo vale, mesmo que acabasse tendo que dar uma volta maior. Estava conseguindo enxergar até os galhos mais altos das árvores, os detalhes de suas folhas que normalmente eu não conseguiria ver naquela altura. Tinha parado para observar esquilos saltitantes andando em bando quando percebi aquela sensação de que alguém me seguia. Só que dessa vez, eu enxerguei perfeitamente o vulto que passou correndo por trás das árvores, consegui notar até mesmo a pele macerada que ele tentava ocultar por baixo do capuz do manto preto.

Senti vontade de vomitar de imediato, ciente de que se tratava de um caçador e que ele estava ali por minha causa. O que era muito estranho porque eu não me lembrava de Praga comentar sobre a possibilidade daqueles seres atravessarem sozinhos a barreira. Ele teria me avisado sobre isso, certo? Eu duvidava de que me deixaria andar sozinha pela região se houvesse a mínima chance de ser atacada.

Tudo aconteceu muito rápido. Ele me olhou diretamente, notando que também estava sendo observado e, de repente, mais outros dois caçadores surgiram ao seu lado. Meu cérebro automaticamente entrou no modo de desespero e eu me virei para correr, sem ter exatamente um destino específico em mente, porque jamais levaria aqueles monstros para perto de Kalliope e Kiran.

Para a minha surpresa, meus pés me obedeceram muito rápido e eles estavam mais ágeis do que o normal. Minha nova visão apurada me ajudou a traçar uma rota de fuga mais eficiente, por onde não havia tanta pedra ou raízes pelo caminho, mesmo assim, eu sentia que não era suficiente para fugir daquelas criaturas.

Soltei um grito potente quando a primeira conseguiu me capturar, puxando-me pelos cabelos, e o impacto fez meu vestido prender em algum lugar e rasgar um pedaço na lateral. Eu me debati para tentar me soltar daquele ser com cheiro pútrido, quando ouvi um barulho alto que me fez arrepiar.

Meu sexto sentido me avisou que se tratava de algum animal muito grande, mas não esperava ver o tigre do meu sonho, aquele que eu jurava que tinha me atacado na caverna. Enorme, de olhos ferozes, garras afiadas e patas que eram quase do tamanho da minha cabeça, ele rosnou mais uma vez quando pulou e pousou bem pleno a alguns metros de nós. Por um lado, eu me sentia aliviada por saber que os caçadores ficariam bastante ocupados para lidar com o bicho, mas por outro, também me preocupava pela certeza de que não conseguiria fugir de um predador como aquele. Talvez fosse melhor continuar refém dos caçadores, eles pelo menos não tinham intenção de separar todos os meus membros e me devorar inteira.

Acabei rolando no chão quando o tigre saltou na nossa direção e cravou os dentes no corpo do encapuzado que me segurava. Rastejei depressa para perto de um arbusto, tentando sair do caminho da fera e me esconder para passar despercebida. Os caçadores estavam todos ocupados lutando contra ela, mas eu não contei nem trinta segundos antes que conseguisse matar todos eles.

Quando tudo ficou silencioso, eu me dei conta de ter perdido a chance de fugir enquanto o animal estava ocupado. Levantei-me devagar, fazendo o mínimo de barulho possível, enquanto o tigre estava de costas para mim e terminava de arrancar um pedaço do estômago de uma de suas vítimas. Mas então, sem que eu tivesse

feito movimentos bruscos, ele virou a cabeça para trás e me encarou.

— Volte a olhar pra frente, gatinho fofo — sussurrei, recuando lentamente para não assustá-lo. — Tenho certeza de que esse homem é um lanche bem mais gostoso do que eu.

— ROAAARRR!

Podia jurar que o bicho tinha me respondido, mas não parecia inofensivo. Ele deu um passo à frente, com os olhos amarelos fixos em cima de mim, enquanto eu dava mais um para trás.

Agachei-me rapidamente e peguei um galho comprido, agitando-o na direção dele a fim de me proteger. O tigre não me levou a sério e avançou sobre mim e me derrubou no chão com o impacto. Eu me debati como pude, olhando a boca enorme se abrir diante do meu rosto e sentindo suas unhas rasgarem meu vestido, arranharem a minha pele e se enroscarem nos meus cabelos. Até que ele colocou a língua para fora e lambeu minha bochecha trazendo junto um litro de baba.

Eu ainda estava gritando quando o tigre encolheu de tamanho e deu lugar a ninguém menos que Praga, que sorria para mim e balançava um rabo peludo atrás de seu corpo.

— O quê? — resfoleguei, sem acreditar.

— Surpresa? — O filho da mãe beijou meu rosto e seu rabo se enfiou entre minhas pernas. — Esse cheirinho de medo é excitante, sabia?

Meu coração ainda estava aceleradíssimo e eu tinha dificuldade de assimilar aquela visão. O tigre era um homem... ou melhor, era Praga. Mas antes que eu pudesse xingá-lo por quase me matar de susto, um caçador surgiu do nada e enlaçou o pescoço dele com

uma corda extremamente fina e, aparentemente, mágica.

Gritei quando Praga foi arrancado de cima de mim e caiu de costas, mas era óbvio que se recuperaria muito depressa, como assim fez. Ele logo se colocou de pé, arrebrandando a corda com as duas mãos, e se virou para o caçador.

Num piscar de olhos, aquele homem de asas alaranjadas se transformou num tigre enorme e me protegeu com seu próprio corpo. Enquanto ele lutava, minha mente fervilhava com os pensamentos desconexos e as teorias criadas, porque eu jamais imaginei que Praga pudesse ser um felino. Morte se transformava em corvo e Kalliope podia facilmente interagir com uma ave, então por que justo eu tinha que dar o azar de cair nas mãos — ou nas garras — de um animal com dentes tão grandes e afiados, que babava, que podia me matar só com uma pata, e que fazia parte do topo da cadeia alimentar?

DRAGA



CAPÍTULO 20

Eu não queria que Cassandra presenciasse minha transformação porque sabia que ela ficaria histérica quanto a isso, mas foi inevitável quando percebi o risco que corria. Eu estava fazendo uma exploração por aquela área já em minha forma de tigre quando ouvi seu grito e segui a trilha de seu cheiro, então não me preocupei em aparecer daquele jeito mesmo diante dela e dos caçadores.

Quando finalmente eliminei todos eles e voltei a observá-la, vi que a garota ainda estava em choque e parecia achar que eu a atacaria a qualquer momento. Desisti de voltar ao normal e testei uma provocação, rosnando um pouco e me aproximando de onde estava.

— Eu não estou achando engraçado, Praga! — murmurou, cruzando os braços e olhando ao redor. — Bem, eu espero que você consiga me entender... Não sei se dentro desse corpo você se torna... hm... carnívoro.

E dito isso, ela se virou de costas para mim e começou a andar rápido demais, sempre virando o rosto para me olhar por cima do ombro. Eu a segui com calma, esperando o momento certo para dar meu bote, notando o vestido rasgado e algumas marcas que minhas garras acabaram deixando em seu corpo. Eu mesmo a curaria com minha língua e estava muito ansioso para isso.

— Por que está me seguindo desse jeito? — gritou, abanando a mão como se fosse conseguir me enxotar dessa maneira. — Vá embora!

Kassandra estava claramente assustada com o que acontecera e minhas brincadeiras não estavam ajudando. Portanto, dei uma distância maior entre nós e me deitei na planície verde quando saímos da floresta. Ela continuou alguns passos sem reparar que eu tinha parado e quando se virou para mim, esboçou uma expressão de surpresa.

— O que foi? — Revirou os olhos com as mãos na cintura. — Agora você é um tigre magoado? Por que está lambendo as patas como se eu não estivesse falando com você?

Eu a encarei sem pressa e a semi balançou a cabeça em negação, em seguida, deu passos duros na minha direção e parou a alguns centímetros de distância. Agora ela parecia irritada.

— Francamente, Praga, você está fazendo de propósito, não é? — questionou, me olhando com atenção e chegando mais perto. — Não vai mesmo me comer inteira?

Permaneci imóvel quando ela esticou a mão direita e tocou minha cabeça, alisando meu pelo com cuidado e medo, eu podia ouvir seus batimentos extremamente acelerados.

— Você gosta mesmo de ser o centro do universo, né? Não podia ter escolhido se transformar num sapo, ou sei lá, num animal menos impressionante?

Eu não conseguia evitar a tentação de provocá-la, e seu jeito de reagir era simplesmente irresistível. Por isso, continuei a brincadeira, aproximando-me ainda mais e ronronando de uma maneira quase cômica para um tigre. Kassandra franziu a testa, mas continuou a acariciar minha cabeça, quase como se estivesse se acostumando com minha forma felina. Seus olhos ainda exibiam certo nervosismo, mas seu toque era gentil.

— Você não está se transformando de volta porque está pelado? — murmurou, mesmo ciente de que eu não responderia. — Acho que é isso, né?

Ela olhou em volta e soltou um suspiro antes de se afastar e tentar ajeitar os pedaços de sua roupa.

— Certo, vou voltar pra casa porque acho que não tenho mais clima pra visitar a Kalli. — Olhou-me de canto

e estalou a língua. — Se você não pretende me comer, então pode andar ao meu lado.

Eu me levantei e rocei meu corpo no dela, rodeando-a e a enrolando com meu rabo antes de soltá-la de uma vez. Usei minha cabeça para empurrar Cassandra em direção ao meu flanco, tentando fazer com que entendesse, e a semi me encarou um pouco confusa.

— Quer que eu monte você?

Respondi com um rosnado e ajeitei minha postura, aguardando.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse ela. — Ainda penso que em algum momento você vai deixar de ser racional e me fazer de refeição.

Usei meu rabo para dar um tapa em sua bunda e a vi pular de susto, depois me dar um tapa na orelha. Mas mesmo a contragosto, Cassandra subiu sobre mim, um pouco desajeitada, jogando uma perna para cada lado e apoiando as mãos delicadamente sobre meu dorso.

— Se você me deixar cair, eu...

Sem aviso prévio, dei impulso e iniciei uma corrida que a obrigou a inclinar o corpo até quase se deitar em cima de mim e passar os braços pelo meu pescoço. Meus ouvidos conseguiram captar todos os seus xingamentos, enquanto eu cortava o vento com a minha velocidade e arrancava alguns gritos de Cassandra.

Ela estava agarrada a mim com força, os braços apertando firme o meu pescoço e o corpo quente em contato com minha pelagem. Não tinha a intenção de assustá-la de verdade, apenas queria proporcionar um momento de diversão e aventura, algo que pudesse aliviar a tensão que acabara de viver.

Finalmente, diminuí a velocidade e parei perto de casa, permitindo que Cassandra descesse das minhas

costas. Ela cambaleou um pouco antes de virar para mim e apontar o dedo em riste, mas de repente começou a rir e demonstrar que eu estava certo, consegui fazer com que se distraísse um pouco.

— Você é realmente surpreendente — disse, ainda recuperando o fôlego.

Dei um ronronar satisfeito e me transformei em homem, mas mantive o rabo e as patas frontais ainda intactas, deixando que admirasse aquela minha habilidade.

— Sabia que a língua dos gatos é áspera? — comentei, sorrindo para ela. — Quando estou na forma felina ou mantenho alguma parte dela, como agora, minhas papilas gustativas são pontudas e inclinadas, por isso parecem ásperas... quase espinhentas.

Dei alguns passos na direção dela, mantendo um ritmo de observação pré-ataque, enquanto Cassandra recuava devagar.

— E o que eu tenho a ver com isso? — perguntou. — Sua língua não me interessa.

— Acho que vai gostar quando eu lamber sua bocetinha com ela.

Finalmente a garota entendeu o que eu pretendia fazer. Seu rosto ficou imediatamente vermelho e ela olhou por um segundo para trás, mirando a porta de entrada principal da minha casa. Em seguida, voltou-se para mim e esticou as mãos em sinal de defesa.

— Não quero espinhos lá... embaixo — declarou, recuando mais rápido. — Muito obrigada pela sugestão, mas vou recusar.

Soltei uma risada, divertido com a reação de Cassandra. Era bom vê-la descontraída mesmo que

apenas por um momento, especialmente quando via aquele rubor em suas bochechas.

Deixei que abrisse a porta e entrasse em casa, até que a agarrei de uma vez e ouvi o gritinho de susto. Minhas garras se ocuparam de rasgar o restante do tecido do vestido que ainda resistia e fingi soltá-las apenas para apreciar minha presa correr até as escadas.

— Seu filho da mãe, não faça isso! — Cassandra pediu, rindo ao mesmo tempo em que tropeçava num degrau e caía de costas.

Ela estava bem ali, toda aberta para mim, sem saber se fugia ou se ficava, então eu engatinhei pelos degraus até alcançar suas pernas finas de pele macia. Enfie-me no meio delas sem desfazer o contato visual com a garota, que já estava ansiosa e ofegante.

— Foi pra isso que você me salvou mais cedo?

— Eu a salvei porque sou louco por você — declarei, observando a surpresa em seus olhos. — Isso aqui... estou fazendo porque quero provar o gosto da sua boceta.

Kassandra arfou quando segurei sua cintura com a pata esquerda e abaixei meu rosto em direção ao seu ventre. Sua intimidade era pequena e delicada, os lábios rosadinhos e sensíveis se afastaram quando passei minha língua por eles, de baixo para cima, ouvindo os gemidos da semi deliciosa.

Foi voluntariamente que a garota abriu mais as pernas e deixou sua cabeça cair para trás, enfiando os dedos por dentro dos meus cabelos e os apertando conforme eu a lambia devagar. Sabia bem o efeito que minha língua felina causava nas mulheres e fazia um tempo que ficava imaginando como Cassandra reagiria quando eu me permitisse mostrar esse lado a ela.

Kassandra estava entregue ao prazer, seus gemidos preenchendo o ambiente enquanto eu explorava cada centímetro de sua bocetinha linda e podia sentir sua excitação crescer a cada instante. Ela se contorcia sob meu corpo, seus quadris se movendo em busca de mais contato, e eu a atendia prontamente, intensificando meus movimentos para levá-la ao auge do prazer.

Ela escorria toda quente para a minha boca e eu não desperdicei nenhuma gota de seu líquido que para mim, era como um elixir. Minha língua trabalhava ora em seu clitóris, ora explorando a abertura pequena de sua vagina, ora lambendo a boceta inteira.

Quando finalmente gozou, Kassandra soltou um grito de êxtase e seu corpo se sacodiu com as ondas de prazer que a percorriam. Era um som e uma visão deliciosos e eu não pude deixar de sorrir enquanto observava aquela cena que tornava um vício tocar ainda mais nela.

— Me leva pro quarto... — pediu, embriagada com o orgasmo potente.

Para não a ferir ainda mais, liberei-me das garras de tigre e deixei que minhas mãos as substituíssem de volta, então a peguei nos braços, sentindo seus músculos ainda vibrando de prazer, e a levei para o andar de cima com passos firmes. Escolhi ir para os meus aposentos e a coloquei cuidadosamente sobre minha cama, deixando que meu rabo alisasse suas pernas até a ponta pousar sobre a boceta de pelos escuros.

— Não me toque, Praga... Estou extremamente sensível...

— Só vou te dar carinho, gatinha — murmurei, deitando ao seu lado e puxando-a pela cintura até grudar seu corpo no meu.

Ela fechou os olhos quando meu rabo alisou sua barriga, depois seus seios, e se enroscou em seu pulso por um momento. Então, eu me surpreendi quando seus dedos o procuraram e ficaram mexendo nele como quem brinca com um bichinho de estimação.

— Você é um tigre bem bonito — comentou, suspirando e virando o rosto para me olhar. — Podia se transformar agora só pra eu poder te abraçar, que tal?

Obedeci de imediato e tomei o cuidado de manter minhas mãos longe dela, para quando as patas surgissem, não a ferir sem querer. Kassandra soltou um gritinho de surpresa, mas se ajeitou no colchão para me dar mais espaço antes de se deitar de novo. Ela me encarou com os olhos brilhando, passando a mão em meus pelos e tocando minha boca para olhar meus dentes.

Mantive minhas unhas o mais retraídas que pude e pousei uma das minhas patas em seu quadril, só para o caso de impedi-la de fugir se tentasse fazer isso.

— Isso é tão impressionante! Preciso contar pra Kalliope que ter um tigre é muito melhor do que ter um corvo!

Impressão minha ou a gatinha selvagem estava possessiva? Ela tinha um tigre, afinal de contas? Eu me senti incrível com aquelas palavras e não resisti em colocar minha língua enorme para fora e lambeu todo o rosto dela, mesmo que me xingasse e dissesse que eu era um gato desobediente.

MASSANDRA



CAPÍTULO 21

Era muito difícil acreditar que aquilo que meus olhos viam era algo real. Um tigre tomando conta de quase toda a cama, com seu rabo enroscado na minha coxa nua e uma das patas enormes amassando a minha barriga, como se fizesse uma massagem em mim. Seus olhos estavam fechados e a cabeça descansava tranquilamente sobre a outra pata, a cena toda fazia parecer que se tratava de um animal completamente inofensivo, mas eu sabia muito bem o tamanho de cada presa que possuía naquela boca.

Fiz um carinho leve em seu corpo, sentindo a textura grossa, porém macia de seus pelos. Agora que sabia sobre o tigre, compreendia o motivo para os cabelos e as asas de Praga serem daquela cor, um pouco mais viva do que sua pelagem.

Eu me levantei para usar o banheiro e aproveitei para jogar uma água no rosto. Quando me virei de frente para o espelho, meu queixo caiu quando notei que os arranhões causados pelas garras já estavam cicatrizados. Em algum momento depois que apaguei de sono, Praga deve ter me lambido para tratar as feridas que ele mesmo causou.

Quando retornei ao quarto, tomei uns segundos apenas observando Praga em sua forma animal. Era difícil conciliar a imagem do tigre feroz com o homem que eu conheci intimamente e que me deixara acostumada a suas piadas e cantadas baratas. Ele era uma caixinha de surpresas e eu não podia mais negar que estava amolecendo meu coração.

Decidi aproveitar aquele momento de tranquilidade para refletir sobre tudo o que estava acontecendo. Desde que cheguei a esse mundo mágico, minha vida havia se transformado completamente. Os elfos de Lumiaris queriam me estudar, os caçadores de magia estavam

atrás de mim, e agora eu estava envolvida em um relacionamento complexo com Praga, que era mais do que parecia à primeira vista.

Enquanto eu ponderava sobre o que fazer a seguir, o tigre abriu os olhos amarelos com certa preguiça e logo focou em mim. Eu estava de pé perto da cama quando ele pulou para o chão e se esfregou em minhas pernas antes de dar lugar a um homem alto e forte, de cabelos longos e cor de fogo, completamente nu.

— Sentiu saudade desse corpo? — brincou, tocando minha cabeça e descendo a mão até minha orelha pontuda. — Tenho planos lascivos para você, mas primeiro, gostaria que me explicasse por que atravessou a barreira quando eu pedi várias vezes para que não fizesse isso.

Olhei para Praga com uma mistura de sentimentos. Aquele corpo alto e musculoso era tão diferente da imagem do tigre, mas ambos compartilhavam a mesma aura misteriosa e perigosa.

— Eu não...

— Você não entende o perigo que corre atravessando a barreira, Kassie. Não sei o que aconteceria se eu não estivesse em Taraen e isso é horrível, porque sei que não vou conseguir protegê-la o tempo todo.

— Eu não atravessei! — gritei antes que ele me interrompesse de novo. — Não... tenho certeza de que não atravessei barreira nenhuma, ok?

Praga me encarou confuso e eu também estava. Por que ele me culpava por algo que não fiz?

— Você estava do outro lado, caso não tenha se dado conta — esclareceu.

— Existe a possibilidade de eu cruzar a barreira sem saber que estou fazendo isso?

Ele continuou me encarando e percebi que tentava avaliar a veracidade das minhas palavras.

— Talvez... se os caçadores tiverem manipulado energia para distrai-la. — Ele suspirou e passou a mão pelos cabelos, parecendo tenso. — Isso complica as coisas, porque se eles tiverem esse controle sobre você, vai ficar difícil andar sozinha por aí.

Eu me lembrei da outra vez em que aquilo aconteceu e me senti culpada por nunca ter contado para Praga, por isso, decidi me sentar na beira da cama e puxei seu lençol para cobrir meu corpo. Ficava muito estranho ter conversas sérias como aquela enquanto estava completamente nua — assim como ele.

— No dia em que você me encontrou aqui e me viu assustada, aconteceu exatamente a mesma coisa — confessei e antes que ele abrisse a boca, emendei: — Não fui atacada porque acho que dei a sorte de voltar pro lado de cá sem querer. Eu só percebi que tinha atravessado a barreira quando notei a diferença de cores no céu.

Praga parecia ainda mais preocupado agora. Ele se aproximou e se sentou ao meu lado na cama, seu olhar sério se encontrando com o meu. Eu precisei me concentrar apenas em seu rosto, ou me perderia completamente se encarasse os dois paus enormes que possuía.

— Você devia ter me contado assim que aconteceu — murmurou, pegando minha mão e a pousando sobre sua coxa, enquanto alisava meus dedos. — Não existe uma forma de eu acabar com os caçadores, porque eles existem aos milhares e se escondem em todos os cantos

de Taraen. Enquanto você for do interesse deles, eu matarei cinco e surgirão mais dez, entende?

— O que eu deveria fazer? — questionei, sentindo-me enjoada só de imaginar não poder mais ser livre nem do lado de cá.

— Preciso conversar com Morte e seria ótimo se a Deusa aparecesse pra nos tirar algumas dúvidas, mas eu só consigo pensar em duas formas de livrá-la desses malditos. — Ele fez uma pausa, longa até demais, e quando falou não voltou a me olhar. — A primeira seria a mais óbvia, descobrir quanto poder essa energia que você absorveu é capaz de gerar e treiná-la para se aproveitar disso, de modo que pudesse aprender a se defender.

Tentei imaginar como aquela ideia podia dar certo, considerando que nunca fui uma pessoa muito ágil. O simples fato de precisar lutar com alguém para me defender já me causava arrepios.

— E a outra opção?

— Arrancar essa energia que não é sua de você, de uma vez por todas — Praga declarou, virando o rosto para ver meus olhos arregalados. — Talvez apenas dessa maneira possa recuperar sua vida como era antes. Nem os caçadores virão mais atrás de você nem Lumiaris terá qualquer motivo para temer sua presença entre eles.

— Algo me diz que esse lance de... arrancar... pode ser doloroso — concluí e ele sorriu.

— É provável que seja doloroso e perigoso pra você — respondeu. — Mas se chegarmos à conclusão de que essa é a melhor opção para o seu bem-estar, farei o possível pra tornar o processo o menos traumático possível.

Eu sabia que ele estava sendo sincero, mas a ideia de passar por algo tão drástico e potencialmente

doloroso me assustava. Ainda não tinha conseguido esquecer da sensação horrível que vivi quando me cortaram e tentaram extrair minha energia no interior daquela caverna. Provavelmente, aquele pesadelo nunca me largaria e aqui estava eu, estudando a possibilidade de adicionar mais uma dose de horror na minha vida.

— Vamos dar um passo de cada vez e explorar todas as opções antes de tomar uma decisão, ok? — Praga sugeriu, me olhando com uma ternura que me fez sentir bem.

Concordei com a cabeça, aliviada por não precisar decidir algo tão importante naquele momento. No entanto, a sensação de urgência ainda pairava sobre nós, pois os caçadores de magia continuavam sendo uma ameaça constante para mim.

Com a decisão de não tomar nenhuma ação drástica imediatamente, Praga e eu passamos alguns minutos tentando entender a natureza da energia do cristal que agora fazia parte de mim e que tinha alterado até mesmo a minha visão. Ali mesmo no quarto, ele tentou me ensinar a controlar a energia que eu tinha absorvido, mas eu não me sentia confiante. Eu só queria voltar a ser uma garota comum, não gostaria que ninguém colocasse expectativas sobre mim ou sobre o que eu poderia aprender a fazer.

— Não consegue mesmo ouvir nada?

Ele tentava me ensinar a apurar minha audição, na intenção de que eu conseguisse escutar dali daquele quarto, os sons da floresta. Obviamente, eu falhei em todas as vezes em que me concentrei.

— Parece que só minha visão melhorou — comentei, me jogando de costas na cama. — Por exemplo, eu nunca tinha reparado que seus olhos possuem centenas de tons diferentes de amarelo e dourado.

Era como virar uma chave automática naquela criatura, pois Praga pareceu esquecer do assunto que tratávamos segundos antes, para subir sobre meu corpo com um sorriso safado e dedos muito ágeis que entraram por baixo do lençol que me cobria.

— O que mais você reparou de diferente em mim? — perguntou, quase ronronando, enquanto descia a boca até meu ombro exposto.

— Você é muito convencido mesmo — zombei, admirando os cabelos brilhosos e macios que caíram sobre meus seios quando ele me descobriu.

Praga sorriu com meu comentário e continuou a explorar meu corpo com suas mãos e sua língua habilidosa. Era impossível não me sentir excitada e desejada na presença dele, e cada carícia me fazia arder de desejo. Meus pelinhos se arrepiaram quando passou os dedos pelos meus mamilos antes de trazer sua boca até eles e os chupar.

Suas mãos percorreram minha pele, deixando um rastro de calor por onde passavam e o mundo lá fora desapareceu, como se só existisse o calor dos nossos corpos e a intensidade que buscávamos um no outro. Confesso que me senti ansiosa, busquei seus lábios com fome e o beijei quando puxei seus cabelos. Era impossível não se perder nos seus músculos, na sua pegada forte e na forma como incendiava o meu corpo.

A lembrança do que sua língua áspera fez em minha boceta ainda estava bem vívida e eu me sentia escorrer de tesão quando Praga levou os dedos entre minhas pernas e me tocou ali. Ele sabia exatamente como manusear meu clitóris a ponto de me enlouquecer e fazer minhas costas desgrudarem da cama. Mas antes que me pegasse de jeito e me penetrasse, eu usei toda a

minha força para derrubá-lo de costas e montar seu corpo largo.

Eu estava faminta por ele, desejando explorar cada centímetro daquele homem. Queria controlar aquele momento e dominá-lo com a mesma intensidade que ele me dominava.

Deslizei minhas mãos por seu peito musculoso, sentindo a força que possuía. Seus olhos ardiam de desejo quando nossos olhares se encontraram e cheguei a me arrepiar com sua intensidade.

— Eu quero brincar um pouquinho — avisei.

Grudei nossos lábios e o beijei com vontade, deixando que nossas línguas dançassem em um ritmo frenético e explorassem cada canto da boca um do outro. Podia sentir a tensão crescendo entre nós, o desejo se tornando insuportável, e Praga sabia exatamente como me deixar completamente mole.

Minhas mãos desceram por seu corpo, traçando um caminho com minhas unhas arranhando sua pele quente, até alcançar os dois membros duros e enormes. Eu só podia ter enlouquecido a ponto de imaginar como seria ter ambos dentro de mim, pois talvez doesse muito e fosse insuportável ou... se tornasse algo indescritível.

Envolvei os dois com ambas as mãos, sentindo o calor que emanava deles e me fazia babar ainda mais pela boceta. Tinham o mesmo tamanho, eram idênticos, mas eu duvidava que coubessem do mesmo jeito em entradas diferentes.

— Que tal experimentar os dois hoje? — Praga sugeriu, sorrindo do seu jeito safado.

— Não acho que aguento. — Posicionei-me sobre um deles e o guiei para dentro de mim, sentindo-o preencher cada parte do meu ser.

Um gemido escapou dos meus lábios sem que eu pudesse evitar e me senti arder quando nossos corpos se moveram em perfeita sincronia. Cada estocada de Praga me levava mais perto do abismo porque parecia que ele me consumiria por completo. Não me importei com os sons que ecoaram pelo quarto, nem pelo suor que começou a escorrer pela minha pele conforme eu quicava sobre seu corpo.

Seu pau alargava toda a minha boceta e se enfiava o mais fundo possível em mim, ao mesmo tempo em que seus dedos enroscavam em meus cabelos e me puxavam para beijá-lo.

— Tem noção do quanto é linda? — perguntou, lambendo meus lábios e apertando minha cintura para tomar o controle da transa. — Fica perfeita em cima de mim, eu não cansaria de admirar essa cena.

Nem tive como responder porque me concentrava em receber tudo que ele me entregava. Praga continuava a me penetrar com força e eu não conseguia evitar gemer alto de prazer com cada estocada. Seu domínio naquela situação apenas aumentava o meu desejo e eu me sentia completamente entregue a ele.

Os lábios macios percorriam meu pescoço e meus ombros, deixando uma trilha de beijos e mordidas que me fazia estremecer. A sensação de sua língua quente em minha pele me levava à loucura e eu ansiava por mais.

— Experimente... — murmurei, conseguindo não gaguejar. — O... outro...

Seus olhos brilharam ainda mais amarelos quando me ouviu falar e sua sobrancelha se arqueou.

— Tem certeza? — perguntou ao mesmo tempo em que eu o sentia tocar meu ânus.

Seu pau já estava tão inchado dentro de mim que eu não conseguia imaginar a adição do segundo ser pior do que o que já acontecia. Apenas fechei os olhos, deixando que tocasse minha entrada com seus dedos, até que o senti me penetrar de uma vez. Parecia incômodo, mas certamente ainda não era o pau.

Eu me contorcia e gemia enquanto ele continuava a me acariciar, preparando-me para o que estava por vir. Cada movimento de Praga fazia meu corpo estremecer de prazer e eu ansiava por sentir ainda mais dele.

— Podemos só testar um pouco... — disse, observando meu rosto.

— Ok.

Eu não me encontrava em condições de conversar, estava completamente entregue a ele. Por isso, quando percebi que substituiu o que parecia ser um dedo pelo segundo pau, abaixei minha cabeça até encostar minha testa em seu ombro e abafar meu grito contra sua pele.

Praga até foi cuidadoso e devagar, mas a dor era alucinante e eu não consegui aguentar. Enchi o peito dele de tapas e implorei para que recuasse, então logo me senti aliviada quando manteve somente o pau em minha boceta.

Seus braços envolveram a minha cintura e seus movimentos cessaram por um segundo, enquanto ele beijava meu rosto e meus cabelos.

— Não gosto de machucá-la — sussurrou. — Não faremos mais isso.

Abafei uma risada nervosa, pensando em como era estranho que uma criatura letal daquele tamanho fosse tão delicada e amorosa quando queria.

— Tentaremos em outro momento — falei, me livrando de seu abraço e me sentando sobre seus

quadris. — Agora, por favor, me come forte.

Eu me lembrei de um dia em que estava em minha casa e o bati sem pensar direito no que estava fazendo. A reação de Praga me surpreendeu naquela época e, agora, tinha chegado a hora de testá-lo. Portanto, dei um tapa em seu rosto e o peguei de surpresa.

— Você disse que gostava, algo assim...

Ele se sentou, puxando meus cabelos para trás e cravando fundo seu pau em mim enquanto gozava forte dentro da minha boceta.

— Gostosa! — Praga virou o rosto. — Bate desse lado também. Você pode me morder, me arranhar, pode tudo.

Os olhos amarelos brilhavam de desejo e ele nem precisou de mais incentivo. Puxei seus cabelos e o beijei com vontade enquanto atendia ao meu pedido. Senti gosto de sangue, provavelmente o da minha boca, entregando-me ao sexo selvagem com direito a mordidas, arranhões e todos os tipos de prazer carnal que desejávamos.

Seu pau escorregava fundo em minha boceta conforme Praga movia meu corpo pelos quadris numa velocidade extrema para uma mortal como eu. Cheguei ao orgasmo com um grito descontrolado e ondas de eletricidade que consumiam meu sistema nervoso. Praga continuou a me foder sem parar, rosnando em meu ouvido, até que o senti se contrair sob mim e gozar mais uma vez.

Não me recordo como foi, mas só sei que nós dois caímos na cama, ofegantes e completamente satisfeitos, com os corpos suados e colados um ao outro. Eu não tinha um olfato apurado mas podia sentir que o quarto estava impregnado com o cheiro forte do nosso sexo. Talvez a Cassandra de antigamente se horrorizasse por

ter sido tão promíscua num momento íntimo desse, mas a Kassie de agora se sentia muito satisfeita e realizada, com uma pitada de orgulho por ser tão aventureira.

DRAGA



CAPÍTULO 22

Morte tinha levado Kalliope até minha casa para que ela pudesse passar um tempo com sua melhor amiga, então aproveitei a presença dele para dar uma volta ao ar livre e contar sobre os últimos acontecimentos. Expliquei sobre a mudança na visão de Cassandra e o último episódio com os caçadores.

— O ideal mesmo seria a Deusa aparecer e nos dar explicações — comentei. — Isso faz parte de algum novo passatempo dela?

— Sei apenas que os caçadores não vão desistir facilmente — disse Morte. — Essa energia é muito forte, tanto que mesmo tendo sido parcialmente extraída, ela ainda possui poder suficiente para alterar os sentidos de Cassandra.

— O que você pensa sobre fazermos isso nós mesmos?

— Sabe que seria doloroso para ela, não é? — questionou.

Eu apenas assenti. Estava ciente, mas enxergava essa como a melhor chance de fazer com que a semi se libertasse daquela situação de uma vez por todas.

— Cassandra está assustada, obviamente... Foi bom você e Kalliope terem aparecido aqui hoje.

— E o que está acontecendo entre vocês dois? — Morte perguntou, olhando-me com uma sobrancelha arqueada, mas ele não era idiota e provavelmente já sabia das coisas.

— Estamos bem — respondi sem entrar em detalhes. — Estou me esforçando para evitar que ela se apaixone muito rápido e...

— Pelo que conheço da garota, o problema é você, não ela.

Bem, talvez ele tivesse razão, mas eu não diria isso em voz alta. Minha esperança era que Cassandra se apaixonasse perdidamente o quanto antes, porém, eu era um cara muito paciente.

Morte parecia saber exatamente o que se passava na minha cabeça, pois estalou a língua alto enquanto me lançava um olhar debochado. Fiz o meu melhor para ignorar seu julgamento enquanto retornávamos para a casa, mas estaquei quando, sem querer, captei um trecho da conversa que estava rolando entre as duas mulheres no andar superior.

“Como você aguenta os dois paus, Kalli? Isso é inadmissível... Eu senti muita dor.”

Era a voz de Cassandra e isso fez com que Morte virasse o rosto para me olhar, com um sorriso debochado.

“Depois que você se acostuma, fica bom, eu garanto.”

— Acho que não devemos ouvir essa conversa delas — ponderei, imaginando que Cassandra arrancaria as minhas penas, minhas garras e minhas bolas, se soubesse disso.

Decidi então que era melhor nos afastarmos e evitar qualquer confronto com as garotas. Olhei para Morte, que estava claramente se divertindo com a situação, e balancei a cabeça em direção ao caminho que tínhamos feito. Ele assentiu, ainda sorrindo, e seguimos para o jardim.

Não consegui, no entanto, desviar minha mente das palavras que tinha escutado. A noite passada tinha sido incrível e o fato de o sexo entre nós dois ser perfeito, só reforçava o que eu já pensava: Cassandra e eu possuíamos uma boa conexão, havia faíscas entre nós que deixavam tudo ainda mais delicioso.

E tudo bem, talvez eu fosse mesmo apaixonado pela garota. Aprendi a admirá-la ao longo daqueles anos e a ver um lado positivo em tudo que fazia, mesmo quando repelia minhas investidas. Ela era, afinal de contas, uma jovem que não possuía família, que caiu de paraquedas numa realidade louca como a nossa e não teve muitas opções a escolher, a não ser viajar para o outro lado do mundo com sua única amiga e duas criaturas horripilantes. Sempre que eu parava para avaliar sua vida, conseguia entender esse jeitinho dela de se proteger contra tudo e todos.

— Gosta mesmo dela, não é? — Morte perguntou, com um tom mais sério do que antes.

Eu assenti, sabendo que não havia motivo para esconder meus sentimentos.

— Não sei se isso é algo bom — respondi. — Pelo menos, não para ela. Acho que a proximidade conosco nunca pode ser positiva para ninguém. Só de pensar que Guerra parecia muito interessado no assunto sobre Cassandra, eu...

— Acho que você pode ficar tranquilo em relação àqueles dois — Morte me interrompeu. — Eu descobri o que estão fazendo e não tem nada a ver com Cassandra ou Kalliope. Eles basicamente decidiram sequestrar e trancafiar algumas semis de Litopanae para usarem-nas enquanto podem.

Eu parei de caminhar porque não esperava receber aquelas informações. Desde meu último encontro com Guerra, não cheguei a conversar sobre o assunto com Morte, então não fazia ideia de que ele estava de olho naqueles dois inconsequentes.

— Nós não iremos fazer nada em relação a isso?

— Estou tentando descobrir para onde eles as levaram — declarou. — Mas uma ajuda da Deusa seria de

grande utilidade, porque não consegui achar o rastro dos infelizes.

Eu me sentei no gramado e me joguei de costas no chão, observando o sol brilhar sobre nossas cabeças. Ao contrário de qualquer outro ser vivo, nós não tínhamos dificuldade nenhuma em olhar diretamente para aquele astro, portanto, mais ninguém no mundo podia ver como era tão belo reinando daquele jeito no céu.

— Como andam as coisas em Alaramanar? — perguntei a Morte, já que ele ia até Litopanae com mais frequência do que eu, afinal de contas, era o continente sob sua responsabilidade.

— Eles já superaram a histeria inicial e aceitaram o destino. A ordem natural das coisas irá se seguir e não há muito o que ser feito. É uma pena que a Deusa não tenha concedido uma segunda chance para esse povo.

Assenti, sem saber bem o que pensar. Por mais que eu não estivesse mais diretamente ligado àquelas consequências, uma parte minha também ficava apreensiva. Afinal de contas, Kassandra era uma semi. Ela não era imortal e tampouco tinha a possibilidade de gerar um herdeiro, como aconteceu com Kalliope. Quando parava para pensar nisso, minha mente se tornava um emaranhado confuso de teorias. Como eu me sentiria quando chegasse a hora de sua morte? Ela iria partir, mas eu... estaria fadado a continuar vivendo por toda a eternidade.

Tinha até medo de puxar aquele assunto com Morte, porque Kalliope provavelmente possuiria o mesmo destino da amiga. Como será que ele, o responsável pela passagem dos seres, lidava com aqueles sentimentos conflitantes? Será que tentaria sempre ressuscitar a garota como fez uma vez?

Conversamos sobre os acontecimentos em Litopanae e Alaramanar por um tempo, mas à medida que a tarde avançava, voltamos para casa, onde encontramos Cassandra e Kalliope conversando na sala, felizmente longe de assuntos polêmicos. Pareciam animadas e felizes, e aquela visão fez eu me sentir bem, pois queria que Cassandra tivesse momentos de tranquilidade e alegria, mesmo que fossem raros na atual situação.

— Estou sabendo que você pretende arrancar a energia da minha amiga — disse Kalliope, franzindo a testa enquanto mantinha Kiran nos braços. — Devo me preocupar ou posso confiar em você, Praga?

— Ainda não decidimos por esse caminho — respondi, parando atrás da poltrona onde Cassandra estava e tocando seus ombros. — Mas como eu já comentei com Kassie, acredito que talvez seja a melhor opção que ela possui hoje.

— Kassie, né? — Kalliope zombou, piscando para mim. — Ela está deixando que a chame assim?

— Não enche! — resmungou a minha gatinha selvagem, esticando a perna para cutucar a amiga. — Kiran devia te dar mais trabalho, assim você não teria tempo de me perturbar.

— Ele já está dando trabalho suficiente para Kalliope — disse Morte ao se aproximar de onde estávamos. — Tivemos que amarrar uma fita de seda no pulso dele e dela, pois o rapaz gosta de levitar durante o sono.

— Teve um dia, que Morte não estava em casa, eu tirei um cochilo com Kiran nos braços, mas quando acordei, ele estava no teto. — Ela fechou os olhos com a lembrança e balançou a cabeça. — Achei que fosse morrer de desespero, porque como eu poderia alcançá-lo? Fiquei igual uma doida correndo pelo quarto e tirando

todos os móveis do caminho onde ele pudesse cair e se machucar. E espalhei os colchões da casa toda pelo chão.

Encarei o pestinha que dormia tranquilamente no colo dela. Ele tinha crescido bastante desde seu nascimento, mas ainda parecia um grão de areia perto das minhas mãos, por isso eu não fazia a menor questão de segurá-lo em meus braços, como Cassandra fez várias vezes.

De qualquer forma, não precisava chegar muito perto para ver que Kiran era a cópia de Morte. Ele puxou apenas os olhos da mãe, o que culminava numa mistura interessante e bonita, mas eu já conseguia imaginá-lo em sua fase adulta, voando pelo mundo e nos acompanhando nas aventuras.

Em determinado momento, quando Cassandra saiu para ir à cozinha, eu a segui e grudei em suas costas ao parar diante dos armários. Enlacei sua cintura pequena com minhas mãos e aproximei minha boca de seu ouvido, porque não queria que aquela conversa fosse testemunhada por mais ninguém.

— Já pensou em você carregando um bebê meu? — sussurrei, dando um beijo na pontinha da orelha.

— Eu não daria tanto azar...

Gargalhei, era a cara dela responder algo assim.

— Acho que seria uma criança linda... — comentei.
— Com asinhas iguais as do pai.

Kassandra virou o rosto para mim e nossos lábios roçaram um no outro.

— Não sonhe com isso — resmungou. — Você não tem maturidade para cuidar de uma criança.

Dei um beijo em sua testa e sorri.

— De qualquer forma, é apenas sonho mesmo — declarei, soltando um suspiro. — Sabemos que isso não

seria possível. Gosto apenas de irritá-la.

Kassandra balançou a cabeça em concordância, mas estranhei algo que vi em seus olhos. Ou que não vi, melhor dizendo. Não havia o brilho de sempre, apenas um sinal de vazio e tristeza, que eu não sabia se era direcionado ao assunto ou não.

MASSANDRA



CAPÍTULO 23

Fazia algum tempo que estava deitada na grama, sentindo o cheiro das flores silvestres que balançavam ao vento. A noite estava linda, o céu estrelado e sem nenhuma nuvem, parecia que tinha sido pintado com o tom mais escuro de preto. Um pouco mais adiante eu podia notar a figura de Praga tomando conta de mim, pois ele estava neurótico diante da possibilidade de eu atravessar novamente a barreira sem perceber.

Isso não aconteceria de novo. A última vez, uma semana atrás, tinha sido suficiente para me assustar por toda a eternidade, então agora, o máximo que eu fazia era caminhar ali mesmo pelo jardim de sua casa. Não sabia por mais quanto tempo suportaria aquela prisão, mas estava dando o melhor de mim.

— Não tem nada pra fazer além de me encarar? — perguntei ao virar meu rosto na direção em que Praga estava, com um leve tom de brincadeira, tentando dissipar um pouco da tensão que sentia.

Ele estava um pouco distante, mas caminhou sem pressa até mim, mantendo um sorriso enigmático no rosto.

— Sempre posso tentar encontrar algo mais interessante para fazer.

A criatura deitou ao meu lado na grama, olhando para o mesmo céu estrelado.

— Vai admirar as estrelas também? — perguntei.

— Você parece gostar de olhar para elas — respondeu ele, muito sério. — Isso é realmente algo que eu fico feliz por ter criado.

— Hm... — Abafei uma risada e o encarei fixamente, esperando que ele risse da piadinha. — Então as estrelas são propriedade sua? Jura?

Praga manteve o olhar fixo no céu sobre nossas cabeças, mantendo seu sorriso enigmático intacto. Quando virou seu rosto na minha direção, os olhos amarelos de repente piscaram e mudaram de cor, tornando-se quase pretos. Era a primeira vez que eu testemunhava aquela alteração e não sabia por qual motivo acontecera.

Antes que eu perguntasse a ele, a criatura estalou a língua e voltou a olhar para o alto.

— O que você enxerga quando vê as estrelas, Kassandra?

— Acho que... estrelas — respondi. — Há algo mais para ser visto?

— Sua nova visão não permite que vá mais além?

— Ah, sim. — Encolhi meus ombros, entendendo aonde ele queria chegar. — Eu vejo muitas coisas diferentes, mas não sei nomeá-las. Há muitas cores e brilhos, talvez... poeira estelar ou outros planetas...

Praga pareceu satisfeito com minha resposta, mas eu ainda estava curiosa sobre a mudança em seu rosto.

— Por que seus olhos ficaram quase pretos agora? — perguntei, finalmente cedendo à minha curiosidade.

Sabia que havia muitos segredos envolvendo aqueles deuses de asas que ainda não tinham sido compartilhados comigo. Mas depois de passar tanto tempo com ele e de me envolver de forma muito mais íntima do que o esperado, eu gostaria de entendê-lo melhor e aprender a lidar com suas peculiaridades.

— Os olhos, às vezes, dificultam a camuflagem... — respondeu uma voz que não era a de Praga.

Eu me sentei depressa, completamente arrepiada, e antes que pudesse levantar, a mão pesada segurou em meu pulso e me manteve no lugar. A figura que se

parecia com ele também se sentou e deu um sorriso maior para mim.

Como se um véu tivesse sido tirado de cima dos meus olhos, eu me dei conta de que devia estar perante a presença da Deusa, pois era justamente ela que imitava a aparência de qualquer outra pessoa de quem gostávamos. Apenas o fato de reconhecer isso me fez perceber que pensava muito mais em Praga do que eu estava disposta a admitir.

— Tudo bem, você me descobriu — disse ela, encolhendo os ombros. — Mas me dê um desconto, pois foi a primeira vez que copieei seu amor.

— Meu...

— Não se dê ao trabalho de negar, Cassandra — ela me interrompeu. — Eu sei de tudo antes mesmo de você. Mesmo aquilo que o seu coração ainda não lhe contou.

Engoli em seco e cruzei meus braços quando me soltou. Sabia que não adiantava sair correndo, ninguém conseguia evitar a Deusa, nem mesmo Morte, Praga ou qualquer outro dos quatro.

— O que quer comigo? — questioneei, mais curiosa do que assustada. — E por que tentou me enganar?

— Eu não *tentei*, você apenas me deu corda. — Fiquei paralisada quando ela esticou a mão e tocou meus cabelos. — Mas agora que estamos frente a frente, vou direto ao ponto. Tenho um assunto importante para discutir com você.

Minha curiosidade estava à flor da pele e eu me senti intrigada e ansiosa para saber o que a Deusa queria comigo. Sabia que, muitas vezes, Morte tentava contactá-la sem sucesso porque ela só aparecia quando queria, então o que eu podia ter de especial para ter me procurado?

— O que é tão importante que precisava assumir a forma de Praga para me encontrar? — perguntei com cautela, pois apesar da calma que transmitia, eu sabia que não podia subestimar seus motivos ou intenções.

A Deusa suspirou e esticou as pernas pela grama, o que era muito estranho porque se tratava do corpo do homem que eu conhecia muito bem.

— Você já deve ter percebido que algo estranho está acontecendo, não é? — ela começou, seu tom de voz sério. — Uma energia poderosa foi liberada e isso está afetando a sua vida.

Assenti, mas achei mais inteligente permanecer calada porque não fazia ideia do que a Deusa gostaria de ouvir.

— Essa energia não era originalmente sua, Cassandra. E depois que os caçadores tentaram extraí-la, ela retornou para você, manipulada por aqueles que buscam desequilibrar tudo o que conhecemos.

Meu coração começou a bater mais rápido, pois sabia bem a gravidade da situação. O que ela pretendia, afinal? Matar-me ali mesmo? Entregar-me para o Conselho de Lumiaris para que eles pudessem evitar que eu continuasse andando livremente?

— Eu... não tenho culpa do que aconteceu — murmurei, nervosa e me perguntando se Praga apareceria de novo para me salvar. — Nem faço questão de ter essa energia comigo.

— Você é especial, Cassandra, possui um coração puro. — Agora ela tinha tocado o meu peito e isso era íntimo demais. — Entenda que nada acontece por acaso, mas eu sempre dou a opção de escolha a cada ser vivo. Por isso, vim avisá-la. A energia que absorveu pode ser a chave para algo que deseja muito em segredo. E eu

dependo da sua decisão para que meus planos sigam como o esperado.

Talvez eu devesse avisar a Deusa que era péssima em desvendar charadas e suas palavras não me diziam absolutamente nada. A única coisa que eu desejava muito era retomar minha vida pacata e simples. Aquela em que eu acordava, ia trabalhar e no fim do dia retornava para minha casinha.

— Devo restabelecer a ordem original, certo? — questionei. — Aceitar a ideia de Praga sobre... extrair a energia...

— Você acha que esse é o caminho a ser tomado?

A Deusa continuava a me encarar com seus olhos profundos e misteriosos. Eu sentia a pressão de sua presença, a responsabilidade que ela depositava sobre meus ombros, como se minha decisão fosse afetar não apenas o meu destino, mas o equilíbrio de todo o mundo.

— Eu... não tenho certeza — admiti, a dúvida me corroendo por dentro. — Por que não me diz diretamente o que devo fazer? Eu realmente não sou a melhor pessoa para decidir algo que parece ser tão importante.

Ela sorriu com compreensão e seu toque em meu peito se desfez.

— As escolhas nem sempre são fáceis, Cassandra. Mas lembre-se de que você não estará sozinha nessa jornada. — Seus olhos brilharam em amarelo por um segundo. — Praga estará do seu lado, você poderá contar com o apoio incondicional dele.

Suas palavras me trouxeram algum conforto, pois saber que não enfrentaria essa tarefa sozinha era um alívio.

— Talvez eu deva entrar e chamar por ele...

— Isso não é algo que Praga possa decidir por você — declarou, levantando-se de repente. — Tenha em mente apenas uma coisa, Cassandra. Se resolver fazer a extração, que seja antes da próxima lua crescente. Se nada for feito até lá, então sua decisão terá sido tomada e uma nova fase da sua vida se estenderá à sua frente.

Que diabos aquilo tudo significava?

— O que isso...?

— Só nos veremos novamente dependendo de qual caminho tomará — disse ao me interromper, enquanto se afastava e começava a desaparecer, como se sua forma se dissolvesse na noite estrelada.

Eu me coloquei de pé, com uma sensação de urgência dentro do peito, precisando contar toda aquela conversa para alguém. Talvez eu fosse burra demais e não conseguisse compreender as palavras da Deusa, mas certamente Praga ou Morte me ajudariam com isso.

DRAGA



CAPÍTULO 24

Meus ouvidos extremamente apurados já estavam sensíveis com o choro de Kiran que não parava há muitos minutos. Kalliope andava de um lado ao outro da grande sala de sua casa, balançando o bebê nos braços, enquanto Morte fingia que não estava prestes a arrancar as próprias asas.

— Como pode ele ser só desse tamanho e ter cordas vocais tão potentes? — questionei, admirado em ver que a mãe era extremamente paciente com aquelas asas que ele não conseguia controlar e, portanto, abriam e fechavam o tempo todo.

— Ele também faz muitas outras coisas em excesso — murmurou o pai, estalando os ossos do pescoço. — Cocô, por exemplo.

Não consegui disfarçar a minha careta. Isso era algo no qual eu nunca havia pensado. Todos os seres vivos precisavam liberar seus excrementos e, mesmo sendo filho de Morte, aparentemente, Kiran tinha puxado esse lado de sua mãe. Devia ser trágico para meu irmão precisar lidar com algo assim.

— Tem certeza de que a Deusa não deu nenhuma pista para Cassandra? — perguntou ele, me fazendo virar meu rosto em sua direção.

— Acho que tudo o que ela tinha para dizer, foi dito.

Eu estava na casa deles justamente por causa de Cassandra. Quando ela me contou sobre o encontro inesperado com a Deusa, eu até custei a acreditar. Aquela divindade filha da mãe sequer aparecia para nós que tanto clamávamos por sua presença, por qual motivo surgiria de repente na frente de Cassandra?

Mas a parte mais surpreendente e que me deixou radiante foi saber que tinha vindo na forma de... bem, eu. O que significava que a semi realmente gostava de mim, mesmo que não quisesse admitir, pois ninguém

podia enganar a Deusa nesse quesito. Quem tentasse, falharia miseravelmente.

— Cassandra não faz mesmo ideia do que seja isso que tanto deseja em segredo? — Morte questionou como se eu soubesse algo além do que já tinha contado.

— De acordo com ela, não — respondi. — Acho que precisa de um tempo para refletir e acalmar o coração. O encontro a deixou nervosa e apreensiva demais.

— Então nós sabemos que a extração da energia não é a opção favorita da Deusa — disse Kalliope ao se aproximar com o bebê chorão. — Por que você não vai com o titio Praga por um segundo?

Antes que eu perguntasse que loucura era aquela que pensava fazer, a semi empurrou Kiran em meus braços e eu precisei segurá-lo depressa para que não caísse.

— Pegue de volta — pedi, um pouco desajeitado. — Vou quebrar o filho de vocês...

O bebê tinha parado de chorar só para olhar bem na minha cara por alguns segundos. Minhas mãos pareciam maiores que a cabeça dele, e como Morte estava com a atenção bem fixa em cima de mim, achei melhor acomodá-lo com cuidado em meu peito.

A mãe, uma pequena articuladora, sorriu satisfeita e puxou uma cadeira ao meu lado para se sentar, parecendo exausta e muito descabelada. Então, um segundo depois, o choro recomeçou bem no meu ouvido.

— Eu acho que ele quer você — falei, sentindo muita aflição em segurar o corpo minúsculo.

— Não quer não. — Ela sorriu. — Ele precisa que os dois machos presentes na casa deixem a mamãe descansar um pouco.

— Você conhece bem a sua amiga — Morte murmurou para Kalliope. — Acha que ela, no fundo, gostaria de ter algum poder? Talvez seja isso?

— Nós nunca conversamos sobre isso, mas não vejo esse interesse em Cassandra. Tudo o que ela mais quer é uma vida normal, coisas que qualquer mulher simples poderia desejar.

Seus olhos pareciam amorosos quando observou Kiran em meus braços e ela esticou a mão, alisando os cabelos escuros do filho. Então, seu olhar se ergueu até encontrar o meu e sua boca se escancarou.

— Um bebê! — Kalliope pulou da cadeira e ficou de pé, com as mãos na cintura. — Cassandra quer um bebê!

— O quê? — Morte e eu retrucamos ao mesmo tempo.

— Qual mulher não deseja ter um filho? Principalmente se isso é a única coisa que ela nunca poderá ter? — Kalliope nos olhou com uma expressão que parecia divertida e revirou os olhos. — Não estou dizendo que Kassie quer ter um bebê *agora*, mas que talvez, em algum momento, ela tenha pensado nisso. Nós fomos criadas com uma regra muito específica a respeito disso e, a partir de uma idade, ficou claro que Cassandra nunca engravidaria porque não se tornou uma escolhida. Isso com certeza é algo que mexe com a cabeça de todas as garotas semis.

— Se você estiver mesmo certa, no caso, estamos falando de um filho... do Praga? — sugeriu Morte, olhando na minha direção.

Tudo bem, o pensamento de ter um filho de verdade nunca chegou a passar pela minha mente, afinal, não era algo possível de acontecer. Parecia um pouco desesperador e o choro incessante de Kiran me fazia

querer correr dali e me esconder no mais distante continente daquele planeta.

— Estamos supondo coisas, quando só Cassandra tem a resposta — comentou Kalliope, tirando o filho dos meus braços. — Mas eu acho que é uma boa possibilidade. A única que faz sentido diante de todo o discurso da Deusa.

— Então ela agora quer povoar o mundo com os nossos filhos? — Morte riu e se levantou, parecia tão atordoado quanto eu. — É preocupante não sabermos quais são seus planos para nossos herdeiros.

Nossos? Ainda não tínhamos chegado nessa fase, por enquanto só havia Kiran. Mas um sorrisinho debochado nos lábios de Morte me fez estremecer e perceber que deveria ir para casa e conversar com Cassandra. Nada que vinha da Deusa podia ser levado na brincadeira, pois ela costumava tecer fios emaranhados dos caminhos de nossas vidas sem se importar muito com o que queríamos ou não.

•

Encontrei a garota sentada no sofá do terraço com um livro sobre o colo e os olhos atentos nas páginas que passava lentamente. Ela só notou minha presença quando me sentei no braço de couro e se assustou, erguendo o rosto e me encarando com olhos esbugalhados.

— Precisa ser tão silencioso?

— Não faço de propósito — respondi, tocando sua cabeça. — Estive com Morte e Kalliope. E Kiran.

— Eles estão bem? — perguntou ao retornar sua leitura.

— Sim... Mas o bebê chora o tempo todo. — Soltei uma risada com a qual ela não se alterou, então fiz um teste. — Você se imagina tendo que aturar isso?

— Isso o quê?

— Um filho. — Cassandra voltou a me olhar, dessa vez com um vinco no meio da testa. — Se fosse você no lugar da Kalliope, quero dizer.

A garota abriu e fechou a boca, em seguida, baixou o rosto na direção do livro e seus dedos brincaram com o cantinho da folha, até que o largou no espaço ao seu lado. Ela se levantou, ajeitou o vestido longo que caía lindamente em suas curvas e me deu um sorriso.

— A mulher se transforma quando dá à luz, sabia? Nada é impossível para ela. — Cassandra encolheu os ombros. — Pelo menos, é o que sempre ouvi dizer. Acho que vou preparar uma sopa, fiquei com fome...

A semi virou de costas depois de mudar bruscamente de assunto, mas não a deixei se afastar. Meus dedos se fecharam ao redor do seu pulso e a puxei de volta para mim antes de segurar firme em sua cintura.

— E se for esse o desejo ao qual a Deusa se referiu?

Tive a certeza de que Cassandra jamais chegou a pensar nessa hipótese, pois minha pergunta fez todo o seu semblante se alterar em segundos. Parecia que eu tinha feito uma revelação impressionante a ela, mas que logo tratou de encobrir com uma expressão neutra e séria.

— Nunca quis ser mãe.

— Você nunca quis ou nunca pensou ser possível?

— Não faz diferença, Praga — respondeu, tentando escapar de mim. — Também não faz sentido nenhum. De quem eu engravidaria? De você?

Mantive-me em silêncio porque sabia que ela precisava digerir o sentimento de negação. Eu tive todo o caminho da casa de Morte até a minha para fazer isso, então era natural que Cassandra também estivesse em choque.

— Vamos levar em consideração que a Deusa apareceu para você usando a minha imagem — comentei, esperando que a ficha da semi caísse. — Ela tornou possível que Morte tivesse um filho, seria tão estranho assim que tivesse planos também para mim?

— Mas por que eu? Kalliope era uma escolhida, eu não tenho nada de extraordinário.

Puxei-a para mais perto e envolvi sua cintura com meus braços. Ela estava mordiscando o lábio inferior quando procurou pelos meus olhos e eu não consegui evitar depositar um beijo na ponta de seu nariz arrebitado.

— A Deusa sabe que *você* é minha escolhida — declarei. — Desde a primeira vez em que a vi.

— Até parece. — Cassandra tentou desviar o rosto, mas não deixei. — Eu fui apenas um desafio. Você é imortal, Praga. Em algumas décadas, nem lembrará de mim.

— Você é bem jovem, viva um dia de cada vez.

Eu a soltei, mas segurei as pontas de seus dedos antes de deixá-la escapar e a encarei fixamente. Encolhi os ombros depois de um tempo e a libertei, esperando que tirasse um tempo para refletir de verdade sobre aquele assunto. A Deusa tinha dado um prazo, que terminava com a chegada da lua crescente, e isso era daqui a oito dias.

Claro que sempre havia a possibilidade de Kalliope ter se enganado e não ser, de fato, um bebê o tal desejo secreto da semi. No entanto, eu acreditava sim que era.

Depois de pensar bem sobre isso, parecia cada vez mais lógico. E se todos estivéssemos errados, a Deusa daria um jeito de intervir e desfazer o mal-entendido, afinal de contas, era do interesse dela que Cassandra tomasse a decisão certa.

MASSANDRA



CAPÍTULO 25

Não me lembro há quanto tempo estava ali debruçada na janela, observando a lua no céu e pensando na minha vida. Mais precisamente, no meu futuro. Eu tinha dois dias, foi o prazo que Morte e Praga me deram para que me decidisse sobre a extração de energia. Apenas dois dias para dar uma resposta final a eles.

Se optasse por fazer o procedimento, por mais que fosse perigoso e doloroso, havia a chance de voltar a ser uma garota comum, sem nenhum caçador diabólico no meu pé nem elfos do Conselho me tratando como um rato de laboratório.

Se decidisse não fazer nada e esperar a lua crescente, entregaria meu destino aos planos que a Deusa parecia ter para mim. Todos ao meu redor pareciam certos a respeito da gravidez, mas eu não conseguia imaginar uma vida sendo gerada dentro de mim. Eu vivi todos aqueles anos sendo ensinada que nunca poderia engravidar se não me tornasse uma das escolhidas e, a partir do momento em que não recebi nenhuma das marcas, compreendi que jamais seguraria um filho meu nos braços.

Só podia ser uma brincadeira de mau gosto da Deusa. Eu não queria me iludir e alimentar teorias erradas para depois descobrir que suas intenções eram completamente diferentes disso. Mesmo assim, ela não apareceu para desmentir os outros. Deixou todo aquele peso da decisão nas minhas mãos. Como eu poderia tomar uma decisão tão importante sem saber todas as informações?

Acabei não contando para ninguém o que se passava na minha cabeça, nem mesmo para Kalliope, porque precisava testar o fator surpresa para que meu plano desse certo. Por isso, depois de ter certeza de que

Praga já estava recolhido no seu quarto e não me procuraria porque eu pedi que me desse um tempo sozinha, desci as escadas em silêncio e saí de casa.

Conforme caminhava pelo jardim, observava a lua e as estrelas brilhantes, respirava fundo e devagar e dizia para eu mesma que tudo ficaria bem. Eu só precisava de respostas e sabia que a Deusa não aparecia sempre por livre e espontânea vontade. Mas se ela desejava tirar algum proveito de mim, então teria que ter algum trabalho.

Havia um lago bem bonito perto da casa de Praga e, geralmente, ele ficava todo iluminado ao refletir as estrelas e os vagalumes que ficavam sobrevoando a região. Eu fui até lá e me ajoelhei na margem, puxando a faca que tinha amarrado na bainha do meu vestido e observando o reflexo que a luz causava no metal.

Olhei para trás uma vez, medindo a distância que eu estava da casa, olhei para o céu na esperança de estar sendo vista pela Deusa e, então, encarei meus pulsos. A noite estava silenciosa, com apenas o som suave da natureza ao meu redor. Mas eu sabia que não estava sozinha naquele momento, que Ela estava em algum lugar, acompanhando meus pensamentos e ações. Tinha que acreditar nisso ou não teria coragem de seguir em frente.

Com a faca em mãos, comecei a traçar um pequeno corte em meu pulso esquerdo. Não era profundo, mas o suficiente para que o sangue começasse a escorrer. Enquanto observava o líquido rubro brotar da minha pele, eu me perguntava se a Deusa apareceria diante de mim agora. Mas os segundos se passaram e nada aconteceu. A lua continuou a brilhar, as estrelas permaneceram firmes em seu lugar, mas a divindade não surgiu. Eu estava disposta a pagar qualquer preço por respostas,

mesmo que isso significasse sacrificar um pouco de meu próprio sangue.

Continue, repeti mentalmente, enquanto cortava o pulso direito, dessa vez com um pouco mais de profundidade. O sangue jorrou mais livremente e eu podia sentir o calor e a pulsação do líquido vital. Enquanto o observava escorrer por minha pele, eu me sentia um pouco tonta, mas minha determinação não diminuiu. Ela não me deixaria morrer se realmente queria algo de mim.

Os minutos continuaram a passar e ainda não havia sinal da Deusa. A lua e as estrelas pareciam indiferentes à minha ação desesperada. Eu sabia que estava arriscando minha própria vida, mas não havia outro caminho para obter as respostas que procurava.

— Merda... — murmurei, sentindo as lágrimas quentes escorrerem pelo meu rosto conforme meu vestido se manchava de vermelho.

Minha pele ardia, era uma dor incômoda, mas suportável, e eu mantive meus olhos fixos no céu estrelado, esperando desesperadamente que algo acontecesse. Perdi a conta dos segundos e minutos, sentia-me à beira da exaustão, com meu coração batendo descontroladamente. A Deusa não havia respondido ao meu chamado, talvez estivesse alheia ao meu sofrimento ou tivesse seus próprios planos que eu não compreenderia nunca. Ou talvez, apenas não se importasse o suficiente comigo.

— Kassie! — Ouvi a voz de Praga antes de vê-lo se jogar ao meu lado e me pegar nos braços quando me sentia prestes a desmaiar.

— Não... me... salve...

— Ficou louca? — ele gritou comigo, mas eu notei a chegada de mais alguém e identifiquei o segundo Praga

em cena, um pouco mais distante, flutuando sobre o lago.

— É isso mesmo que deseja, Cassandra? — perguntou a Deusa.

Tentei me soltar dos braços do homem forte, que pressionava meus pulsos para impedir que eu sangrasse mais. De repente, ele se tornou um tigre e me empurrou de costas na grama, subindo sobre mim e começando a lamber minhas feridas abertas.

— Eu quero saber! — gritei, odiando o fato de que não podia lutar contra aquele animal do dobro do meu tamanho. — Me deixe saber... o que você quer... de mim.

Os olhos de Praga, agora na forma de um tigre, encontraram os meus e transmitiram uma mistura de preocupação e desaprovação. Ele não esperaria, apenas voltou a me lamber para acelerar o processo de cura, enquanto eu mantinha minha atenção na outra criatura entre nós.

— Você é corajosa, Cassandra, mas essa não era a melhor maneira de buscar respostas. O que você deseja saber?

Ofegante e ainda sentindo a dor latejante em meus pulsos, perguntei:

— Por que tudo isso está acontecendo comigo? — Sentia meus olhos arderem com as lágrimas. — O que você quer de mim?

A Deusa sorriu com tranquilidade como se eu não tivesse tentado me matar.

— Você é uma das minhas chaves para o futuro, Cassandra. O que desejo é que tome a decisão certa e cumpra o seu destino. Tenha calma, pois independente de sua escolha, depois de um período não será mais alvo dos caçadores de magia.

— Qual é o meu destino?

Ela se aproximou mesmo com Praga rosnando em sua direção. Então, mudou sua forma para algo que parecia formado apenas de luz e energia. Não havia mais nenhum corpo, apenas uma forma etérea que eu não sabia identificar. Seu toque era suave quando tocou a minha testa com uma onda de calor e paz.

— O destino é uma jornada, não um ponto final. Pode voltar a ser uma simples mestiça e eu continuarei traçando seu caminho da melhor maneira possível para alguém com um coração puro como o seu. — Ela sorriu. — Ou pode escolher o maior ato de amor de todos e gerar a filha de Praga em seu ventre. Foi por isso que você adquiriu essa energia, ela serve para torná-la fértil e se extinguirá naturalmente quando o bebê nascer.

O tigre sobre mim se transformou imediatamente no homem que eu conhecia bem e ficou de pé, mais pálido do que normalmente era.

— O que você disse? — perguntou, cambaleando para trás. — Eu teria... uma filha?

— Essa decisão não cabe a você, Praga — declarou a Deusa. — Mas sim, sua filha está predestinada ao Kiran... Mas ela só existirá se for concebida dentro do período da lua crescente. Estou dando a vocês todas as informações que não mereciam receber agora, então, usem-nas com sabedoria, pois não há como voltarem atrás.

Eu me sentei ao perceber que meus pulsos não sangravam mais e num piscar de olhos, a Deusa tinha sumido e nos deixado a sós. As lágrimas ainda rolavam pelo meu rosto enquanto eu lutava para compreender aquelas tantas palavras.

Praga me encarou com os olhos cheios de confusão e eu não duvidava de que os meus estivessem iguais. Era visível que ele não esperava ouvir aquilo, que a ideia

de ter uma filha o atingiu como um raio. A Deusa havia lançado uma bomba em nossas vidas, uma escolha monumental que nunca imaginei que teria que fazer.

— Eu não sei o que pensar — murmurei, sem coragem sequer de mexer as mãos em meu colo.

— Você precisa? — ele questionou, virando o rosto na minha direção. — Digo... pensar?

Engoli em seco. Estava claro que Praga tinha entrado de cabeça naquela ideia e a maneira como me olhou demonstrava um pingo de mágoa por eu sequer cogitar escolher entre uma coisa ou outra.

— Até alguns dias eu nem imaginava... que pudesse ser mãe...

Ele saiu de onde estava e abriu as enormes e imponentes asas, abaixando-se e me pegando no colo com a facilidade de sempre. Não disse nada, apenas caminhou comigo para a casa e eu tentava não desabar no choro. Estava sem saber o que fazer, qual decisão tomar, e só faltavam dois dias do prazo dado pela Deusa. Dois dias para decidir todo o meu futuro.

— Eu ainda não consigo acreditar que teve a coragem de cortar os pulsos.

— Precisava trazer a Deusa até aqui — respondi, fechando meus olhos. — Não sabia que você também viria.

— Ela me alertou sobre o absurdo que você estava fazendo — retrucou, sem olhar para mim. — Você é tão teimosa que preferia morrer do que escolher qualquer coisa.

— Lide com isso.

Eu entendia o quanto minha ação o havia deixado perturbado, mas naquele momento, eu estava tão confusa e sobrecarregada que fiz o que achava ser certo.

E bem, na verdade, eu estava, considerando que a Deusa realmente apareceu como eu queria, contou todos os seus planos para mim e ainda fui salva por Praga.

— Sinto muito — sussurrei, pois ainda assim achava que devia um pedido de desculpas por não confiar meu plano a ele. — Se eu te contasse, não daria certo.

Ele assentiu parecendo mais calmo e compreensivo e logo senti meu corpo encostar em algo quente e macio. Tinha me colocado em sua cama, apesar de eu estar completamente suja, então se afastou um pouco.

— Vou preparar a banheira pra você se limpar — avisou, me deixando sozinha num piscar de olhos.

Agradei mentalmente por ele ser tão atencioso, pois uma boa sessão de banho quente era exatamente o que eu precisava naquele momento. Enquanto isso, tirei minha roupa suja de sangue e terra, depois encarei novamente meus pulsos. O trabalho do tigre tinha sido veloz e coagulava o sangue quase que imediatamente. Agora, só restavam os cortes criando uma casca delicada e vermelha.

Notei que Praga tinha parado na porta do banheiro e estava me observando em silêncio. Só então pude perceber que continuava pelado por causa da mudança de forma e também estava sujo do meu próprio sangue.

— Será que cabemos os dois no banho? — perguntei ao me levantar.

O homem alto arqueou uma sobrancelha, como se a sugestão não tivesse passado por sua mente, mas depois de alguns segundos, abriu um sorriso leve e estendeu a mão para mim.

— Não será tão confortável para você, pois sou espaçoso — avisou, ajudando-me a entrar e fazendo a água morna transbordar um pouco.

— Eu não me importo.

Seu olhar se tornou mais sério quando se acomodou e me observou ainda de pé. Tanto eu quanto ele sabíamos que uma conversa nos aguardava e era mais importante do que qualquer outra coisa que pudesse ter existido entre nós dois.

DRAGA



CAPÍTULO 26

Talvez aquela fosse a primeira vez na minha existência em que eu realmente não sabia o que fazer. Sentia-me atordoado mesmo que o assunto sobre bebês tivesse sido levantado por todos nós. Agora, com a informação sobre o que o futuro me reservava, eu queria muito ter essa filha à qual a Deusa se referiu. Parecia estranho demais sequer imaginar essa possibilidade, mas ter visto Morte com Kiran por tantas vezes, me fazia ter vontade de viver a mesma coisa.

Eu estava preparado para ser pai? Óbvio que não, nunca teria acreditado nisso se qualquer pessoa me sugerisse tal loucura um tempo atrás. Mas a simples menção de um filho meu havia me deixado enlouquecido. Ao mesmo tempo, eu tinha plena consciência de que não podia forçar Cassandra a tomar a decisão que eu gostaria que fosse tomada. Não fazia a menor ideia do que se passava em sua cabeça naquele momento e até mesmo me surpreendi por ter me chamado para tomar banho com ela.

— Cuidado — pedi, ajudando-a a se sentar entre minhas pernas, de costas para mim.

Alisei seus ombros tensos e deslizei minhas mãos pelos braços delicados, chegando seus cabelos para o lado.

— Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer, Praga — murmurou, encostando a cabeça em meu peito.

— Eu entendo, também é uma informação inesperada para mim, mas, de alguma forma, parece certo.

Kassandra virou o rosto e me fitou com os olhos cheios de emoção.

— Eu só não sei se estou pronta para isso.

— Acho que você sabe minha opinião — comentei, passando meus braços por sua cintura e tocando sua barriga. — Mas não irei influenciá-la, a Deusa mesmo disse que não cabe a mim.

— Jura que não tem medo? — perguntou a semi. — Um dia, eu morrerei, e essa... filha... só terá a você.

A preocupação de Cassandra era compreensível. Como uma semi, sua vida era finita, enquanto a minha se estenderia por eras.

— Não tenho medo — respondi com sinceridade. — O tempo que passarmos juntos será valioso e farei tudo o que estiver ao meu alcance para proteger e orientar essa criança. Não importa o que aconteça no futuro, sempre estarei do seu lado e do lado dela.

Era uma promessa que eu estava determinado a cumprir. Sabia que nossa situação era única e que enfrentaríamos desafios, mas não deixaria que o medo do desconhecido nos impedisse de seguir em frente.

— E se eu não quiser viver com você? — indagou. — Ou se você mesmo enjoar de mim? Kalliope e Morte possuíam uma ligação de almas, eram predestinados, bem diferente do nosso caso.

Eu a encarei com carinho, tomando o rosto dela nas mãos para que pudesse ver a sinceridade nos meus olhos.

— Disso eu não posso abrir mão — declarei. — Farei parte da sua vida, quer você queira ou não. Com ou sem bebê, gatinha. Caso ainda não tenha se dado conta, sou muito persistente e territorialista.

Ela tentou disfarçar, mas vi quando revirou os olhos.

— Estou falando sério e...

— Eu também estou — interrompi-a de uma vez. — Se não quiser viver sob o mesmo teto que eu, posso até

respeitar essa decisão. Mas seu corpo é meu, seu coração também. Acredito que a nossa ligação será eterna.

— Você não é meu dono — debochou, abafando uma risada.

— É claro que sou. — Enrolei meu pulso em seus cabelos e puxei sua cabeça para trás. — Devo refrescar sua memória de que é o *meu* nome que grita e que vai gritar para sempre enquanto goza?

Kassandra piscou algumas vezes, surpresa com minha resposta, então seus lábios se curvaram em um sorriso travesso.

— Talvez...

Não era o momento mais apropriado para fazermos sexo, pois havia um assunto importante a tratar, mas eu não desperdiçaria nunca uma oportunidade de me enfiar dentro de sua boceta. Por isso, puxei-a para o meu colo e nossas bocas se encontraram em um beijo urgente, afastando toda a incerteza e preocupação que sentíamos.

— Praga... — murmurou, enterrando os dedos nos meus cabelos e encostando a testa na minha. — Diga-me o que fazer...

— Não preciso dizer. — Eu a penetrei lentamente, vendo seus olhos se fecharem e os lábios se entreabrirem com um suspiro. — Só... siga o seu coração, Kassie.

Havia uma poça de lágrimas em seus olhos lindos e elas escorreram na primeira piscada, o que era uma situação completamente avessa ao que estava acontecendo sob aquela água. Enterrei meu pau bem fundo em Kassandra, esperando que se acostumasse melhor, mas logo preferi carregá-la para fora da banheira

e a posicionei de costas para mim, apoiando-se num móvel.

A água escorria pelo seu corpo enquanto eu continuava a movimentação, e nossas respirações pareciam sincronizadas. Era como se todo o resto do mundo desaparecesse naquele momento e só restássemos nós dois. Cassandra estava entregue com a bunda empinada para mim e eu estava decidido a dar a ela todo o prazer que pudesse naquela noite.

— Você não percebeu ainda que ninguém vai comê-la melhor do que eu como? — perguntei, inclinando-me e mordendo seu ombro.

Abri minhas asas e as fechei ao nosso redor, deixando que algumas penas roçassem os bicos dos peitos lindos, enquanto eu empurrava um dos meus paus com força dentro da bocetinha apertada.

Kassandra me apertava em seu interior, mas não parava de balançar o traseiro bonito contra mim. Decidi retrair minhas asas e deixei que o rabo de tigre se sobressaísse, levando-o para a frente de seu corpo e acariciando sua boceta. Usei uma de minhas mãos para levar um pouco de sua lubrificação natural até o cuzinho pequeno e o forcei devagar, ouvindo seus gemidos.

— Podemos tentar de novo? — perguntei, ansioso.

Minha gatinha selvagem soltou um suspiro pesado e assentiu com o rosto direcionado para mim, seus olhos brilhando de desejo e entrega. Eu a segurei com firmeza e, com cuidado, comecei a penetrá-la duplamente, bem devagar para garantir que não lhe causasse dor. Ela gemeu conforme meu pau se enfiava no cu estreito, mas logo seus gemidos se tornaram uma mistura de prazer e ansiedade.

— Não pense em nada por enquanto — pedi, dando um tempo para ela. — Não chore pelos próximos

minutos.

Kassandra se agarrou à beira do móvel, os cabelos molhados grudados em suas costas e o corpo ondulando conforme eu a preenchia completamente, então recuava até quase tirar meus paus, para me enterrar novamente dentro de sua boceta e seu cuzinho quentes. Não havia espaço para pensamentos ou preocupações, apenas o calor do momento e a conexão intensa entre nós.

— Minha nossa... Praga... — seus gemidos se tornaram mais intensos à medida que minhas estocadas foram tomando mais velocidade. — Eu vou...

— Você pode tudo o que quiser — declarei, alisando suas costas antes de dar um tapa em sua bunda. — Você é minha, mas isso significa que também sou seu.

Ela era tão linda, eu não conseguia me imaginar abrindo mão de Kassandra. Sinceramente, temia que escolhesse a extração e voltasse à sua vida pacata em Lumiaris, decidindo também se afastar de mim. Não tinha certeza de quais eram os seus sentimentos e sabia que não eram grandes as chances de ela um dia se apaixonar por mim.

Eu sabia que estávamos nos aproximando do clímax e a excitação pulsava em nossos corpos. O ritmo dos batimentos cardíacos de Kassandra indicavam que ela estava prestes a gozar, eu já os tinha decorado com precisão. Com um último esforço, aumentei a intensidade das estocadas e a senti se derreter comigo a preenchendo de todas as maneiras.

Apreciei os tremores que consumiram seu corpo e me desfiz também em orgasmos deliciosos, mas antes de me afastar completamente, Kassandra se soltou e virou de frente, passando os braços pelo meu pescoço e pulando no meu colo. Ajudei-a a prender suas pernas em

minha cintura, enquanto arrumava seus cabelos e a carregava de volta para o quarto.

Sua boca encontrou a minha e os dentes mordiscaram os meus devagar, antes de soltá-los e chupar minha língua com força.

— Estou dolorida — murmurou, deitando a cabeça no meu ombro. — Muito, muito mesmo.

— Vou tratá-la bem esta noite — avisei, deitando Cassandra na cama e a observando por um segundo. — O que acha de uma massagem sem segundas intenções?

— Comece pelos meus pés. — A garota sorriu, erguendo uma das pernas no alto.

Sentei-me na beira do colchão e dediquei um tempo para cuidar de cada pedacinho que ela me ofereceu. Seus olhos se fecharam e um suspiro de alívio escapou de seus lábios enquanto minhas mãos habilidosas trabalhavam na parte inferior de suas pernas. À medida que subia para as coxas, continuei a massageá-la com atenção, atendendo a todos os seus pedidos de foco nas áreas mais tensionadas.

— Preciso dormir, Praga... — sussurrou, fechando os olhos. — Mas acho... que estou quase decidida. Ou talvez nunca tenha estado em dúvida...

Mesmo sem me olhar, sua mão procurou pela minha e senti a delicadeza de seus dedos tímidos nos meus.

— Acho que será um bom pai...

Meus olhos procuraram os dela quando senti sua voz embargada, mas Cassandra tapou o rosto com ambas as mãos e recomeçou a chorar. Ela se virou de costas para mim e eu acabei me deitando atrás, envolvendo sua cintura com um braço e puxando seu corpo para grudar no meu.

Pude sentir seu coração bater forte sob meus dedos e gostaria de poder dizer algo que tirasse aquele peso de cima dela.

— Do que tem medo? Eu estarei aqui para tudo.

— Eu não sei... — murmurou aos soluços. — É só... uma mudança... drástica... Minha vida nunca mais será a mesma... Mas também não seria se eu me negasse a ter o bebê.

— Pense que você terá Kalliope para te dar todos os conselhos que precisar — comentei, torcendo para que a menção à sua amiga a tranquilizasse mais. — Ela passou por tudo o que você vai passar, não é?

Kassandra assentiu e fungou, aos poucos diminuindo os tremores no corpo e o som de choro. Ficamos ali, abraçados, enquanto eu ouvia sua respiração ficar mais calma, até perceber que tinha se entregado ao sono.

Com cuidado, coloquei seus cabelos para o lado, acomodei melhor sua cabeça sobre um travesseiro e a cobri com o lençol mais macio que possuía. Seu semblante estava tranquilo e por todas as emoções que viveu naquele dia, algo me levava a crer que ela dormiria por muitas horas. Mesmo assim, decidi que não me ausentaria do quarto. Tive medo de que despertasse ainda angustiada e não queria que sofresse sozinha.

Puxei uma cadeira para perto da cama e me sentei, pronto para velar aquele sono pelo tempo que fosse, porque provavelmente, era isso que eu faria daquele dia em diante, quando minha herdeira estivesse sendo gerada naquela barriga.

— Kiran que se cuide, mas não vou facilitar para ele — murmurei, começando a pensar nas formas de manter minha filha longe daquele moleque que nem sabia controlar suas asas.

MASSANDRA



CAPÍTULO 27

Os dedos de Kalliope passeavam pelos meus cabelos e mantinha meus olhos fechados. Morte e Praga tinham saído de casa com Kiran para que nós duas ficássemos um tempo sozinhas e eu agradecia muito por isso. Tinha deitado minha cabeça no colo da minha amiga, enquanto contava tudo para ela em detalhes e ao terminar, me sentia muito mais leve.

O prazo tinha terminado, a lua crescente chegara há três dias e eu havia dado início à nova fase da minha vida, mesmo morrendo de medo.

— Eu sei que não podemos comparar as coisas porque seus sentimentos pelo Praga não são iguais ao que eu tinha por Morte na época em que engravidei — disse minha amiga. — Mas acho que essa é a graça da vida, termos experiências diferentes.

— Não significa que eu não gosto do Praga, sabe?

— Claro que sei.

— Eu só não sei... se o amo — completei, engolindo em seco. — Tive muito pouco tempo pra descobrir como me sinto quando estamos juntos de verdade.

Kalliope continuou a acariciar meus cabelos com doçura, quase me fazendo dormir.

— Acho que o amor não é algo que acontece da noite para o dia, amiga. Leva tempo pra descobrirmos nossos sentimentos mais profundos. E sinceramente, você não tem que ter pressa, porque está vivendo uma situação única e completamente inesperada. — Kalli segurou meu rosto entre as mãos e me fez erguer os olhos na sua direção. — Praga precisará entender que você não tem um botão que ativa a paixão. Concordar com a proposta da Deusa não a obriga necessariamente a entregar seu coração para ele. Você já está entregando seu corpo.

— Obrigada. — Sorri. — Quando você se tornou tão sábia?

Nós duas rimos e Kalliope soltou um suspiro, recostando-se novamente no sofá e olhando para o teto por alguns segundos.

— Acho que a gente acaba amadurecendo depois que morre, sabe? — Ela fez uma expressão debochada. — Ou talvez tenha sido a maternidade.

— Bem, seja lá o que tenha sido, a sabedoria a deixou ainda mais bonita, amiga. — Pisquei e ela riu.

— Agora, me conte... — Kalli arregalou os olhos. — Já transaram depois da chegada da lua crescente?

Neguei com a cabeça e acabei me sentando, sem conseguir controlar um sorriso. Puxei minhas pernas para cima do sofá e as abracei, olhando uma vez na direção da porta só para me certificar de que os homens não estavam por ali.

— Estou fugindo do Praga nos últimos dias, porque se depender dele, eu não faço mais nada da vida além de foder. — Kalliope soltou uma gargalhada e eu dei um tapa no braço dela. — Não tem nada de engraçado. Se a gente transasse todas as vezes em que ele me procurasse, eu viveria enferma, assada, quebrada e deteriorada.

— Você vai se acostumar.

— Você se acostumou? — questionei. — Os paus são enormes, Kalli!

— Provavelmente, são iguais aos de Morte. — Ela encolheu os ombros com um sorriso safado nos lábios. — Sério, a gente acostuma. Eu sofria no início também, acredite em mim. Principalmente quando ele usava os dois ao mesmo tempo.

— Eu não sei se reparou, mas sou bem menor que você — falei, gesticulando para meu próprio corpo. — Parece que Praga vai me partir ao meio.

— Se você não gosta, converse com ele e tentem, sei lá, encontrar outras maneiras de se divertirem...

— Mas quem disse que eu não gosto? — Ela gargalhou de novo e tapou a boca. — Só estou reclamando da dor.

Kalliope esticou o pé e me chutou, então pulei sobre ela e a derrubei no sofá, entrando numa guerra de cócegas que detestávamos e que ninguém saía ganhando. Eu já estava gritando e rindo ao mesmo tempo, quando mãos fortes me puxaram pela cintura e me ergueram no ar.

— Quantos anos vocês duas têm? — perguntou Praga ao me colocar no chão.

De longe, Morte parecia nos observar com uma mistura de diversão e incredulidade. Eu ri, ainda ofegante da brincadeira, ajeitando meus cabelos bagunçados e a minha roupa toda amarrotada.

— Não tão velhas para essas besteiras — respondi.

— Vocês atrapalharam a minha vitória sobre Kassie — resmungou Kalliope, levantando-se do sofá e pegando Kiran dos braços do pai. — Qual será o nome da amada do meu filho? Já pensaram nisso?

— Esse pulguento nem chegará perto da minha princesa — disse Praga, estufando o peito e abrindo as asas. — Os planos da Deusa não serão totalmente concretizados.

— Disse o cara que lambe o próprio pau quando está em sua forma animal — Morte zombou, passando perto de Praga e dando um tapa na ponta de sua asa. — Não comece a me tirar do sério.

— Isso tudo é inveja porque seu corvinho é assexuado?

— O sistema reprodutor das aves é diferente, seu idiota.

— Corvo não tem pau! — Praga cantou e ainda assobiou. — Corvo não tem pau!

— É melhor dar um jeito de engravidar logo, Kassandra — Morte sugeriu ao se virar para mim. — Não sei por quanto tempo mais eu mantereí minha serenidade, há chances reais de eliminar a existência de Praga da minha vida.

Com Kiran nos braços, Kalliope passou ao meu lado e meneou com a cabeça para que eu a seguisse escada acima e deixasse as duas criaturas infantis se matarem ali na sala.

•

— Então... foi impossível não ouvir uma parte da conversa de vocês duas... — murmurou Praga quando caminhávamos de volta para casa. — Eu não sabia que era realmente ruim pra você.

— Ruim?

— O sexo.

— Eu nunca disse que é ruim — retruquei, virando meu rosto para observar seu semblante. — Você é grande demais e me machuca de início, mas depois de um tempo, torna-se algo gostoso.

Praga me lançou um olhar de canto, como se não estivesse satisfeito com a minha resposta. Àquela altura do campeonato, eu não esperava ter que entrar num assunto tão íntimo no meio de um campo florido. Uma conversa muito aleatória, mas sabia que havia o risco de

ele escutar o que falei com Kalliope. Essa maldita audição nem sempre ajudava.

— Se eu não tivesse gostado, não teria repetido, ok?
— concluí, querendo encerrar o assunto. — Você só precisa ser paciente.

Senti sua mão tocar em meus cabelos e, aos poucos, deslizar pelas minhas costas. Ela permaneceu ali, na base da minha coluna, transmitindo-me calor e uma sensação de calma que eu sabia ser proposital.

— Quando faremos nossa filha? — questionou Praga.
— Você ainda tem alguma dúvida?

— Sinceramente, não tenho certeza de como me sinto. A ideia de ser mãe é assustadora e emocionante ao mesmo tempo. — Encolhi meus ombros, baixando o rosto e observando meus pés se afundarem levemente na grama conforme andava. — Não posso negar que há uma parte de mim que deseja muito essa criança, mas também temo o desconhecido.

Depois disso, um silêncio se abateu sobre nós durante boa parte do trajeto. Praga até tinha sugerido voar quando saímos da casa de Morte, mas eu pedi que fôssemos caminhando para que pudesse apreciar a noite linda que fazia. Pelo menos, ao lado dele não havia a menor possibilidade de eu ser atraída para o outro lado da barreira, eu estava completamente segura ali.

Eu já podia avistar a superfície parecida com um espelho do lago que ficava perto da residência e onde eu quase tinha morrido. Senti vontade de ir naquela direção e me sentar um pouco à beira d'água, mas temi que o lugar trouxesse lembranças ruins para Praga, afinal de contas, não deve ter sido bonita a visão que ele teve de mim com os pulsos cortados e toda ensanguentada.

Observei o homem ao meu lado, sua postura sempre altiva, as imponentes asas abertas e balançando ao

vento, os cabelos longos caindo por cima dos ombros e as pontas tocando quase sua cintura. Estiquei minha mão e toquei seus dedos, surpreendendo-o e o fazendo me olhar por um segundo.

Eu não tinha nada a dizer, por isso, encolhi os ombros e sorri. Praga entrelaçou os dedos nos meus e voltou a olhar para a frente, continuando o caminho em silêncio. Mesmo com todos os acontecimentos inesperados em minha vida, eu tinha sorte, porque algo me dizia que aquele homem nunca viraria as costas para mim. Se eu parasse e fizesse uma avaliação minuciosa, veria que desde o primeiro dia que nos conhecemos, Praga sempre esteve presente quando precisei. Ele atravessou os mares comigo e nem mesmo quando Kalliope e Morte sofreram aquele acidente, ele me soltou.

— Por que está chorando? — perguntou mesmo que eu tivesse tentado esconder minhas lágrimas silenciosas.

— Por nada — respondi, usando a mão livre para enxugá-las. — Obrigada.

Então ele parou e se virou de frente para mim, soltando a minha mão e apoiando as dele em seus joelhos ao se inclinar para a frente na minha direção.

— Agora você está me assustando — murmurou, estreitando os olhos ao encarar os meus. — O que houve?

Soltei uma risada e o encarei com meus olhos ainda úmidos. Segurei seu rosto com força e encostei nossos lábios só por um segundo antes de soltá-lo.

— Você é muito bonzinho — respondi, sorrindo. — Obrigada.

— Bonzinho? — Praga inclinou a cabeça de lado. — Eu sou um tigre, assim você prejudica minha imagem de predador.

Gargalhei, mas ao mesmo tempo, também chorei. A emoção veio forte, aos soluços, e Praga arregalou os olhos com o susto.

— Você é um gatinho fofo, não um predador!

— Ok, ok, mas pare de chorar...

Eu não conseguia! Até tentei, mas olhava para ele e as lágrimas vinham mais forte, até que o homem diante de mim se transformou em felino e me lambeu com a língua enorme.

Será que eu estava sofrendo com os hormônios da fertilidade? Porque não havia explicação, eu mesma não me entendia. E me sentindo atônita, joguei-me sentada no chão, olhando para as estrelas e o tigre se esfregou em mim, logo se deitando ao meu lado e colocando a cabeça sobre o meu colo.

— Você é esperto — falei, acariciando seus pelos. — Essa sua forma me acalma...

Toquei uma de suas patas, observando as garras retraídas e achando graça quando ele a colocou sobre minha panturrilha e ficou afofando minha pele. Era terapêutico admirar aquele animal enorme que estava ali para me fazer bem e, por isso, senti que fui me acalmando aos poucos, na mesma medida que conversava com Praga.

— Isso significa que nossa filha vai se transformar em tigresa também? Ou ela pode escolher outro animal? Se eu fosse ela, acho que seria uma borboleta.

Praga rosnou e balançou as orelhas. Acho que ele não concordava muito com a minha opinião, mas não importava de qualquer maneira. O grandalhão arrumou a postura e se sacodiou todo antes de esticar as patas na frente do corpo e manter sua altivez com os olhos observando o campo. A única coisa que se mexia era o

rabo, enroscando-se em mim e fazendo carinho na minha pele.

Foi a minha vez de me aproveitar dele, por isso deitei e apoiei minha cabeça em sua barriga, admirando as estrelas sobre nós e pedindo por sabedoria para guiar meus próximos dias.

DRAGA



CAPÍTULO 29

Não tinha certeza se era essa a intenção, mas Cassandra acabou pegando no sono ali mesmo ao ar livre, encolhida contra o meu corpo felino. Eu nem queria me mexer para evitar acordá-la, mas a noite começava a esfriar com a proximidade da madrugada. Era muito interessante ver a garota tão à vontade comigo naquela forma, pois eu imaginava que ela não aceitaria isso muito bem. Sabia que podia ser um pouco assustador pelo meu tamanho, mas a verdade, era que Cassandra havia se encantado com essa minha versão.

Fui o mais delicado possível ao lambe seus pés pequenos e gelados, esperando que acordasse do sono profundo para irmos embora. Ela se movimentou um pouco, se espreguiçou depois de um tempo, então focou os olhos em mim e deu um sorriso bonito.

— Oi, gatinho. — Recebi um afago no focinho. — Você ainda está aqui?

Para onde mais eu iria quando minha vida inteira estava bem ali?

Achei melhor me levantar, sacodi meu corpo para aliviar a tensão e esperei que Cassandra entendesse o que eu queria. Sem pressa alguma, ela finalmente montou em meu dorso e inclinou o corpo até se deitar e abraçar meu pescoço largo.

— Não corra muito — pediu, beijando minha orelha. — Não quero cair, ok?

O peso de Cassandra era mínimo e eu me movia com cautela enquanto ela ainda se acomodava. Fiz o percurso que restava caminhando devagar para que se sentisse segura, até porque a noite estava tranquila e o lago adiante refletia as estrelas do céu como um espelho. Era um cenário sereno e belo, que eu sabia que ela gostava de admirar.

— Obrigada por não me pressionar — murmurou, apertando seu abraço. — Acho que não agradeço o suficiente por tudo o que faz por mim. Mesmo as mínimas coisas... Sei que fui uma pessoa difícil... — Ouvi seu suspiro forte. — Quando eu iria imaginar que estaria ligada a você pro resto da vida?

Apesar de não esperar que ela ficasse me dizendo aquelas coisas, porque nunca fiz nada esperando algo em troca, suas palavras fizeram eu me sentir bem. Queria poder respondê-la naquele momento, mas esperaria chegarmos em casa para voltar à minha forma natural.

Continuei o caminho me mantendo sereno, deixando que a ponta do meu rabo de vez em quando roçasse em alguma parte de seu corpo e a sentindo me acariciar a cabeça sempre que conversava comigo.

Quando parei para que Kassandra saltasse de cima de mim, na porta de casa, e me transformei novamente no homem que ela conhecia, esperei que entrasse primeiro e fui atrás. Estava pronto para me sentar e conversar, quando a garota ergueu os braços e puxou o vestido pela cabeça, deixando-o cair aos seus pés e me dando as costas para subir as escadas.

— Você vem? — perguntou quando viu que eu ainda estava parado.

Senti-me arrepiar de repente, consciente de que faríamos nossa filha naquela noite. Não precisei de mais nenhum convite, apenas a segui escada acima, admirando a visão tentadora de suas curvas dançando para mim enquanto se movia pelos degraus.

Quando finalmente alcançamos o quarto, Kassandra me olhou com um brilho travesso nos olhos e fechou a porta atrás de nós. O ambiente estava banhado pela luz suave da lua, criando até mesmo um cenário romântico e

misterioso, como se a própria Deusa estivesse contribuindo para o momento.

— Seja delicado esta noite — pediu, deitando-se lentamente na cama, completamente nua, apenas os cabelos longos e muito escuros emoldurando a cena ao se espalharem pelo lençol branco.

Eu não sabia ser delicado, então isso já me deixou um tanto quanto nervoso e ansioso. Mas ao contrário de mim, Cassandra exalava sensualidade e confiança.

Com cuidado, me aproximei da cama e me deitei ao seu lado, observando os traços delicados e a pele macia iluminada pela luz da lua. Meus dedos traçaram um caminho suave por sua barriga lisa, sentindo o calor de seu corpo sob meu toque.

— Vou tentar... ser o mais delicado possível — sussurrei, aproximando-me dela. Nossos lábios se encontraram em um beijo lento e apaixonado, e então comecei a explorar cada centímetro de sua pele como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Explorei suas curvas, iniciando pelos seios bonitos e excitados, brincando com os mamilos pequenos e duros entre meus dedos. Em seguida, deslizei a mão pelo abdômen e toquei o umbigo pequeno, acariciando a região logo abaixo e tentando imaginar como aquele corpo ficaria quando a barriga começasse a crescer.

— Sei que ela terá minhas asas, mas espero que se pareça com você — murmurei, encontrando os olhos claros e os notando úmidos. — Dessa forma, poderei olhar todos os dias para as garotas mais lindas do mundo.

Kassandra revirou os olhos e soltou uma risadinha que aqueceu todo o meu corpo.

— Ele sabe ser romântico — brincou, tocando as pontas dos meus cabelos. — Precisamos torcer para que

ela não nasça com duas bocetas, querido. Uma só dá trabalho suficiente, ok?

Senti como se meus tímpanos sangrassem por ser obrigado a ouvir sobre a intimidade da minha filha e achei melhor mudar de assunto antes que as coisas piorassem.

Desci minha mão até o meio das pernas bonitas de Cassandra e acariciei a bocetinha pequena, correndo meus dedos por seus pelos escuros e macios antes de afastar os lábios com eles. Ela soltou um suspiro pesado quando comecei a dedilhá-la com calma, ora brincando com seu clitóris, ora explorando toda a região.

Quando a senti bastante melada, subi sobre seu corpo e beijei sua barriga, trilhando um caminho até suas coxas e enfiando meu rosto bem ali, onde seu cheiro me atingia de forma doce e marcante.

Senti seus dedos se enterrarem em meus cabelos quando caí de boca na boceta quente, lambendo de cima a baixo sem pressa, deixando que Cassandra curtisse o máximo possível. Eu não queria que aquela noite se transformasse apenas num ato automático para procriar e, sim, que ficasse em sua memória como um momento nosso de entrega, como eu esperava que fossem muitos outros.

Estiquei minha mão para apertar seus seios macios enquanto a chupava e ouvia seus gemidos. Suas pernas tentavam apertar meu pescoço entre elas e seus pés, vez ou outra, se esfregavam em minhas costas.

Minhas asas se abriram plenamente, agitando-se conforme a lubrificação de Cassandra ficava mais intensa e escorria pela minha língua. Meus paus pulsavam, pressionados contra o colchão, até que senti a proximidade do orgasmo da minha garota e me ajeitei, subindo e a penetrando com um deles.

Aconteceu junto com a explosão que a atingiu e a fez gozar, esmagando meu membro em seu interior e gritando alto, usando suas unhas para me marcar a pele conforme eu a fodia lentamente, abrindo espaço naquela boceta que se contraía tão forte.

— Praga... isso... — Seus olhos procuraram pelos meus segundos antes de ela revirá-los. — Ah, nossa!

Gozei junto dela, e naquela noite, para aumentar ainda mais nossa conexão, permiti me soltar um pouco e deixar que meu pau inchasse bastante, uma artimanha que gostava de usar quando acumulava bastante sêmen antes de soltá-lo. Isso alargava ainda mais as paredes vaginais da boceta que estivesse me engolindo e parecia levar a dona à loucura.

Kassandra gostou, pois gritava como nunca e rebojava contra mim de um jeito intenso. Deitei-me sobre seu corpo e capturei a boca carnuda, tomando todos aqueles gemidos para mim e estocando sem muita pressa, porém, bem fundo.

— Amo você, *ma khapuri* — declarei de uma vez.

Ela me encarou imediatamente e tocou o canto do meu olho.

— Está chorando?

Afundi meu rosto no vão de seu pescoço e beijei sua pele sem responder. Eu não sabia se estava... Não me lembrava de já ter feito isso alguma outra vez. Só sabia que há algum tempo sentia vontade de declarar isso para ela, porque *ma khapuri* significava “meu destino” em nossa língua. Um idioma que não usávamos há séculos, para ser sincero, porque acabou perdendo a serventia, mas via Morte falar para Kalliope e sonhava poder dizer também para aquela garota arredia.

Kassandra buscou meu rosto com as mãos e me beijou devagar, movendo-se junto comigo até dar

impulso e forçar nossa troca de posição. Eu permiti que me virasse e subisse sobre meu corpo, encaixando-se novamente com a bocetinha quente em meu pau e me cavalgando lentamente. A visão do paraíso era aquela, os cabelos longos balançando e fazendo carinho em minha pele, os seios empinados à minha disposição e o rosto bonito e vermelho, alternando várias expressões de prazer.

As mãos pequenas estavam espalmadas em meu abdômen conforme ela subia e descia os quadris hipnotizantes, rebolando e se esfregando em mim, até jogar a cabeça para trás e começar a gozar.

Observei sua boceta com os lábios abertos engolindo um dos meus paus, então sua mão passou a manipular o outro que descansava duro sobre minha barriga. Gozei com os dois ao mesmo tempo, espalhando fluidos por seus dedos e pele, e fui pego de surpresa quando a semi se afastou e se inclinou para me lambe.

— Porra! — A sensação maravilhosa de seus lábios se fechando ao redor de uma das cabeças e sugando meu gozo me deixou alucinado.

Kassandra chupou um de cada vez até me deixar completamente limpo e me fazer ter um novo orgasmo em sua boca. Quando se deitou relaxada em cima de mim, sua respiração ofegante fazia nossos corpos tremerem juntos.

— Ninguém pode dizer que não fizemos um bom trabalho pra engravidar — comentou, dando um tapinha no meu peito antes de fechar os olhos.

MASSANDRA



CAPÍTULO 29

Olhos amarelos me encaravam quando despertei. O quarto estava parcialmente escuro porque Praga tinha fechado as cortinas em algum momento da madrugada, então a vontade de continuar a dormir por mais algumas horas era grande demais.

— Como está se sentindo? — ele perguntou, com a mão apoiada na minha barriga.

— Exatamente igual ao momento em que peguei no sono — respondi, notando sua frustração. — Não fazem nem vinte e quatro horas que nós transamos, pare de ser ansioso.

— Eu ainda não posso ouvir o coração dela, mas tenho certeza de que já está aqui dentro. — O doido encostou o ouvido na minha barriga. — Eu sinto.

— De verdade?

Praga ergueu a cabeça e me encarou, então encolheu os ombros.

— Bem, não. — Revirei meus olhos. — Mas sei que logo irei senti-la.

Ele era muito dramático mesmo, era óbvio que não estava sentindo nada, porque muito provavelmente ainda não havia nada acontecendo dentro de mim. A Deusa em nenhum momento nos garantiu que eu engravidaria logo na primeira transa da lua crescente.

— Eu espero que você não seja aquele tipo de pai que não deixa a grávida dar um passo sozinha. — Aproveitei que nós dois ainda estávamos nus e montei seu corpo, abrindo minhas pernas e esfregando meu clitóris nos paus que enrijeceram rapidamente. — Quero ser mimada... Faça-me gozar, ok?

— Não acho que seja prudente transarmos sabendo que nossa filha pode estar aí dentro e...

Como assim? A criatura tinha batido com a cabeça em algum momento enquanto eu dormia?

— Praga! — Tapei sua boca com uma mão. — Não começa. Eu vou arrancar suas penas se tiver que passar a gravidez inteira sem sexo.

Ele tocou meus dedos e os afastou com delicadeza, lançando-me um sorriso e apertando a minha bunda.

— Posso usar a boca, gatinha.

— Você tem dois paus — frisei, dando um tapa no rosto dele e apertando seu queixo com minha mão. — Dois! Trate de usar pelo menos um ou vai ver como eu sou quando fico de mau humor.

Era só o que me faltava, ter um homem daquele tamanho à disposição para brincar do jeito que eu tivesse vontade — e precisava admitir que Praga era muito gostoso —, só para do nada ele resolver fazer voto de castidade por causa do bebê que a gente ainda nem sabia se já estava em meu útero. Confesso que nunca me interessei em aprender sobre o processo da gestação, considerando que nunca poderia engravidar. Precisava que Kalliope me ensinasse algumas coisas, porque ela sim cresceu sabendo exatamente o que fazer quando se tornasse mãe.

Tirei qualquer pensamento ou preocupação da mente quando Praga finalmente deixou a frescura de lado e me penetrou, entrando fundo na minha boceta e me alargando com seu pau cheio de veias. Pude dar vazão ao tesão que acordei sentindo e me movi devagar sobre seus quadris, segurando em sua mão e a levando até meu clitóris.

Eu não tive muitas experiências sexuais antes dele, só me entreguei para três rapazes, sendo um deles um traste de Lumiaris que eu não queria nunca mais ver diante de mim. E em todas as vezes que transei, apesar

de nunca ter sentido dificuldade em alcançar o orgasmo, eu jamais gozei da forma como gozava com Praga. Com ele, costumava chegar ao clímax delicioso umas duas, às vezes, até três vezes por ocasião e nem conseguia explicar o motivo para isso.

Não sabia o que havia naquele líquido que seus paus expeliam, mas logo na nossa primeira vez consegui perceber que quando a ejaculação enchia minha boceta, triplicava a minha sensibilidade e me causava um orgasmo quase ao mesmo tempo que o dele. Era surreal e viciante.

Sorri quando Praga apertou meu peito, sempre hipnotizado por eles, e joguei minhas mãos para trás para buscar apoio e me movimentar de outra maneira. Sabia que a posição melhorava a visão que ele tinha de mim e isso o excitava ainda mais, pois gemia sem controle enquanto alisava minha boceta.

— Você é tão linda, gatinha...

Fechei meus olhos, embriagada com o pré-orgasmo que me atingia, e só não desfaleci para trás porque Praga dobrou os joelhos para me segurar meu corpo. Ele gozou comigo, nossos gemidos se misturando assim como nossos fluidos, numa bagunça gostosa que nos trazia o alívio desejado.

Deitei-me sobre o peito dele e senti seus braços me envolverem com força. Acho que estava ficando mal-acostumada de receber aquele abraço que me fazia sentir tão protegida de tudo e todos. Ganhei também um beijo nos cabelos enquanto esperava que minha respiração voltasse ao normal e... era bom. Muito bom. Eu podia mesmo me acostumar com aquela rotina apesar de nunca ter me imaginado vivendo algo assim.

•

Tinha adaptado a receita da espuma de gengibre para uma que combinava muito com determinadas frutas, então estava focada em encher algumas vasilhas com a quantidade que fiz, para não desperdiçar nada. Levaria metade para Kalliope, pois minha amiga cozinhava muito mal e jamais acertaria reproduzir aquela delícia, e a outra metade eu faria de estoque porque não estragava com facilidade.

Saí da cozinha, na esperança de conseguir limpar a bagunça que deixei na sala, quando quase sofri uma parada cardíaca com o que vi. Parada em pé diante da porta principal, estava uma mulher linda, com cabelos e asas alaranjadas, olhando para mim com ternura.

Meus joelhos falharam e eu desabei no chão, tremendo da cabeça aos pés, porque entendia perfeitamente o que aquilo significava. A Deusa tinha vindo na figura daquela que seria a minha filha e nossa, ela era... encantadora. Eu já a amava mesmo sem saber ainda de sua existência, isso ficou bem claro para mim, mas o choque de ter essa percepção era enorme, algo que realmente não esperava.

Tapei meu rosto com as mãos quando senti as lágrimas quentes tomarem conta dos meus olhos. Queria que Praga estivesse presente para também poder ver com seus próprios olhos, mas ele avisara mais cedo que precisava viajar pelos continentes por uns dias. Isso só me fez chorar ainda mais, sabendo que ele perderia esse momento tão precioso, quando talvez o merecesse até mais do que eu. Afinal de contas, foi Praga que nunca desistiu de mim.

— Parabéns pela decisão tomada, Cassandra. — A voz indicava que ela estava bem perto de mim, por isso, levantei a cabeça e encarei a Deusa perto da mesa. — Você está grávida e vai dar à luz a uma mulher que será muito importante um dia.

Eu não conseguia prestar atenção em mais nada além de seu rosto. Ela era uma versão feminina de Praga, até os olhos possuíam a mesma cor. O corpo era esguio, talvez mais parecido com o meu, apesar de ser alta e possuir uma postura de guerreira.

— Por que não esperou pra aparecer quando Praga estivesse presente? — perguntei, forçando-me a levantar para olhá-la mais de perto.

— Praga terá toda a eternidade para ver sua filha — respondeu, me deixando arrepiada. — Você, no entanto, é mortal. Acho justo que saiba como seria a versão adulta de sua filha caso algo lhe aconteça precocemente.

Engoli em seco porque sabia que ela estava certa. A Deusa recuou antes que eu pudesse tocar suas asas e eu me mantive no lugar.

— Há muitas escolhas a serem feitas em seu caminho, Cassandra — declarou.

— Eu achei... — murmurei, massageando meu peito que parecia abafado. — Achei que tivesse ficado clara a minha escolha... Escolhi o bebê.

— Este é apenas o início de uma nova jornada. — Ela sorriu apesar de ter acabado de me deixar amedrontada. — Mas fique tranquila, a energia que não é sua se desprenderá finalmente de seu corpo durante o parto. Os caçadores não terão mais nenhum interesse em você e os poderes que pensa ter adquirido, também se extinguirão.

Ou seja, eu entendi que voltaria ao normal, finalmente. Esperava muito para que isso acontecesse, para que pudesse retomar minha rotina sem me preocupar até mesmo com a minha sombra.

— Boa sorte com a gestação — continuou a Deusa. — Ela será tranquila e a herdeira de Praga virá ao mundo

numa manhã de inverno, trazendo paz e felicidade a vocês.

Abri a boca para falar, mas a Deusa evaporou tão rápido quanto surgiu e me deixou com um milhão de perguntas povoando a minha mente. Precisei me sentar numa cadeira e esperar que minhas mãos e meus pés parassem de tremer, porque ela jogou muita informação em cima de mim. Agora que era real e eu estava gerando um bebê, tinha certeza de que passaria muitos e muitos dias refletindo para não fazer nenhuma besteira pelos próximos anos.

Levei a mão à barriga imediatamente, compreendendo que ela já estava ali dentro. Apenas um dia tinha se passado desde aquela transa e eu adoraria ter a companhia de Praga naquele momento, para que ele pudesse dizer se já ouvia algum coração batendo.

Queria correr e contar para Kalliope, mas como eu ainda não estava livre da energia, não podia correr o risco com os caçadores, então fiquei quietinha dentro de casa. Tentei me distrair com outras receitas que gostava de reproduzir, horas depois fui procurar algum livro para passar a tarde lendo no terraço e terminei a noite fazendo e desfazendo tranças nos meus cabelos.

Por uma providência divina, minha amiga apareceu na minha porta na manhã seguinte, carregando Kiran a tiracolo, e eu pude contar tudo o que aconteceu. Passamos um dia inteiro conversando e tentando tirar conclusões da charada da Deusa, mas nem mesmo Morte, quando ele chegou para buscá-la, foi capaz de me ajudar com alguma teoria. O que me disse e que acabou aliviando o peso em meu coração, foi que ele e Praga passariam os próximos anos procurando uma forma de nos tornar imortais, pois não aceitariam nos perder para o tempo.

Mesmo assim, nada mais importava. Eu tinha visto minha filha, aquilo tornou tudo mais real do que parecia e eu já sentia que faria tudo por ela, até ceder minha própria vida se fosse necessário.

Torci para que os meses se passassem mais rápido, queria senti-la logo nos meus braços, olhar para seu pequeno rosto e ouvir seu choro. Enquanto essa hora não chegava, pude aplacar um pouco a ansiedade com Kiran nos meus braços. Eu o observei com calma quando o peguei no colo e o pequeno sorriu. Me causava tranquilidade saber que minha filha viria ao mundo já estando destinada a alguém que, certamente, teria tanto poder quanto o pai dele. E eu torcia para que se gostassem de verdade, desde sempre, pois assim seriam felizes.

DRAGA



CAPÍTULO 30

Morte e eu tínhamos sido expulsos do quarto e ficamos tomando conta de Kiran, enquanto minha gatinha gritava baixinho do lado de dentro. Eu estava suando pela primeira vez em toda a minha existência e podia quase sentir um coração batendo dentro do meu peito, mas o chato ao meu lado dizia que era apenas impressão minha, que eu só estava nervoso.

De acordo com Kassandra, quando a Deusa a visitou usando a forma de nossa filha, deixou claro que seu parto seria muito tranquilo. Todo o resto se concretizou: era uma manhã linda e estávamos todos muito felizes. No entanto, a semi estava tentando expulsar o bebê fazia mais de cinco minutos.

Cinco! Cinco minutos! Era muito tempo para meus ouvidos aguentarem o choro da garota que amava. Ela parecia em sofrimento intenso e tudo o que eu desejava era abrir aquela porta e a pegar no colo. Mesmo não estando presente bem ali ao seu lado, a gente ainda podia entender tudo o que acontecia do lado de dentro e era angustiante. Queria segurar sua mão e a encorajar a continuar, oferecer meu apoio como ela merecia e poder dizer que estava indo muito bem.

Mas enquanto pensava nisso, um silêncio ensurdecedor tomou conta da casa inteira até que, um segundo depois, ouvi o choro da minha filha. Encostei-me contra a parede, sentindo muitas coisas ao mesmo tempo. Tive apenas a noção da mão de Morte apertando meu ombro e me parabenizando, mas só voltei a raciocinar quando Kalliope surgiu diante de nós. Ela tinha um sorriso radiante, estava descabelada e suada, mas falou:

— Kaori nasceu! — A semi se jogou sobre mim e me abraçou irradiando felicidade. — Parabéns, Praga! Vai ver sua filha!

Tive até medo de derrubar a garota, tão apressado fui em direção ao quarto. Encontrei Cassandra ainda deitada na cama, coberta até a cintura e com os cabelos ocultando os seios que estavam maiores do que o normal há um tempo. Em seus braços, a coisinha mais fofa do mundo, com asas muito finas e pequenas grudadas na pele, uma cabeça careca e olhos até então fechados.

— Ela é linda — murmurou Kassie com lágrimas nos olhos ao me encarar. — Sente aqui ao meu lado.

Eu obedeci, morrendo de medo de encostar nas duas, percebendo que nunca poderia pegar minha filha no colo porque ela era delicada demais. Depositei um beijo nos cabelos escuros da minha gatinha e sorri quando descansou sua cabeça em meu ombro.

— Ela não nasceu com duas bocetinhas, né?

— Não. — Cassandra riu e eu agradei em silêncio. — Quer segurá-la?

— De jeito nenhum.

A semi levantou a cabeça e me encarou com um sorriso, então começou a querer acomodar Kaori nos meus braços antes que eu conseguisse fugir das duas.

— Deixe de ser bobo, você não vai machucar sua filha. — Ela manteve as mãos sobre as minhas. — Vocês serão muito parecidos... Espero que sejam ótimos amigos.

Toda a minha existência passou lentamente diante dos meus olhos, tantas coisas que vivi, tanto que fiz, sempre fui alguém que nunca deixou de experimentar o que sentisse vontade. E mesmo assim, não estava preparado para o sentimento que me atingiu ao ter aquele pacotinho em meus braços. O calor de sua pele, a forma como sua pulsação reverberava em meu peito, a fragilidade que possuía naquele momento, totalmente dependente de mim e sua mãe. Aquela minuto valeu

mais a pena do que todos os séculos que existi sem ter a presença dela ao meu lado.

Ela era perfeita, uma obra-prima da natureza, e era difícil acreditar que eu, Praga, que tinha atravessado eras, agora segurava em meus braços uma vida tão frágil e preciosa. Ao meu lado, Cassandra sorria com ternura, seus olhos irradiando felicidade.

— Kaori... — sussurrei seu nome, sentindo uma conexão profunda e indescritível com aquela pequena criatura que agora fazia parte das nossas vidas.

— Ela vai te amar muito, Praga — Cassandra murmurou, deslizando um dedo pela mão minúscula de Kaori. — Assim como eu amo.

Virei meu rosto e encarei a garota sorridente, que encolheu os ombros e mordeu o lábio.

— Estava esperando o momento ideal pra dizer — confessou. — Peguei você de surpresa?

— Eu só não te joga nessa cama e te dou umas mordidas, porque estou segurando a Kaori.

— Hum, na verdade, a Kalliope disse para depois eu entregá-la a eles dois e pedir pra você me dar umas lambidas aqui embaixo... — A safada piscou. — Para acelerar o processo de cicatrização, entende?

A gargalhada que soltei foi tão alta que a bebê abriu os olhos sonolentos e os fechou depressa, para depois se espreguiçar e me fazer devolvê-la para a mãe, pois eu estava mesmo morrendo de medo de apertar demais algum membro seu.

Não faço ideia de quanto tempo permaneci ali com as duas, apenas admirando a tranquilidade com a qual Cassandra falava com a filha e a segurava. Parecia que tinha feito aquilo a vida toda, o que demonstrava que a maternidade era realmente espetacular. A cena diante

dos meus olhos era simplesmente encantadora. Eu havia testemunhado muitas coisas extraordinárias em minha longa existência, mas nada se comparava àquele momento.

— Você será uma mãe incrível, Kassie — eu disse com um sorriso sincero.

Ela olhou para mim, os olhos brilhando com gratidão.

— Obrigada, gatinho.

A sensação de possuir uma família era avassaladora e eu sabia que nosso futuro estava repleto de desafios, mas também de muito amor.

Depois de ajudar minha garota a se cobrir melhor, deixei que Morte entrasse no quarto para conhecer nossa pequena. Ele trazia Kiran no colo, o pestinha tinha por volta de um ano na idade mortal, mas por ser como o pai, seu tamanho parecia com o de uma criança de três.

— Olhe só para a sua futura namorada, filho — disse Kalliope ao parar perto da cama. — Ela não é linda?

— Eca!

Todos olhamos para o garoto endiabrado, que pulou do colo de Morte, abriu as asas e saiu voando para fora do quarto.

— Como assim, eca? — gritei, correndo atrás dele. — Kiran, você tome cuidado com a maneira que fala da minha filha! Volta aqui, peste!

— Não chame meu filho de peste, Praga! — Ouvi a voz de Kalliope atrás de mim.

— Ele chamou a minha filha de eca! Ela é só um bebê!

Quando alcancei as escadas, pude escutar o som da risada maligna de Kiran lá no primeiro andar. Quem passou por mim foi Morte, abrindo as asas pretas na

minha cara e descendo os degraus ao mesmo tempo em que assobiava. Então, ele olhou por cima do ombro e sorriu.

— Acho que você merece isso, sabe? Por todos os séculos em que me encheu a porra do saco!

— Pois se o seu filho não pedir desculpas para a minha filha, ele nunca encostará esses dois paus minúsculos nela! — alertei, mostrando o meu dedo do meio como havia aprendido com os humanos. — E vou torcer para que ambos gangrenem.

Como Morte me ignorou e continuou descendo as escadas, virei-me para trás e encarei Kalliope. Mas a garota revirou os olhos e me deu as costas, retornando ao quarto onde Kassie estava descansando.

— Vocês dois passarão a eternidade se cutucando — ela resmungou antes de fechar a porta. — Matem-se ou se entendam. Nós, mulheres, não temos tempo para isso.

Ora, parecia até que eu era culpado de alguma coisa, quando estava apenas defendendo a honra da minha princesinha. Cassandra, uma vez, me contou que quando a Deusa apareceu para ela usando a imagem de Kaori adulta, ela tinha o porte altivo de uma guerreira. Pois eu esperava mesmo que crescesse bem forte e destemida para arrancar todas as penas daquelas asas pretas de Kiran.

MASSANDRA



EPÍLOGO

Cinco anos depois

Até podia parecer, num primeiro momento, que aqueles dois nunca seriam amigos. Afinal de contas, Kiran teve uma certa resistência para aceitar que não era mais a única criança entre nós e que precisaria dividir a atenção com Kaori. Por um tempo, eu cheguei a pensar que minha filha estaria fadada a correr atrás do menino caso realmente se apaixonasse por ele no futuro, mas o tempo serviu para surpreender a todos nós.

De tamanhos que os faziam parecer como jovens na puberdade, nossas crianças nada mais eram do que... crianças. Inocentes e puras, elas viviam soltas e juntas o tempo todo, grudadas uma na outra como se tivessem nascido daquele jeito. Eu não poderia me sentir mais feliz por saber que ambos se completavam e se gostavam como tinha que ser, porque seria muito solitário para qualquer um dos dois, se um deles não existisse.

Kaori possuía um espírito aventureiro e destemido, enquanto Kiran servia para equilibrar a balança e a proteger de qualquer perigo, pois era mais centrado e observador. Ele havia puxado a personalidade de seu pai, enquanto minha menina, bem, sabemos que o jeito efusivo de Praga tinha sido transferido para ela.

No caso das duas crianças, era Kiran quem consertava o que Kaori quebrava, que pedia desculpas quando ela errava, quem tomava as dores quando ela sofria. Conforme ambos cresciam, ficava cada dia mais nítido que estariam sempre presentes um para o outro e que realmente não havia a menor possibilidade de separá-los.

Kalliope se acostumou a não ter seu filho pelas manhãs, porque todos os dias que eu abria a porta do quarto de Kaori, encontrava os dois dormindo abraçados.

O garoto sempre voava de noite para a minha casa e entrava pela janela, e mesmo quando Morte conseguia proibi-lo ou impedir que saísse, era minha filha que aprontava e fugia para o outro lado da colina.

Usei minhas mãos para torcer meus cabelos molhados, em seguida, sentei-me ao lado de Praga e beijei seu rosto. Tínhamos ido até uma cachoeira que ficava bem longe de casa, minha amiga e eu organizamos o passeio vários dias antes porque nossos homens nunca tinham tempo para relaxar e curtir um momento em família. Mas agora, estávamos todos aqui, aproveitando um dia lindo e observando nossos filhos disputarem quem saltava da pedra mais alta.

— Eu não sei por que Kiran não desiste — murmurou Praga, estalando a língua. — Ele sabe que Kaori sempre vai ganhar. É melhor que aprenda a ceder logo do que quando começar a ter problemas reais.

— Talvez seja porque Kaori é teimosa como o pai — retrucou Morte, sentado um pouco mais adiante.

— Por que não tira o nome da minha filha da boca?

— Porque você não para de falar do meu filho.

Kalliope e eu nos entreolhamos e nos levantamos para nos afastarmos dos dois birrentos. Decidimos nos sentar perto da água e deixar que nossos pés se molhassem, era melhor do que aturar Praga e Morte discutindo infantilidades o dia todo, porque um não aceitava perder para o outro.

— Mãe! — Ouvi a voz de Kaori e ergui meu rosto na direção da pedra em que estava. — Olhe! Papai!

A criança mergulhou de cabeça de uma altura de mais de cinquenta metros, descendo como um raio e rasgando a superfície da água ao mergulhar. Kiran veio logo atrás dela e, quando Kaori emergiu, estava chorando alto. Meu coração quase saiu pela boca quando

me levantei, apavorada, porque apesar de serem imortais, os dois herdaram a fragilidade de suas mães e podiam sentir dor de vez em quando.

— O que foi, filha? — Praga voou até ela bem depressa, mas Kiran havia chegado primeiro e a pegara no colo, em seguida, deu um beijo em sua boca.

Calma. O quê?

Antes que eu conseguisse dizer algo, Praga virou a cabeça na direção de Morte e apontou para ele.

— Eu vou te matar pra não matar o seu filho!

— Ah! — gritei, me jogando de costas no chão e Kalliope entrou na minha onda, abanando a mão no meu rosto.

— Alguém socorre aqui a Kassie!

— Ai, ai ai! — gemi, sendo erguida no colo por Praga. — Está doendo muito, amor.

— Onde? O que foi? — O homem se desesperou, tocando todo o meu corpo. — Fala comigo, gatinha.

— Não sei... — murmurei, gemendo mais um pouco. — Por que não vamos embora? Acho que o sol me fez mal...

Virei o rosto e pisquei para Kalliope, que tratou de recolher as nossas coisas e chamar as crianças. Eles estavam errados e nós precisaríamos conversar com os dois para entendermos porque começaram aquela troca de carinho. Era algo que nos preocupava, visto que seus corpos pareciam preparados para namorarem, porém, ainda tinham idade mental de crianças.

Eu só não queria ter que escutar Praga e Morte, pela milésima vez, apontando um para o outro e brigando como dois idiotas. Eles nunca faziam absolutamente nada além de se ameaçarem e eu sabia que nunca fariam, mas tornava tudo chato demais. Tinha sido assim

por anos e algo me dizia que ainda seriam por décadas, talvez séculos. No fundo, Kalliope e eu já tínhamos entendido que um não vivia mais sem o outro e se amavam, mesmo que fosse do jeito estranho deles.

— Amo você, *ma khapuri* — falei quando Praga juntou nossas testas, enquanto me carregava para casa.

— Também amo, gatinha. Mas não pense que não arrancarei as asas de Kiran ainda hoje.

Kaori passou voando por nós e voltou, virando-se de frente e batendo as asas da cor do pai. Ela abriu um sorriso que sempre o quebrava totalmente e formou um coração com as duas mãos.

— Não pode fazer mal ao K, papai — disse minha filha. — Meu coração é dele e o dele é meu!

— Mas sabe o que o papai pode fazer, querida? — Abafei o riso quando Praga abriu um sorriso louco. — Prendê-la no terraço pelos próximo oitenta anos.

Kaori fez cara de choro e engoliu um soluço, mas assim que o garoto passou ao nosso lado, ela esqueceu completamente da ameaça e voou na direção dele, montando em suas costas e deixando que a levasse embora, porque Kiran era muito mais rápido do que Morte e Praga.

— Lembre-se da última visita da Deusa — comentei, alisando o rosto do meu gatinho. — Ela avisou que os dois foram feitos para o mundo, não para nós.

— Que se dane o que ela pensa. Minha filha é minha e de mais ninguém.

— E do Kiran — debochou Morte, de repente surgindo ao nosso lado com Kalliope no colo e voando para longe de nós antes que Praga reagisse. — Aceita, seu idiota!

Tapei a boca que estava prestes a proferir muitos xingamentos e ele revirou os olhos para mim.

— Podemos só voltar pra casa em paz? — pedi. — Eu conversarei com Kaori depois, ok? O importante é que ela sempre vai te amar, você sabe disso.

Praga soltou um suspiro pesado e estalou a língua. Não falou mais nada, só beijou a minha testa e se concentrou no caminho, voando um pouco mais alto para me levar para passear entre as nuvens.

Aprendi a amar cada pedaço dele e cada momento que me doava de sua vida infinita. Era aquele por quem eu esperava todos os dias e a quem tinha entregado meu corpo e minha alma, em prol de um futuro que, talvez, eu nem mesmo estaria aqui para experimentar, mas onde minha melhor parte viveria para sempre.

FIM



CONVERSINHA

Espero que tenha gostado o suficiente do livro para chegar até aqui! Então, se gostou, que tal expor sua opinião para que outros leitores possam se interessar pela história? É rapidinho, basta deixar uma avaliação na Amazon em poucas palavras (ou muitas, depende da sua inspiração) e eu vou ficar extremamente feliz quando ler. Muita gente não sabe como a avaliação é importante tanto para conquistar novos leitores como para incentivar a nós, autores, escrevermos sempre mais.

Se você não curtiu o livro, tudo bem, acontece! Vou torcer para que em outro momento encontre algum trabalho meu que te conquiste para podermos mudar essa impressão ruim, ok?

Se encontrou algum erro de revisão durante a leitura, pode reportar à Amazon que eles sinalizarão para que eu conserte. Ou pode me procurar pelas redes sociais e falar diretamente comigo, eu não mordo e sou muito tranquila com isso.

Obrigada!



AGRADECIMENTOS

Hoje o meu agradecimento mais do que especial é para todas aquelas pessoas que sempre compram meus livros e são as responsáveis diretas por possibilitarem sempre a criação de novas histórias, de tantas que tenho para contar. Obrigada por se fazerem presente e acompanharem meu trabalho!

Agradeço diariamente a Deus por ter me colocado nesse caminho e por me dar condições de trabalhar com o que mais amo.

Beijo da Kel!



CORRE MIM

Estou tentando descobrir até hoje. Incrível, não é? Mas a vida é assim mesmo, uma constante evolução, mudanças e mais mudanças, cicatrizes que vão formando nossa história e sonhos que vão se renovando.

Eu comecei a escrever em 2008, quando me tornei uma fã obcecada por *Crepúsculo* e passei a frequentar muitas comunidades no *Orkut* (pois é, olha a idade aparecendo). Não demorou para que decidisse me aventurar pelo universo das *fanfics* e tomei coragem para criar as minhas, até que me vi ganhando certa relevância naquela rede social e me animei a escrever as minhas próprias histórias.

Foi daí que surgiu **Fortaleza Negra**, o primeiro livro que publiquei por uma editora tradicional. Inicialmente, era para ser uma trilogia e só existia em formato físico, mas no meio do caminho eu descobri o mundo dos livros digitais e me apaixonei. Passei algum tempo trabalhando exclusivamente com literatura fantástica, até que decidi me arriscar um pouco pelo mundo dos romances. Foi um caminho sem volta e hoje não me vejo parando de escrever o gênero, apesar de querer muito conciliá-lo com os demais.

Nasci em 1983, faço aniversário dia 24 de agosto e sou uma virginiana meio lá meio cá. Sabe? Aquele tipo de pessoa que se adequa pela metade em seu signo. Por exemplo, sou muito perfeccionista, neurótica com coisas desalinhadas, cores ou padrões descombinados, excessivamente pontual e extremamente analítica, meio chata com higiene e racional demais para relacionamentos. No entanto, você seria capaz de se perder em meu quarto de tão bagunçado que ele é, minhas roupas estão sempre amarrotadas e sou uma das maiores procrastinadoras que conheço.

Mas eu sou gente boa, juro que sou. Se me encontrar pessoalmente, não pense que sou antipática, sou apenas tímida num primeiro momento. Sou alguém

que se for reconhecida na rua, primeiro vai olhar para trás só para conferir se é comigo que estão falando, depois vai ficar vermelha, e em seguida, vai bater o maior papo com a pessoa. Nas redes sociais, tendo a me soltar muito mais, então não estranhe se você acessar meu *Instagram* e achar que sou louca, que ninguém mais ou menos normal passaria metade dos vexames que eu passo. Sou bem aleatória e posso falar sobre cachorros e gatos, sobre músicas antigas, minha paixão por carros, soltar minha afinação vocal no seu ouvido ou sei lá, postar uma foto de alguma comida bem gordurosa. E isso tudo pode acontecer só num único dia. Ou eu posso simplesmente sumir por uma semana porque deu vontade ou porque estava com a energia baixa. Todos nós temos os nossos momentos bons e ruins.

Ah, só para constar, algo muito importante: você provavelmente vai me ver falando muito sobre doramas, BTS e cultura coreana. Desculpa, é difícil demais me controlar. Aqui tem um coração de *army* batendo forte.

Tenho tatuagens, moro no Rio de Janeiro, não sou muito fã de praia, tenho certeza de que sou um unicórnio e nunca passo muito tempo com o mesmo corte ou cor de cabelo.

Acho que deu para me conhecer um pouquinho, mas se quiser saber mais, estou sempre disponível no *Instagram*. É só clicar e começar a me seguir!

Um beijo!

CONHEÇA MEUS LIVROS DE FANTASIA



[@kelcosta.oficial](https://www.instagram.com/kelcosta.oficial)



[@kelcostaoficial](#)



[@kelcosta_k](#)